

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**Eduardo Garcia Valle**

**CONTOS, CRÔNICAS E TESTEMUNHO: A FICÇÃO E  
A HISTÓRIA EM PRIMO LEVI**

AGOSTO DE 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**Eduardo Garcia Valle**

**CONTOS, CRÔNICAS E TESTEMUNHO: A FICÇÃO E  
A HISTÓRIA EM PRIMO LEVI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Professora Dra. Regma Maria dos Santos.

AGOSTO DE 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

V181c    Valle, Eduardo Garcia, 1983-  
2013        Contos, crônicas e testemunho : a ficção e a história em Primo Levi /  
              Eduardo Garcia Valle. -- 2013.  
              112 p.

Orientadora: Regma Maria dos Santos.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.  
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. Literatura e história - Teses. 3.  
Holocausto judeu (1939-1945) - Teses. 4. Levi, Primo, 1919-  
1987 - Crítica e interpretação - Teses. I. Santos, Regma Maria  
dos. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de  
Pós-Graduação em História. III. Título.

---

CDU: 930

**Eduardo Garcia Valle**

**CONTOS, CRÔNICAS E TESTEMUNHO: A FICÇÃO E  
A HISTÓRIA EM PRIMO LEVI**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Dra. Regma Maria dos Santos (Orientadora) (UFU)

---

Prof. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira - UFU

---

Prof. Dra. Márcia Pereira dos Santos – UFG/CAC

Auschwitz me marcou, mas não me tirou o desejo de viver. Ao contrário, esta experiência aumentou meu desejo, me deu um objetivo na vida: de dar testemunho para que isso nunca volte a acontecer.

Primo Levi

## Agradecimentos

Essa dissertação de mestrado significa o trabalho de aproximadamente três anos de pesquisa. Nessa longa trajetória, algumas pessoas foram fundamentais para que a conclusão deste fosse possível. Agradeço a minha esposa Paula, pelo companheirismo e por nunca deixar que os momentos mais difíceis afetassem meu trabalho. A minha filha, Luiza, por ser a grande fonte de inspiração de minha vida.

A minha orientadora professora Regma Maria dos Santos, pela orientação e companheirismo. Agradeço por acreditar neste trabalho, principalmente por “abrir meus olhos” para a perspectiva do estudo da parte “ficcional” de Primo Levi, apoio nos momentos mais difíceis, sua simplicidade e compromisso me deram grande inspiração para me tornar uma pessoa melhor.

A professora Márcia Pereira dos Santos, suas proposições na banca de qualificação foi uma “verdadeira” aula sobre memória, história e narrativa, contribuiu muito para o texto final desta dissertação.

A professora Kênia Maria de Almeida Pereira, muito divertida, seus argumentos serviram para abrir novas percepções, principalmente nas relações entre história e literatura, as possibilidades de pesquisa neste campo. Com certeza, as dicas que não foram incorporadas nesta dissertação, serão feitas em outro momento, quiçá em um doutorado!

As professoras Jacy e Joana Muylart, pelos ensinamentos da disciplina História e Memória, fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao professor João Marcos, pela paciência e disposição em ajudar, principalmente na elaboração da estrutura desta dissertação, nas dicas preciosas e pelos papos descompromissados na hora do café.

Ao professor Florisvaldo Paulo Ribeiro, um companheiro desde a época da graduação, foi um dos grandes incentivadores neste projeto, e além da História, compartilhamos o gosto pelo melhor time do mundo, o Flamengo!

Aos secretários do PPGHIS, sempre solícitos em atender, principalmente na hora do desespero!

Aos meus colegas de curso, todos eles! Que me ajudaram a compor esta dissertação, ou pelos papos e debates nos corredores da Universidade.

A Alexandre Ferreira Mattioli, pela amizade, companheirismo durante todo este percurso, presente desde o início, das viagens intermináveis, das risadas no “bar do torresmo”, dentre outras aventuras que serão inesquecíveis!

A Marcelo Marques Ferreira, o “Pudim”, que me deu abrigo em toda trajetória do mestrado, sempre disposto a ajudar, amigo de todas as horas e de muitas risadas!

A Luciana Tavares Borges, amiga desde o primeiro período de graduação, agradeço a ajuda, a disponibilidade de sempre me transmitir palavras tranquilizadoras.

A Lidiane Alves do Nascimento, pela difícil tarefa de corrigir minha dissertação, seu esforço fez com que este trabalho ficasse mais apresentável.

Agradeço também a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, a força dada pelos meus alunos para que continuasse sempre em frente, quando a vontade de desistir era mais. Enfim, muito obrigado a todos!

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
 <b>CAPÍTULO I – História e Literatura. Primo Levi, a arte de escrever e o fardo de autor testemunhal.</b>	
1.1– História e Literatura: Crônicas, Contos e suas representações.	22
1.2 – O regresso a Turim: e a necessidade de testemunhar.	32
1.3 – O Paradoxo da escrita em Primo Levi: A necessidade de escrever e o fardo de autor testemunhal.	36
1.4 – Lilith – Passado próximo, futuro indefinido	44
 <b>CAPÍTULO II – História, memória e Literatura testemunhal. Primo Levi e sua luta política contra o revisionismo do Holocausto.</b>	
2.1 – Memória, Esquecimento e História: Algumas reflexões teóricas e metodológicas	74
2.2 –Trágico fim de Primo Levi: Sua depressão e o tema do suicídio no conto Rumo ao Ocidente	81
2.3 – Memórias em vão: A indignação de Primo Levi diante do crescimento do revisionismo e negacionismo do Holocausto.	87
2.4 – Negacionismo, Ética e justiça: A falsificação da Escrita da História.	96
2.5 – Primo Levi e a dimensão moral do testemunho.	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	106
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	108



## RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo uma discussão sobre história, memória e esquecimento a partir da leitura reflexiva da obra do escritor italiano Primo Levi, tendo em vista seus contos e crônicas publicados no jornal “*La Stampa*” de Turim, reunidos posteriormente no livro “*71 Contos*”, interessando, principalmente, nesta dissertação, “*Lillit- passado próximo*”. Subsidiariamente, serão consultadas obras como *É isto um Homem?*, *A Trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*. Pretendemos discorrer também sobre a luta política empreendida por Primo Levi, principalmente, por meio de artigos em periódicos italianos, contra o revisionismo e o negacionismo do Holocausto. Por fim, discutir as dimensões políticas e éticas do Holocausto, buscando, a partir da obra de Primo Levi e Zygmunt Bauman, dimensionar o Holocausto com questões atuais, destacando o que podemos aprender com as experiências traumáticas de horror. Importa ainda a discussão da ampliação do conceito de testemunho, para que todos, através de uma percepção sensível e ética, ao entrar em contato com testemunhos de desumanidade e horror, sejam também considerados testemunhas.

**PALAVRAS-CHAVES:** História - Literatura – Primo Levi – Holocausto.

## **ABSTRACT**

This work aims at a discussion of history, memory and oblivion from the reflective reading of the work of the Italian writer Primo Levi, considering his tales and chronicles published in the newspaper "La Stampa" of Turin, meeting later in the book "71 Stories" interested primarily in this dissertation, "Lullaby-near past. "Alternative, will be consulted as works Is this a man?, And The Truce The drowned and the survivors. Also intend to discourse on the political struggle waged by Primo Levi, mainly through articles in Italian periodicals, against revisionism and Holocaust denial. Finally, discuss the ethical and political dimensions of the Holocaust, seeking from the work of Primo Levi and Zygmunt Bauman, scale the Holocaust with current issues, highlighting what we can learn from the traumatic experiences of horror. It further discussion of extending the concept of testimony, that all through a sensitive awareness and ethics, on contact with testimonies of inhumanity and horror, are also considered witnesses.

**KEYWORDS:** History - Literature – Primo Levi – Holocaust.

## INTRODUÇÃO

O estudo da memória e do testemunho dos sobreviventes do Holocausto tem adquirido atualmente grande destaque na Universidade e em publicações voltadas para um público mais geral. Representações do Holocausto ou Shoah<sup>1</sup> estão difundidas em diferentes linguagens, livros, filmes, museus e em *sites* da *internet*. Por ser um tema delicado e que propicia acalorados debates, o estudo do Nazismo e do Holocausto é de fundamental relevância política e histórica, servindo como testemunho de um dos acontecimentos mais violentos e cruéis do século XX, ao mesmo tempo em que soa como alerta para outros “Holocaustos”, perpetuados com o mesmo horror e crueldade na contemporaneidade.

Esse trabalho tem como objetivo uma discussão sobre história, memória e esquecimento a partir da leitura reflexiva da obra do escritor italiano Primo Levi, seus contos e crônicas publicados no jornal “*La Stampa*” de Turim, reunidos posteriormente no livro “*71 Contos*”, interessando especificamente, nesta dissertação, *Lillit- passado próximo*. Subsidiariamente, serão consultadas obras como *É isto um Homem?*, *A Trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*.

Primo Levi foi um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, campo de concentração onde milhões de prisioneiros judeus e “não-arianos”<sup>2</sup> foram assassinados pelos nazistas. Como sobrevivente, narra, de forma surpreendente, em suas obras, os horrores vividos nos campos de concentração. Por meio de suas memórias, elabora uma narrativa que não pertence a si próprio, mas a todos os judeus e minorias que vivenciaram o horror dos campos de concentração e, por algum motivo, não deixaram seu testemunho. É preciso salientar que o material mais relevante para a reconstituição da “verdade” sobre os campos de concentração é constituído pelas memórias dos

---

<sup>1</sup> Os dois termos são utilizados para designar o genocídio perpetrado contra judeus e não-arianos. Neste trabalho, usaremos o termo Holocausto, pois como um dos objetivos do trabalho é ampliar o conceito de testemunho por delegação, popularizar a memória do Holocausto, utilizaremos o termo mais cristalizado e conhecido por um público mais geral.

<sup>2</sup> É importante lembrar que outros grupos sociais também foram perseguidos pelo regime nazista, por isso, foram levados aos campos de concentração. Os homossexuais, opositores políticos de Hitler, doentes mentais, pacifistas, eslavos e grupos religiosos, tais como as Testemunhas de Jeová, também sofreram com os horrores do Holocausto. Dessa forma, podemos evidenciar que o Holocausto estendeu suas forças sobre todos aqueles grupos étnicos, sociais e religiosos que eram considerados uma ameaça ao governo de Adolf Hitler.

sobreviventes. Levi narra não só sua experiência, mas tem a consciência de falar em nome de quem perdeu, antes da possibilidade de escrever o sentido do próprio “eu”.

É importante compreender que quem testemunhou as atrocidades cometidas nos campos de concentração nazistas eram testemunhas “diferenciadas”, pois, de alguma forma, desfrutavam de privilégios e podiam enxergar do alto, sem se dobrar à autoridade dos campos, analisando melhor a totalidade. Essas testemunhas, na maioria das vezes, eram presos políticos perfeitamente cientes de que seus testemunhos eram como armas de guerra contra o nazismo. Os outros prisioneiros, ou não tinham a intenção de elaborar um relato, ou não tiveram tempo de vida suficiente para isso. Primo Levi ressalta que os sobreviventes não constituíam as verdadeiras testemunhas:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os ‘muçulmanos’, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção. Sob um outro céu, mas sobreviventes de uma escravidão análoga e diferente<sup>3</sup>.

Nesse ponto, é interessante citar o filósofo italiano Giorgio Agamben<sup>4</sup>, segundo o qual Primo Levi uma autêntica testemunha, narra sem intenção de julgar ou condenar. O testemunho, para Levi, deve ser feito em uma linguagem objetiva, assemelhando-se a um depoimento diante de um tribunal. Dessa forma, deve se apresentar de maneira verídica, contemplando o máximo de detalhes possível.

Em seus testemunhos, Levi explicita que o fato de ter sobrevivido não foi de “pouca sorte”. Deportado apenas no ano de 1944 conseguiu sobreviver à viagem feita em vagões de trem chumbados pelo lado de fora. Ao chegar a Auschwitz, foi julgado apto ao trabalho e enviado aos campos de trabalhos forçados. Naquela altura da guerra, devido à escassez de mão de obra, os nazistas preferiram destinar os judeus saudáveis para o trabalho escravo em vez de mandá-los diretamente para as câmaras de gás. Mesmo assim, dos 650 judeus italianos do comboio de Levi, somente 95 homens e 29

---

<sup>3</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes ; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pág-47.

<sup>4</sup> AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III); tradução Selvino J Assmann . – São Paulo: Boitempo, 2008.

mulheres sobreviveram à primeira seleção. Levi sempre mencionava que estava vivo “graças a uma combinação de rara sorte”.

Em sua obra *É isto um Homem?*, Primo Levi descreve sua trajetória e a de todos os sobreviventes em Auschwitz. O autor discorre sobre o processo utilizado pelos alemães para aniquilação do homem, para transformá-lo em nada, em um ser com apenas um número marcado na carne em forma de tatuagem. Primo Levi ressalta, a esse respeito, que em sua língua não existem palavras capazes de narrar com exatidão as atrocidades cometidas, aquele tipo de ofensa era o fundo do poço:

Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos<sup>5</sup>.

Nessa primeira obra, o autor narra o cotidiano dentro do campo de concentração, a impiedosa luta pela sobrevivência, as “seleções” feitas pelos nazistas dos prisioneiros destinados ao extermínio, à fome sempre insaciável – uma fome nunca imaginada –, o trabalho desumano, a violência dos “Kapos”, o frio e a imundície, as humilhações e, principalmente, a apatia que os derrotava. É lícito também enfatizar a primordial necessidade de se adaptar àquele inferno onde tudo era proibido, apenas pela razão de ser proibido.

A experiência vivida dentro do campo de concentração assume tal proporção que, geralmente, apaga tudo o que aconteceu antes e tudo que ocorrerá depois. Nesse sentido, podemos citar o texto de Walter Benjamin<sup>6</sup> a respeito da perda da experiência, do declínio das tradições. Benjamin cita a fábula em que o pai, no leito de morte, transmite aos seus filhos ensinamentos que são compreendidos como a perpetuação das tradições para demonstrar que, quando isso acontece, é passado de geração a geração algo maior que pequenas experiências individuais. Para o autor, essa perda da experiência acarreta o desaparecimento das tradicionais formas de narrativa, pois esta tem sua fonte na memória comum e também na transmissibilidade. Com o advento do século da catástrofe, nome designado ao século XX, o presente como catástrofe,

---

<sup>5</sup> LEVI, Primo. *É isto um Homem?*. São Paulo: Editora Rocco, 1985. pág-25.

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin.- São Paulo: Brasiliense, 1989.

iniciado na Primeira Guerra Mundial, as experiências vividas perderam sua narrativa, pelo próprio motivo de não se poder assimilá-las com palavras.

Em sua obra, Levi discute que o campo de Auschwitz é uma representação singular, a experiência nos Lagers<sup>7</sup> é uma ruptura com a existência de tudo que existia até então, configurando uma zona de irrealidade que foge aos padrões estabelecidos pelo mundo. É capcioso afirmar se essa é realmente a concepção de Levi a respeito dos Lagers, mas podemos ressaltar que *É isto um Homem?* é sua primeira obra após Auschwitz e, dessa forma, em outras obras, é possível que ocorram opiniões discrepantes.

Em *Os afogados e os sobreviventes*, Levi nos ajuda a refletir sobre a memória e sua conservação com o passar do tempo. É interessante ressaltar que essa obra foi escrita em 1986, ou seja, é a última na qual o autor expõe, com muita lucidez, o fenômeno da deformação das lembranças que, de certa forma, aproxima as vítimas dos opressores, mecanismo esse, às vezes, necessário para a sobrevivência após Auschwitz. Muitos foram os sobreviventes que fizeram a “escolha” de esquecer para tentar viver. Devemos entender, nessa “escolha”, a necessidade da libertação de um passado. Podemos verificar numa passagem do capítulo “A memória da ofensa”, algo que elucide o entendimento desse processo:

A recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa<sup>8</sup>.

O interessante nessa obra é que, diferentemente do que ocorre em *É isto um Homem?*, o sistema representado dentro do campo de concentração não difere muito do mundo a que os judeus estavam submetidos dentro da Alemanha, principalmente com o advento de Adolf Hitler ao poder, já a partir de 1933. É claro que devemos ressaltar as diferenças e as peculiaridades existentes dentro dos campos de concentração. Podemos afirmar que existia, dentro dos campos de extermínio, uma organização que não era totalmente diferente daquela do mundo exterior. Os mecanismos de funcionamento dos

---

<sup>7</sup> Ao longo deste trabalho, utilizamos *Lagers* e campos de concentração como sinônimos.

<sup>8</sup> LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*; tradução Luiz Sérgio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pág-10.

*Lagers*, esse mundo concentracionário, possuía uma estrutura interna incrivelmente complicada.

Podemos assegurar que, entendendo a história como um processo em que, a experiência dos *Lagers* começou a ser delimitada a partir das leis segregacionistas impostas na Alemanha nazista, desde a subida de Hitler ao poder, a situação dos judeus alemães foi se deteriorando lentamente, sendo o campo de concentração o seu estágio mais avançado. Devemos aceitar o fenômeno dos campos de concentração como pertencentes à época moderna, entendendo-o como uma manifestação sem precedentes, mas não como algo “fora da realidade”. O fato é que esse fenômeno aconteceu e isso foi possível a partir de medidas adotadas num processo de longa duração. Acreditamos que *Os afogados e os sobreviventes*, de certa forma, é a obra melhor acabada de Primo Levi, porque incorpora elementos que só uma reflexão em longo prazo pode explicar. Nessa obra, Levi discorre sobre sua lembrança em relação aos horrores nazistas e faz uma reflexão sobre o tema que mais o angustiava: será que o mundo que permitiu a formação dos campos de concentração realmente desapareceu com o fim do regime nazista ou, de certa forma, pode voltar? O autor, de forma peculiar, acredita que esse perigo não acabou e, se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo.

Assim, Primo Levi compartilha as concepções críticas de Zygmunt Bauman<sup>9</sup> sobre certas visões que argumentam, em princípio, que o Holocausto pode ser explicado de maneira simplista e irreflexiva, como se fosse apenas um crime horrendo, “perpetrados por criminosos cruéis, obcecados por uma ideia louca e depravada”<sup>10</sup>. Essa visão simplista, “acreditava (mais por omissão que por deliberação) que o Holocausto fora uma interrupção do curso normal da história, um câncer no corpo da sociedade civilizada, uma loucura momentânea num contexto de sanidade”<sup>11</sup>. Para Bauman, na medida em que o quadro da pesquisa histórica avançou, evidenciou-se que a civilização moderna não foi, *a priori*, a causa do Holocausto, mas, uma condição indispensável. O autor destaca que o mundo racional e a civilização moderna tornaram viável o planejamento e a execução do Holocausto. Em suas palavras:

O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema

---

<sup>9</sup> BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Holocausto; tradução Marcus Penchel.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

<sup>10</sup> Ibidem.p.9.

<sup>11</sup> Ibidem.p.10.

dessa sociedade, dessa civilização e cultura. A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença ofensiva às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida<sup>12</sup>.

Primo Levi escreveu diversos relatos sobre sua experiência nos campos de concentração. No âmbito dos estudos acadêmicos, sobre literatura e testemunho no Brasil, seus principais livros, *É isto um Homem?*, *A Trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*, tornaram-se objetos constantes de investigações. Outra parte, menos explorada e com caráter quase inédito, é sua literatura ficcional, que compreende artigos, contos e crônicas, publicadas em princípio, no jornal “*La Stampa*” de Turim. Parte de sua produção ficcional foi publicada no volume *71 contos*<sup>13</sup>, que reúne três livros de Primo Levi: *Histórias naturais* (*Storie naturali*, 1966), *Vício de forma* (*Vizio di forma*, 1971) e *Lilith* (*Lilit*, 1981).

No momento em que *Storie naturali* foi publicada, Primo Levi já era reconhecido mundialmente como um dos principais autores da literatura de testemunho. Dessa forma, a incursão do autor no campo da literatura ficcional, aparentemente descompromissada, gerou dúvidas e muita crítica. Segundo Maurício Santana Dias:

É como se Primo Levi fosse um patrimônio cultural da humanidade e estivesse condenado a repetir eternamente os horrores do Lager, alertando sobre os perigos do totalitarismo, do fanatismo ideológico e da intolerância: não era admissível, pois, que sua voz se perdesse em divertimentos desse tipo<sup>14</sup>.

Ao escrever uma literatura fantasiosa, em um primeiro momento, descomprometida, “Levi estava indiretamente reivindicando para si o direito de todo escritor tem que criar o que bem quiser”<sup>15</sup>. Mesmo essa escrita sendo considerada pura diversão e fantasia, ela nunca deixou de estar sutilmente relacionada à sua atuação política traduzida por seus testemunhos:

Entrei (inopinadamente) no mundo da escrita com dois livros sobre os campos de concentração; não cabe a mim jogar-lhes o valor, mas eram sem dúvida livros sérios, dedicados a um público sério. Propor a esse mesmo público um volume de contos-entretenimento, de armadilhas morais talvez divertidas, mas distanciadas e frias, não

---

<sup>12</sup> Ibidem.p.12.

<sup>13</sup> LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>14</sup> DIAS, Mauricio Santana. Primo Levi e o zoológico humano. In: LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.10.

<sup>15</sup> Ibidem.p.10



seria o mesmo que praticar uma fraude comercial, como quem vendesse vinho em garrafa de azeite? São perguntas que me fiz ao escrever e publicar estas “histórias naturais”. Pois bem, eu não as publicaria se não tivesse convencido (não imediatamente, para ser sincero) de que entre o Lager e essas invenções existe uma ponte, uma continuidade<sup>16</sup>.

No encalço da análise da parte ficcional de Primo Levi, percorrendo seus contos e crônicas, podemos evidenciar que estes pertencem ao gênero da ficção científica, o que revela uma incursão no universo do fantástico, a destacar um mundo cada vez mais dependente das inovações científicas, principalmente nos campos da tecnologia e da biologia. É possível, na visão de Maurício Santana Dias, perceber que:

[...]na maioria dos contos, assiste-se, em tom menor um embate de proporções gigantescas: de um lado, a vida biológica, que insiste em reproduzir-se das maneiras mais variadas e híbridas; de outro, a organização cada vez mais burocrática e tecnológica das sociedades modernas, que conspira contra a continuidade da vida”<sup>17</sup>

Devemos destacar, que *Histórias naturais* (*Storie naturali*, 1966), *Vício de forma* (*Vizio di forma*, 1971) e *Lilith* (Lílit, 1981), são produzidos a partir do início da década de 1960, momento em que o mundo vivia uma situação delicada, com a possibilidade concreta de uma guerra nuclear, não sendo descartada a possibilidade de uma catástrofe definitiva. Os contos, dessa forma, sempre mencionam as possibilidades trágicas do mundo contemporâneo. A atuação de Primo Levi como escritor ficcional possibilita uma liberdade de escrita que o levará além do “dever de memória”<sup>18</sup> dos sobreviventes do Holocausto, o que não significa que essa escrita consiga se desvencilhar de sua experiência nos *Lagers*, pois suas obras de ficção são permeadas de uma memória reflexiva e involuntária.

Devemos ressaltar que toda produção artística de Primo Levi, a que não se encontra na sua trilogia ficcional, nos livros *É isto um Homem?* e *A Trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*, é considerada pelo autor, como literatura ficcional, mesmo seus contos contidos em “*Lillit- passado próximo*”, que retomam o tema do cotidiano em Auschwitz. Para o autor, por se tratar de contos com uma linguagem mais acessível,

---

<sup>16</sup> LEVI apud DIAS, Maurício Santana. Primo Levi e o zoológico humano. In: LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.10 e 11.

<sup>17</sup> DIAS, Maurício Santana. Primo Levi e o zoológico humano. In: LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.11.

<sup>18</sup> O conceito de dever de memória surgiu na França no início da década de 1950, relacionado a associações de deportados franceses na Segunda Guerra, e que tinha por objetivo honrar a memória de franceses assassinados, desta forma, pensando a memória como uma noção de justiça.

com uma visão mais informal, não estariam dignos da seriedade de um livro testemunhal, da obrigação moral de um testemunho quase jurídico. Por esse motivo, vários relatos foram eliminados deliberadamente de seu primeiro livro *É isto um Homem?*, por não serem considerados sérios o bastante para um livro de denúncia, de acusação. Os relatos publicados em *“Lillit- passado próximo”*, considerados, nesse sentido, textos de escrita ficcional, estão permeados da vivência, da lembrança, uma narrativa testemunhal sem os compromissos de exatidão e clareza, pertinentes à obra de Primo Levi.

Partindo dessas considerações, pretendemos usar parte da vasta literatura de Primo Levi como fonte documental, buscando através de uma leitura reflexiva, estabelecer algumas problemáticas e discussões que envolvem tanto o tema da história, memória e esquecimento, da literatura de testemunho, como questões atuais em relação a outros “Holocaustos” vivenciados na contemporaneidade<sup>19</sup>. Obviamente, o foco está na obra de Primo Levi, de modo que outras experiências de horror e aniquilação serão consultadas e ou referenciadas de forma subsidiária.

Dito isso, estabelecemos como objetivos específicos: 1) Investigar a importância da obra de Primo Levi como rememoração de sua experiência nos campos de concentração, em paralelo com outras memórias do horror; 2) entender como o autor desenvolve sua narrativa, enquanto não somente sua, mas de toda sociedade que tenha experimentado a violência e o horror; 3) ampliar o conceito de testemunho por delegação, para que todos, através de uma percepção sensível e ética, ao entrar em contato com testemunhos de desumanidade, como no caso de Primo Levi, tornem-se também testemunhas; 4) avaliar a importância da obra de Levi, nos recentes debates historiográficos, principalmente em relação ao revisionismo e negacionismo do Holocausto; 5) discutir as problemáticas relacionadas à história e memória, memória e esquecimento, sob a premissa de que as representações do Holocausto ainda se configuram como campo em disputa na historiografia, e que a transformação do Holocausto em uma “indústria cultural de entretenimento” ajuda a deturpar a realidade do horror, compondo também uma estratégia de esquecimento. Acreditamos que outras questões correlatas devem aparecer e serão inseridas nessas preocupações que configuram o problema deste estudo.

---

<sup>19</sup> Podemos ressaltar que no mundo contemporâneo vemos várias ocorrências de violência e horror, seja no Brasil ou no mundo. Podemos citar o exemplo o massacre de Camboja, Ruanda, Carandiru, Eldorado dos Carajás no Brasil, entre outros.

Nesse trabalho, a ensaística será utilizada como método de pesquisa. Ao produzir ensaios historiográficos, abandonamos a esperança de chegar a algo definitivo, pois não se almeja uma construção fechada, meramente dedutiva dos conteúdos obtidos nas fontes. O ensaio privilegia o que a ciência ortodoxa desqualifica,

este leva em conta a consciência da não identidade, mesmo sem expressa-lá; é radical no não radicalismo, ao se abster de qualquer redução a um princípio e ao acentuar, o seu caráter fragmentário, o parcial diante do total<sup>20</sup>.

O ensaio lida com os conceitos de maneira peculiar, pois se recusa a defini-los *a priori*. Esses são usados a partir da experiência. Os conceitos são precisos por meio das relações que engendram entre si. Neste exemplo, Adorno sintetiza seu pensamento:

O modo como o ensaio se apropria dos conceitos seria, antes, comparável ao comportamento de alguém que, em terra estrangeira, é obrigado a falar a língua do país, em vez de ficar balbuciando a partir das regras que se aprendem na escola. Essa pessoa vai ler sem dicionário. Quando tiver visto trinta vezes a mesma palavra, em contextos sempre diferentes, estará mais segura de seu sentido do que se tivesse consultado o verbete com a lista de significados, geralmente estreita demais para dar conta das alterações de sentido em cada contexto e vaga demais em relação às nuances inalteráveis que o contexto funda em cada caso.<sup>21</sup>

Outra definição fundamental ressalta que a descontinuidade é fundamental ao ensaio, pois engendra os conceitos conforme a posição e o assunto em questão. A ensaística permite que o pesquisador escreva experimentando, indo e voltando ao seu objeto, sempre a submetê-lo a reflexão, a trabalhar em seus pontos cegos, aquilo que, geralmente, escapa aos conceitos.

Na primeira parte do trabalho, pretendemos encetar o estabelecimento de pontes entre a História e a Literatura. Dessa forma, se fará necessário uma discussão do uso da Literatura como fonte de pesquisa histórica, aproveitando como referências, entre outros autores, Sidney Chalhob, Nicolau Sevcenko, Antonio Candido, Mikhail Bakhtin e outros. O conceito de representação de Roger Chartier torna-se fundamental para entendermos a aproximação entre história e literatura, nos ajudando na compreensão do

---

<sup>20</sup> ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: Notas de Literatura I. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003. p.25.

<sup>21</sup> Ibidem.p.30.

uso da Literatura como objeto de estudo para o historiador. Nesta perspectiva, o estudo de contos e crônicas nos possibilita a análise de memórias fragmentadas, representação de um passado vivido, e mais especificamente, a crônica, se afigura como lugar de registro de memórias.

Na segunda parte, se estabelece um debate teórico em torno das relações entre história, memória, esquecimento e ressentimento. A partir da década de 1980, a relação entre História e Memória se tornou um dos grandes debates teóricos na historiografia, levando vários estudiosos a refletirem sobre o conceito de memória. Há vertentes de historiadores a afirmarem que história e memória se opõem, ao passo que outras, pelo contrário, enxergam uma aproximação entre elas. Outro aspecto importante considerado é que as pesquisas historiográficas mais recentes sobre a memória privilegiam as questões racionais, a dimensão intelectual e voluntária, deixando de lado o aspecto involuntário, afetivo, o da memória dos sentimentos.

Atualmente, o uso dos registros de memória como fonte de pesquisa histórica é bastante utilizado por pesquisadores em diversas áreas. Para utilizar a memória como fonte histórica, se deve ter um cuidado especial com sua linguagem própria, suas lacunas, seleções, ênfases, lembrando que a memória envolve, também, o esquecimento voluntário ou involuntário. Ao trabalharmos com memórias como fonte de pesquisa, devemos nos preocupar em não cair em estereótipos, pois por estar tão valorizada, a memória tornou-se alvo de uma “fragilidade teórica”: “Em uma palavra, muito se fala e se pratica a ‘memória’ histórica [...], mas pouquíssimo se reflete sobre ela”<sup>22</sup>

Outra discussão cabível dá-se em torno da disputa empreendida sobre a “veracidade” do Holocausto. Nesse sentido, tentaremos estabelecer um diálogo das crônicas de Primo Levi, escritas no jornal *La Stampa* no combate ao “revisionismo” e “negacionismo” do Holocausto. Nesta parte, as discussões a respeito do método de escrita dos revisionistas serão abordadas, principalmente, a partir das obras de Hayden White e Carlo Ginzburg.

Hayden White, ao afirmar que existe uma relatividade inevitável em toda representação dos fenômenos históricos, abre um precedente que levará à contestação da “realidade dos fatos”, gerando indagações em relação à veracidade do Holocausto. Essa

---

<sup>22</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. In: BRESCINI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). Memória e (Res) Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001. p. 38.

interpretação é duramente criticada pelo historiador Carlo Ginzburg, que estabelece um embate em torno do princípio de realidade, destacando sua crítica ao relativismo e chamando a atenção para a sua dimensão ética. Em outro momento, com o recurso da ensaística tal como defendido por Teodor Adorno, procurarei evidenciar as dimensões políticas e éticas do Holocausto, buscando, a partir da obra de Primo Levi e Zygmunt Bauman dimensionar o Holocausto com questões atuais, destacando o que podemos aprender com as experiências traumáticas de horror. Importa também considerar a discussão da ampliação do conceito de testemunho, para que todos, através de uma percepção sensível e ética, ao entrar em contato com testemunhos de desumanidade e horror, sejam também considerados testemunhas.

## **CAPÍTULO I – HISTÓRIA E LITERATURA. PRIMO LEVI, A ARTE DE ESCREVER E O FARDADO DE AUTOR TESTEMUNHAL.**

### **1.1 – História e Literatura: Crônicas, Contos e suas representações.**

Abordar as relações entre História e Literatura, evidenciando as discussões da historiografia atual, principalmente o uso de obras literárias como fonte de pesquisa para o historiador, é o objetivo inicial deste capítulo. Devemos ressaltar que a partir da década de 1970, há uma ampliação das abordagens teórico-metodológicas na escrita da História<sup>23</sup>. Um dos efeitos mais visíveis foi o “alargamento” da noção de documento histórico, a interdisciplinaridade, possibilitando novas abordagens e enfoques. Dessa maneira, as fontes literárias tornaram-se objeto de estudos para o historiador além de estar sendo compreendida como produto cultural e expressão de uma visão de mundo característica de um tempo social.

Na historiografia atual, ao tomar as produções literárias como fonte histórica é importante, situá-las como representações de uma época, uma leitura singular da realidade. Dessa forma, o conceito de representação torna-se fundamental para entendermos a aproximação entre história e literatura. Evidenciando a interpretação de Roger Chartier, ao discorrer sobre o fato de os historiadores construírem representações, conceito que é fundamental em termos de história cultural, afirma:

A categoria de representação tornou-se central para as análises da nova história cultural, que busca resgatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, constituindo um sistema de ideias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> A respeito do assunto, ver LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre – História: novos problemas; novas abordagens; novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

<sup>24</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy e LEENHARDT, Jacques. Introdução. In: Discurso histórico e narrativa literária. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p.19.

Para Chartier, representação é o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais<sup>25</sup>. Para o historiador, as representações estão marcadas por múltiplos e complexos interesses, não se fazem de forma neutra e ingênua. Dessa forma, torna-se necessário situar o discurso com a posição social de quem o produz, pois estes têm como projeto, legitimar uma posição, estabelecer uma hierarquia, estando sempre situados de forma a refletir as competições e disputas pelo poder. As representações são geradoras de conflitos, o que evidencia, assim, um “luta de representações”. Segundo Chartier:

As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto às lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais<sup>26</sup>.

Diante da impossibilidade de resgatar a totalidade do passado, o historiador se apropria de representações desse passado, de possíveis caminhos para representar as práticas sociais. Segundo Chartier o historiador constrói suas representações a partir das práticas sociais dos homens do passado, reelaborando e transformando em novas representações. Neste sentido, a representação deve ser entendida em relação à noção de prática, uma vez que uma representação vem de uma prática social.

A expressão literária, englobando crônicas e contos, deve ser entendida como uma representação social e histórica, a dialogar com a sociedade em movimento, testemunhar um passado, ressaltando a subjetividade que lhe é inerente. Ao tratar das relações entre história e literatura, Valdeci Rezende Borges, discorre que a literatura é testemunha excepcional de uma época, pois é um produto sociocultural que representa as experiências humanas. Segundo o historiador,

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição,

---

<sup>25</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural – Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990, p. 16-17.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 17.

instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir...<sup>27</sup>

Compartilhando a pretensão de uma representação do real, história e literatura, apesar de manterem uma relação interdisciplinar, apresentam especificidades como áreas de conhecimento. O historiador não elabora sua narrativa ao acaso, pretende a uma explicação da “realidade”, ou a tentativa de se aproximar dela. No seu ofício, é imprescindível ao historiador o uso de fontes históricas, buscando indícios para a representação do passado. A concepção de fato histórico, por mais complexa que seja a discussão a esse respeito, é de fundamental importância. Devemos salientar, que a criação do historiador é limitada pelas fontes e pelo método adotado, questões que o diferencia do literato, sendo que a expressão literária não compartilha o rigor metodológico, a escolha das fontes, o recorte temporal de uma pesquisa historiográfica, além de a escrita literária não ter obrigatoriedade de representar fielmente a sociedade.

Tomando como referência a obra do historiador norte-americano Hayden White, estabelecemos, aqui, alguns diálogos na intrincada relação entre história e literatura. White aponta em seus escritos, que a história é um artefato literário, desmistificando a ideia de uma recuperação total do passado. A partir da visão do autor, a história é indiscutivelmente um empreendimento literário e não podemos ter acesso ao passado a não ser pela narrativa que criamos para entendê-lo.

Em um de seus artigos mais conhecidos “O texto histórico como artefato literário”, Hayden White deixa claro suas proposições:

[...] tem havido uma relutância em considerar as narrativas históricas como o que elas mais manifestamente são: ficções verbais, cujos conteúdos são tão inventados como descobertos, e cujas formas têm mais em comum com suas contrapartidas na literatura que na ciência<sup>28</sup>.

Mas devemos ter cautela, pois isso não quer dizer que o autor desqualifique a ficção verbal da história, do contrário admite que toda forma de conhecimento tenha elementos de imaginação e ficção, não sendo restrito à literatura. Dessa maneira, o

---

<sup>27</sup> BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/2010, p. 98.

<sup>28</sup> WHITE, Hayden. "O texto histórico como artefato literário". In: Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 97-116.



historiador utiliza aspectos ficcionais para dar sentido e construir uma narrativa coerente sobre o passado.

Hayden White destaca que, ao pesquisar aspectos relacionados aos acontecimentos de uma época, o escritor revela, de algum modo, implicações ideológicas próprias de um momento histórico. Nesse sentido, tanto o literato quanto o historiador são sujeitos de seu tempo, segundo o autor:

Os acontecimentos são convertidos em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante – em suma, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura do enredo de um romance ou de uma peça<sup>29</sup>.

Esquivando das relações intrincadas a respeito da literalidade da história, se esta seria ou não um gênero literário, também portador de ficção, o que importa aqui é a compreensão do uso da literatura como objeto de estudo para o historiador, o que faz, neste caso, a literatura ser concebida como um produto cultural e expressão de uma visão de mundo própria de um determinado tempo, sem perder de vista a subjetividade que lhe é inerente.

No trabalho com fontes literárias, é de fundamental importância historicizar, inseri-la na dinâmica da sociedade, analisar suas redes de interlocução social. Ao utilizar a literatura como fonte histórica, fundamental, então, para a compreensão de uma dinâmica social e cultural de uma época, Antonio Candido<sup>30</sup> investiga essas relações através de uma perspectiva sociológica. Para o pesquisador, a questão social está presente na obra de duas formas: a forma se relaciona com o autor, pois este pode ser considerado um produto social, no sentido que o social determina a obra, ressaltando a posição que o escritor ocupa na sociedade, sua trajetória de vida e as implicações decorrentes dela, as influências políticas e ideológicas, seu aparato conceitual, de maneira que a obra se transforma em um elemento social de seu tempo, assumindo, com isso, uma perspectiva sociológica.

Desta maneira, as produções literárias nos oferecem mais do que representações de fatos, mas a reflexão do autor do texto no momento em que este escreve. O autor é visto além de sua posição de sujeito histórico, mas também como produto do momento

---

<sup>29</sup> WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994, p. 100.

<sup>30</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000.

em que ele escreveu. Cabe ressaltar, que isto abre possibilidades para verificarmos quais eram suas ideias naquele momento, como acontecimentos o afetavam e de que modo isso é transcrito em suas obras.

Ao privilegiar o uso da literatura como fonte histórica, dando ênfase às crônicas e contos de Primo Levi, usamos como referência alguns historiadores que tratam do tema. Nicolau Sevcenko<sup>31</sup> se apropria do estudo da literatura no intuito de estabelecer uma forma diversa da análise do passado. A partir da obra de Euclides da Cunha e Lima Barreto, o autor discorre sobre a formação da identidade brasileira no momento da transição da monarquia para a república, momento que é caracterizado por uma ruptura política, onde este novo governo deveria ser legitimado.

Segundo o autor, as fontes literárias oferecem uma aproximação do pesquisador com os sentimentos do artista, de como ele se posiciona e dialoga com o mundo, participando de seu contexto e ativamente da sociedade em que vive. Sobre a relação entre história e literatura, Sevcenko declara a respeito:

Nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos [história e literatura] uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação. A partir dessa perspectiva, a criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou de produção<sup>32</sup>.

No caso da obra de Sevcenko, a leitura de um romance evidencia o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Seu estudo privilegia diversos tipos de fontes, tais como jornais, revistas, crônicas, no intuito de compreender o contexto de produção da obra de Euclides da Cunha e Lima Barreto.

A partir de obras literárias dos autores citados acima, foi possível traçar um panorama histórico, político e social do Rio de Janeiro, perceber como o discurso da urbanização e modernização defendidas pelo Estado, contrasta na literatura, com a realidade social das pessoas carentes, evidenciando uma população que ficou à margem do processo de modernização, sofrendo com a carestia de toda ordem: desemprego, falta de habitações, transporte entre outros. Nesse ponto, Sevcenko analisa a literatura

---

<sup>31</sup> SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>32</sup> Ibidem. p. 299.

produzida nesse determinado momento, destacando que os autores por ele trabalhados tendem a divergirem, por meio de suas obras, do discurso oficial de ufanismo.

O historiador Nicolau Sevcenko já nos mostrou que o diálogo entre a literatura e a história é possível e pode proporcionar ao historiador vieses inéditos na compreensão não só dos fatos históricos como também da própria mentalidade de uma determinada época. Assim, história e literatura se complementam quando se pretende construir uma representação do acontecido. A propósito da ligação entre história e literatura, Sevcenko aponta:

Todo discurso criativo assinala um ato fundador, na medida em que nomeia situações e elementos imprevistos, conferindo-lhes existência e lançando-lhes na luta por um espaço e por uma posição [...]. Produzir literatura criativa é por isso um gesto de inconformismo. Há, por essa razão, tensões tão fortes entre as diferentes ordens dos textos [...]. É desse manancial que a literatura se nutre, aí sorvendo toda sua significação [...]. Foi meditando sobre este processo sutil que um grande poeta contemporâneo compreendeu e anunciou que: 'Aquele que souber articular as palavras e citar os sentimentos terá todo o poder'. O autor se refere ao poder simbólico, evidentemente. Mas haverá outra forma de poder mais legítima aos olhos dos homens?<sup>33</sup>

Ao destacar outra importante contribuição, Sevcenko ressalta que a partir das características das obras literárias, é possível construir uma rede de significados articulados com uma dimensão social. O autor de obras literárias nesse sentido, traduz a sociedade em que vive, dando seu testemunho, revelando ponto de tensões e conflitos. Segundo o autor:

[...] todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Ibidem. P.247-248.

<sup>34</sup> Ibidem. P.20.

Na perspectiva de se pensar a literatura no contexto da história social, Sidney Chalhoub e Leonardo A. de M. Pereira, na obra “A história contada”<sup>35</sup> assumem a proposta de historicizar a obra literária, seja ela conto, poesia ou crônicas, inserindo-a no movimento da sociedade, ao traçar suas redes de interlocução social e tentar estabelecer como esta obra constrói sua relação com a realidade social.

No trabalho da análise da obra de Machado de Assis, José de Alencar, entre outros autores, o livro organizado pelos autores deixa evidente que a obra literária é uma evidência histórica, determinada e situada no processo histórico, portanto deve ser analisada, interrogada:

Em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico<sup>36</sup>.

Em outro momento, os autores ressaltam que os historiadores devem lidar com uma diversidade de elementos, buscarem, no material literário, indícios históricos:

A proposta é historicizar a obra literária [...] inseri-la no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social.<sup>37</sup>

Nessa perspectiva, o estudo de contos e crônicas nos possibilita a análise de memórias fragmentadas, representação de um passado vivido. A partir de suas características híbridas, a crônica nos apresenta aspectos do cotidiano, reproduzindo os fatos a partir de impressões pessoais sobre o mundo. No ensaio, “Crônica: a leitura sensível do tempo”, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento assevera que devemos analisar as crônicas como um registro sensível do tempo, notando como os homens do passado perceberam a si próprios e ao mundo. Segundo a pesquisadora:

Tomamos a crônica como objeto particularmente rico, não só para a reconstrução das sensibilidades próprias dos homens de uma época

---

<sup>35</sup> CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>36</sup> Ibidem.p. 7.

<sup>37</sup> Ibidem.p. 7.

dada, como, também para exemplificação do cruzamento possível entre as leituras da história e da literatura<sup>38</sup>.

A palavra crônica, no sentido etimológico, está ligada à palavra grega Chronos significando tempo. Atualmente, a crônica assume o papel de registro da realidade social, ligada ao surgimento da imprensa e ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Percorreu uma longa trajetória até se firmar como um gênero literário híbrido, que transita entre o campo da literatura e do jornalismo. Sobre as diferentes concepções que atribuem à crônica o caráter de gênero jornalístico ou literário, a historiadora Regma Maria dos Santos, destaca:

A questão da crônica pertencer ao gênero literário ou ao gênero jornalístico deixa de ser primordial quando compreendemos, conforme analisa Haroldo de Campos, o surgimento dos chamados gêneros híbridos, a partir das articulações entre a grande imprensa e a literatura<sup>39</sup>.

Segundo o crítico literário Antonio Candido, a crônica percorreu um grande caminho até se consagrar como um gênero literário, mesmo tido como “menor”, sem maiores pretensões, ligado a uma narrativa simples que estaria preocupada com a vida mundana, com acontecimentos do cotidiano e muito próxima da oralidade. Antonio Candido:

A crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um ‘gênero menor’. ‘Graças a Deus’,- serio [cf.] o caso de dizer, porque assim ela fica perto de nós<sup>40</sup>.

Podemos afirmar que, nos dias atuais, diversos pesquisadores têm se preocupado em valorizar a literatura que foge aos padrões canônicos; podemos situar o estudo das crônicas e contos nesta nova concepção. Apesar de diversos pontos de contradição, todos são unânimes em considerar a crônica moderna como um fruto do jornalismo que surge a partir do século XIX, principalmente, através de seu espaço de publicação, o

---

<sup>38</sup> PESAVENTO, Sandra J. Crônica: a leitura sensível do tempo. Anos 90, Porto Alegre, n. 7, p. 30, jul. 1997.

<sup>39</sup> SANTOS, Regma Maria. Memórias de um Plumitivo: Impressões cotidianas de Lycidio Paes. Uberlândia: ASPPECTUS/FUNAPE, 2005, p.88.

<sup>40</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao Rés-do-chão. In Para gostar de ler. São Paulo. Ática, 1980, p.05.

folhetim. Na sua origem, na França, o folhetim era um espaço no rodapé da primeira página dos jornais, espaço reservado para informar aos leitores os acontecimentos da semana. Além das crônicas, eram publicados contos, artigos e ensaios.

A publicação das crônicas em jornais começou timidamente, mas foi conquistando, com o tempo, a cumplicidade do leitor, principalmente, pela linguagem empregada. Mesmo com uma origem mais remota, podemos afirmar que a crônica, na acepção moderna do termo, é “filha da modernidade”. Sandra Jatahy Pesavento discorre:

Herdeira do folhetim, a crônica encontrou, no século XIX, seu veículo de difusão nos jornais, naquele momento em que a sociedade burguesa impunha ao mundo o ritmo do progresso e a busca incessante do novo. O desenvolvimento dos meios de comunicação e a velocidade da notícia imprimiam à vida urbana um padrão de consumo rápido das informações. Neste sentido se impõe à crônica, nascida da aceleração da vida e da fetichização do mundo, que faz da notícia uma mercadoria rapidamente descartável<sup>41</sup>.

Considerada efêmera por muitos pesquisadores, a crônica, por ser veiculada primeiramente em jornais, não tinha a durabilidade de um livro, correndo o risco de ser consumida e rapidamente esquecida. Segundo Sandra Pesavento:

Devorada pela velocidade do progresso, a crônica é, por sua vez, a forma de registro que não aspira a permanecer na memória, tal como as notícias de jornal, que, uma vez lidas, são comentadas, esquecidas ou delas se guarda uma vaga lembrança desta ou daquela idéia ou imagem<sup>42</sup>.

O escritor Carlos Drummond de Andrade resalta que, ao ser publicada em livros, a crônica deixa de ser passageira e descartável. Falando de suas crônicas publicadas, o escritor destaca que muitas delas não perderam a atualidade, pois necessariamente:

...comentam um fato do dia, ou, quando comentam, procuram dar uma extensão maior a esse fato, e generalizar, fazer uma reflexão qualquer sobre a vida, sobre os costumes, sobre a política, sobre os homens, à margem de um acontecimento transitório. E, sendo assim, a crônica tem uma certa chance de permanecer<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> PESAVENTO, Sandra J. Crônica: a leitura sensível do tempo. Anos 90, Porto Alegre, n. 7, p. 31, jul. 1997.

<sup>42</sup> Ibidem.p. 30.

<sup>43</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. “Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade”. Caros Amigos. São Paulo. n. 29, ago. 1999, p.13.

A partir do que foi explicitado, podemos concluir que a partir da análise e reflexão das crônicas, recuperando os registros dos fatos a partir de uma ótica sensível, a crônica pode permanecer como lugar de registro de memórias. Atualmente, a crônica não é um gênero destinado apenas aos jornais, seu espaço de divulgação se ampliou, constando em *blogs*, *sites* e em um maior número de livros publicados. Carlos Drummond de Andrade nos exemplifica o processo de escolha e transposição das crônicas dos jornais para os livros, novamente usando seu exemplo:

Eu devo reconhecer que muitas das crônicas escritas por mim não podem perdurar porque, em primeiro lugar, eu não as achei adequadas a formarem um livro, e depois porque o jornal, que é tão vivo no dia, é uma sepultura no dia seguinte. Então, essas coisas escritas ao sabor do tempo perdem completamente não só a atualidade como o sabor, o sentido, a significação [...]. Então a crônica que aborda um fato ou circunstância de vida de determinada pessoa perdeu completamente o sentido, porque essa própria pessoa perdeu o sentido. Então não é propriamente a crônica, é o acontecimento que ela reflete que perdeu a significação<sup>44</sup>.

Antonio Candido, no prefácio “A vida ao rés-do-chão”, para a série didática “Para gostar de ler”, deixa sua contribuição ao destacar a importância da publicação dos livros no que concerne à permanência e à durabilidade das crônicas. O autor diz:

[...] Isto acontece porque não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior que ela própria pensava<sup>45</sup>.

A partir do que foi explicitado, depreende-se que os textos literários, quando questionados com o método apropriado, fornecem aspectos sociais diferenciados, que podem contribuir para a historiografia. Cabe ao pesquisador identificar, na obra, uma

---

<sup>44</sup> Ibidem.p. 13.

<sup>45</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao Rés-do-chão. In Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1980, p.06.

realidade peculiar, pessoal do autor, pois, a partir desse relato, podemos construir uma representação do passado. Em comum com os textos históricos, a literatura guarda a narrativa e sua característica de objeto construído de acordo com a ideologia de quem escreve. Diferencia-se daquela narrativa, no entanto, por desvelar um raciocínio, uma percepção específica de um dado agente em um dado momento, através do campo do possível, e não do real, ou, antes, do que se pretende real, a partir da perspectiva do historiador.

Dessa maneira, reconhecemos, no campo literário, tanto em crônicas, contos ou romances, certo valor histórico, dado que, ao examinarmos os conflitos presentes, é possível extrair do texto elementos que o tornam testemunho de seu tempo.

## 1.2 – O regresso a Turim: e a necessidade de testemunhar.

Após sua traumática experiência em Auschwitz, narrada no livro *É isto um Homem?* e ainda sua prodigiosa volta através do território russo, experiência que deu origem ao livro *A Trégua*, Primo Levi desembarcou em Turim, em 19 de outubro de 1945. Em um primeiro momento, a sensação de estranhamento tomou conta de Levi. As ruas, casas e edifícios estavam intactos, pois não sofreram danos com os bombardeiros durante a guerra. Quando a notícia de seu retorno se espalhou, muitos vieram lhe ver e mesmo as necessidades mais elementares, como alimentação e a preocupação estética (vale lembrar que Levi estava mal vestido, sujo e barbudo), não o impediram de narrar imediatamente a sua experiência:

Se hablé de ello durante ocho días. Su madre Le decía: Descansa. No –le contestaba El-, He vivido estos dos años con La única obsesión de regresar y contar. Repetía lo mismo una e outra vez, pues cada persona que llegaba Le hacía preguntas. Él hablaba y hablaba de forma nerviosa. Decía: No podeis imaginar El bien que me hace sacar fuera de mi todo lo que llevo guardado em mi interior. Sobrevivir para contar era mi único pensamiento<sup>46</sup>.

Nas primeiras semanas que se seguiram a sua volta, Primo Levi sentia uma necessidade intensa de escrever e repassar sua experiência no campo de concentração de Auschwitz. Ele sentia uma imensa alegria, ao narrar e perceber que todos seus amigos e

---

<sup>46</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d' un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês "Primo Levi ou la tragédie d' un optimiste") p. 342.



familiares o escutavam. Em seus dias em Turim, Primo Levi escrevia, acumulava anotações e, três meses após sua chegada, em 11 de janeiro de 1946, escreveu o poema chamado “Levantar-se”:

Sonhávamos nas noites ferozes  
Sonhos densos e violentos  
Sonhados de corpo e alma:  
Voltar; comer; contar.  
Então soava breve e submissa  
A ordem do amanhecer:  
“Wstavach”;  
E se partia no peito o coração.

Agora reencontramos a casa,  
Nosso ventre está saciado,  
Acabamos de contar.  
É tempo. Logo ouviremos ainda  
o comando estrangeiro:  
“Wstavach”.

Este poema, um dos mais famosos de Primo Levi, está como epígrafe do livro *Trégua*, fala do duro cotidiano de trabalho nos campos de concentração, das sirenes que sempre tocavam no momento de se levantar e ir ao trabalho que soava como sinônimo de sofrimento e humilhações gratuitas.

Ao escrever, Levi pensava em todos que não puderam retornar, sua escrita tinha uma conotação coletiva, uma obrigação moral e cívica em memória das pessoas que foram assassinadas nos Lagers nazista. Dessa forma, procedia de maneira desordenada, sem seguir uma cronologia, respeitando apenas o impulso e a necessidade desses escritos serem claros e precisos o bastante, para que os leitores pudessem ter uma ideia exata da experiência dos campos de extermínio nazista. Todo esse material foi publicado posteriormente no livro *É isto um Homem?*.

Após saciar suas necessidades mais elementares, Levi começou a busca por um emprego, tarefa difícil em um país exaurido após a guerra. Em janeiro de 1946, Primo Levi foi contratado como técnico em química na empresa “Duco-Montecatini”, uma filial da Dupont, que produzia tintas a partir de resinas químicas.

Em sua mesa, dentro do laboratório da empresa, Levi começou a escrever e organizar suas recordações. Escrevia com muita desenvoltura, dentro do laboratório, até mesmo no trem que o levava de volta para casa. Escrever para contar aos outros era uma

necessidade vital, uma questão de vida ou morte. Segundo Myriam Anissimov, uma das mais importantes biógrafas de Primo Levi, o autor:

Primero escribió el último capítulo; el libro crecía sin esfuerzos, sin plan preestablecido, nutrido únicamente por la necesidad de dar su testimonio. La necesidad de comer y de contar se situaban en el mismo plano de necesidad primordial. El tono no era lírico, como el de Élie Wiesel, ni vengativo, como el de Jean Améry. No había imprecaciones. Levi describió de manera muy humana un mundo inhumano; con ese tono tranquilo y pausado, tan suyo, consigue que en el lector brote la indignación del juez<sup>47</sup>

Para continuar a escrever seu testemunho, Primo Levi necessitava contar e ser escutado. Podemos afirmar que a partir do momento que conheceu Lucia Morpurgo, com quem se casaria em setembro de 1947, Levi viveu uma das fases mais produtivas, principalmente, na escrita de poemas<sup>48</sup>. Essa paixão instantânea figura como a energia fundamental para o autor continuar a escrever.

Seu rendimento como técnico em química na fábrica “Duco-Montecatini” não era suficiente para manter sua família. No entanto, procurar um emprego seguro e bem remunerado não era o maior problema a enfrentar, uma vez que Primo Levi ficou extremamente abalado com as constantes recusas de publicação do seu livro testemunhal. As justificativas mais comuns alegavam que, no período pós-guerra, nem mesmo os que tinham combatido o nazi-fascismo estavam dispostos a escutar o testemunho de um sobrevivente de Auschwitz.

Em 1946, alguns capítulos de *É isto um Homem?* foram publicados em uma revista semanal do Partido Comunista Italiano. Mas todas as grandes editoras não aceitaram a publicação de um autor desconhecido. A falta de aceitação e reconhecimento trazia uma intensa angústia a Primo Levi, fazendo-o questionar se toda a experiência do Holocausto estaria fadada ao esquecimento.

Após inúmeras tentativas frustradas, Anna Maria Levi, irmã de Primo, fez chegar uma cópia do manuscrito a Alessandro Galante Garrone, um jovem juiz e professor de história que havia militado no movimento anti-fascista. Alessandro Galante, ao ler o manuscrito deixou sua impressão sobre o livro:

Um libro de gran poesia, profunda moralidad y belleza puzante e irresistible. Le impresionó el perfecto equilibrio entre el testimonio y el análisis. Cada capítulo corto, narrado en presente (porque en el

---

<sup>47</sup> Ibidem, p.351.

<sup>48</sup> Podemos afirmar que Primo Levi não compartilhava a opinião de Adorno, que dizia que toda poesia seria impossível depois de Auschwitz.

corazón de Levi, Auschwitz estaba siempre presente) com fuerza evocadora, explicaba um aspecto distinto de la vida em el campo<sup>49</sup>.

Pelas mãos de Alessandro Galante, o manuscrito foi encaminhado a Franco Antonicelli, proprietário da editora “De Silva”, que aceitou de imediato a publicação do livro. A única exigência de Franco foi que o título *I sommersi e i salvati*<sup>50</sup>, fosse substituído pelo quinto verso do “Semá”, poema que Primo Levi tinha publicado em 10 de janeiro de 1946. O livro se chamaria *Se questo è un uomo* (É isto um Homem?). O título original do primeiro livro de Levi teve, então, que esperar 39 anos para ser finalmente publicado em 1986.

Uma edição de *E isto um homem?* foi preparada com 1500 exemplares, dentro de uma coleção em homenagem de Leone Ginzburg<sup>51</sup>. No prefácio, Levi destacava que pretendia explicar o inexplicável, contar o inumano com palavras humanas. Mesmo com críticas favoráveis e elogiosas, publicadas no jornal “*La Stampa*”, as vendas do livro foram quase nulas. Primo Levi enviou o livro acompanhado de uma breve dedicatória a familiares e amigos. Podemos afirmar que este primeiro volume de *É isto um Homem?* foi mais repartido, doado, do que, de fato, vendido.

A indiferença com seu testemunho foi acolhida de maneira devastadora, Primo Levi ficou extremamente decepcionado, renunciando a escrita, voltando-se a dedicar a profissão de químico. A exceção de alguns relatos publicados no periódico “*Il Gionno*”, não voltou a escrever nada, até a publicação de *A Trégua*, em 1961.

Nos círculos intelectuais italianos, principalmente fora de Turim, Primo Levi continuava a ser um escritor desconhecido. Era considerado um sobrevivente do campo, químico, escritor de finais de semana. Em 1955, Primo Levi escreveu em ocasião da comemoração do aniversário de 10 anos da libertação dos campos de concentração nazista:

Hablar del campo em la actualidad se considera una indelicadeza. Se corre el riesgo de ser acusado de victimismo o de cometer una afrenta contra el pudor. ¿Está justificado el silencio? ¿Nosotros, los supervivientes, el pueblo de los supervivientes, debemos tolerarlo? ¿Debemos retener los testimonios recogidos que, a pesar de nuestros enemigos, la historia parece haber preservado? No podemos olvidar,

<sup>49</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanholado original francês “Primo Levi ou la tragédie d’un optimiste”) p . 361.

<sup>50</sup> Quando publicado no Brasil em 1990, o livro foi traduzido com o seguinte título *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*.

<sup>51</sup> Importante intelectual e militante anti-fascista, pai do renomado historiador italiano Carlo Ginzburg.

no podemos callar. Si nos callamos, ¿quién hablará? Seguro que no lo harán los culpables y sus cómplices. Faltará nuestro testimonio, y em um futuro próximo, la historia de la bestialidad nazi, por su propia enormidad, será relegada a la leyenda. Por eso resulta absolutamente necesario hablar, hablar siempre<sup>52</sup>.

Decepcionado e sem esperanças de continuar sua carreira como escritor, Primo Levi foi à procura de um trabalho melhor como químico. Em dezembro de 1947, ingressa em uma fábrica de vernizes sintéticos de La SIVA (Società Industriale Vernici e Affini), onde sua colaboração duraria por quase 30 anos. Os vernizes idealizados por Levi o levariam em pouco tempo, de químico a gerente geral da fábrica, sendo reconhecido como um dos maiores especialistas em vernizes sintéticos do mundo. A partir desses acontecimentos, a carreira de escritor ficara em segundo plano, imaginava ele que sua carreira estava acabada de vez.

### 1.3 – O Paradoxo da escrita em Primo Levi: A necessidade de escrever e o fardo de autor testemunhal.

Primo Levi é reconhecido internacionalmente como um dos principais autores da literatura de testemunho. O autor escreveu diversos relatos sobre sua experiência nos campos de concentração. Em sua obra, os livros dedicados à literatura de testemunho se tornaram objetos de análise nas mais diferentes áreas do conhecimento. Mesmo com grande reconhecimento mundial, sua fama se restringe quase que exclusivamente aos seus principais livros, *É isto um Homem?*, *A Trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*.

Outro aspecto menos conhecido de sua obra, quase inédito no Brasil, é constituída por sua literatura de cunho ficcional, que compreende artigos, contos e crônicas, publicadas em princípio, em jornais e revistas italianas. Primo Levi colaborou, por muito tempo, escrevendo no “*Terza Pagina*”, coluna de assuntos culturais do jornal “*La Stampa*” de Turim. Em seus primeiros artigos, se destacam temas como as perseguições anti-semitas e assuntos relacionados ao Holocausto. Não obstante, de certa forma, em um primeiro momento, essa situação não o deixava confortável, pois queria

---

<sup>52</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanholado original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p . 375.

escapar da etiqueta de autor dedicado fundamentalmente a dar testemunhos sobre os campos de concentração nazistas.

Quando acabava de produzir um artigo, conto ou poema para o jornal, Levi as entregava a Lorenzo Mondo, redator chefe das páginas culturais do jornal. Segundo o testemunho de Mondo, Levi era estritamente simpático e simples, “No sonreía com la boca, sino com los ojos. Me presentaba su artículo y decía: Si no lo considera importante, lo puede tirar”<sup>53</sup>.

Para Primo Levi, extremamente influenciado pelo racionalismo e os ideais do Iluminismo, a escrita deveria ser clara, para que todos os leitores tivessem a oportunidade de ler sem nenhum tipo de deformação. Cabe ressaltar que a clareza e a precisão pertenciam a sua experiência como químico e também a sua estilística como escritor. Cada palavra era pensada como se estivesse em uma balança de precisão, porquanto para o autor, escrever de forma obscura era antes de qualquer coisa, uma falta de educação, uma fraude comercial. Segundo o autor:

Quando escribí La trégué, elegí la lengua más clara posible con la esperanza de que la información llegase sin deformación al lector, que al comprar mis libros establece un contrato conmigo. Sería un fraude comercial no ofrecerle lo que espera, y una falta de consideración escribir de manera que no me comprendiera. Por estas razones me impongo una claridad máxima y una gran concisión.<sup>54</sup>

Em entrevista a Philip Roth, publicada originalmente em 26 e 27 de novembro de 1986, no jornal “La Stampa,” publicada, novamente, no apêndice do livro autobiográfico *A Tabela Periódica*<sup>55</sup>, Primo Levi volta a mencionar o “estilo” de sua escrita: “Meu modelo ou, se quiser, meu estilo era o do weekly report, o do curto relatório semanal que se usa fazer nas fábricas: deve ser conciso, preciso, escrito em linguagem acessível a todos os níveis de hierarquia da empresa”<sup>56</sup>.

A sua relação com a química é um tema recorrente em sua produção narrativa, fundamental para entender seu estilo como escritor. Para Levi, a química não é apenas um trabalho, mas um modo de ver e de se encontrar no mundo, que fornece uma mentalidade de precisão, clareza, controle, um método de controle para a leitura do

---

<sup>53</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanholado original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p . 404

<sup>54</sup> Ibidem. p. 387.

<sup>55</sup> LEVI, Primo. A tabela periódica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

<sup>56</sup> Ibidem. p. 239.

mundo. Em várias ocasiões, menciona que seu trabalho como químico, além de ter lhe salvado a vida em Auschwitz, ter sido seu meio de subsistência por trinta anos, trouxe também benefícios para sua atividade de escritor. Segundo Primo Levi:

Há ainda mais benefícios, mais dons que o químico pode oferecer ao escritor. O hábito de o químico penetrar na matéria, de querer saber a fundo a sua composição e estrutura, de prever as suas propriedades e comportamento, leva-o a um insight a um hábito mental que se caracteriza pela clareza e pela concisão e ao desejo ininterrupto de ir além das superfícies das coisas. A química é a arte de separar, pesar e diferenciar: estas três atividades são também úteis para qualquer indivíduo que pretende descrever experiências ou dar forma concreta à sua imaginação. Além disso, existe um enorme patrimônio de metáforas que o escritor tem ao seu dispor proveniente da química moderna e antiga que é em grande medida vedado a quem nunca enfrentou um laboratório ou uma fábrica [...] quando um leitor me comunica o seu espanto por eu ter deixado de ser químico para me tornar escritor, sinto-me no direito de lhe responder que escrevo precisamente porque sou químico: ao tornar-me escritor, o meu velho ofício sofreu apenas uma pequena transmutação<sup>57</sup>.

Em outro momento, tem observações quase idênticas de seu ofício com químico e a relação com sua escrita, o escritor declara:

O meu escrever tornou-se um construir lúcido; uma obra de químico que pesa e divide, mede e julga em cima de provas exatas, usa o próprio engenho para responder aos “porquês”. Era exultante procurar e encontrar, às vezes criar, a palavra certa, isto é, comensurada, breve e forte. Extrair as coisas da lembrança e descrevê-las com o máximo rigor o mínimo embaraço<sup>58</sup>.

Ao se referir como químico, o escritor especifica questões ligadas à ciência e à razão, se opondo claramente ao obscurantismo irracional e ignorante dos negadores do holocausto. Primo Levi é traduzido na figura mitológica do centauro, metade homem e metade cavalo, assim se sentia como homem da ciência e do homem de letras.

As ideias de Levi sobre a escrita clara e precisa estão espalhadas por vários textos e entrevistas, mas principalmente num breve ensaio intitulado “Do escrever

---

<sup>57</sup> LEVI apud AURETTA, Christopher Damien. Poesia e memória na obra de Primo Levi. Disponível em: [http://www.spq.pt/boletim/docs/BoletimSPQ\\_084\\_023\\_08.pdf](http://www.spq.pt/boletim/docs/BoletimSPQ_084_023_08.pdf). Acesso em : 09 de março de 2013.

<sup>58</sup> LEVI apud ZUCCARELLO, Maria Franca. O Poliedro Primo Levi. Disponível em: [http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/mariafranca\\_zucarello.pdf](http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/mariafranca_zucarello.pdf). Acesso em : 13 de março de 2013. Acesso em : 28 de março de 2013.

obscuro”<sup>59</sup>, escrito em 11 de dezembro de 1976. Neste ensaio, reforça suas críticas a escritores com Paul Celan, que, para Levi, escrevia de maneira obscura, indecifrável, ressaltando um tipo de escrita inteligível, a reforçar estereótipos. Ao mencionar Celan, afirma: “desconfio de quem é poeta para poucos ou só para si. Escrever é um transmitir; o que dizer se a mensagem é cifrada e ninguém conhece o código?”<sup>60</sup>. Para Levi, a comunicação com o leitor está entre as principais obrigações da escrita, sendo de responsabilidade do escritor escrever de maneira clara:

O meu leitor [...] experimentaria um sentimento de desconforto ou mágoa se não entendesse linha por linha o que escrevi, aliás, o que lhe escrevi: pois escrevo para ele, não para os críticos nem para os poderosos da Terra nem para mim mesmo. Se ele não me entendesse, ele se sentiria injustamente humilhado, e eu culpado de inadimplência contratual<sup>61</sup>

Seu ofício como químico o induz a uma necessidade de clareza e racionalidade na escrita, mas Levi faz da química também assunto para seus escritos autobiográficos. Um exemplo claro é sua obra *A Tabela Periódica*<sup>62</sup>, na qual o autor, utilizando os elementos químicos da tabela periódica de Mendeleev, narra, a partir de uma escrita metafórica, sua história de vida, suas memórias da adolescência, sua paixão pela química e sua experiência como sobrevivente dos campos de concentração nazistas.

Ao revisitar a obra de Primo Levi, chama a atenção o fato de o autor ter uma intensa produção, mesmo com todas as obrigações com o trabalho de químico na indústria de tintas SIVA, onde chegou a desempenhar a função de diretor de laboratórios por quase 30 anos, o autor usava todo o seu tempo livre para a atividade que lhe dava mais prazer, a escrita. Segundo Marco Belpoliti, um importante crítico da obra de Levi,

[...] não se passa mês ou ano sem que ele escreva e publique um ou mais contos. Sinal claro de uma acentuada vocação para o escrever breve, que ele mesmo justifica nos anos de 1960 com a exigência de escrever contos morais disfarçados de ficção científica e que, na

---

<sup>59</sup>Disponível em [http://www.archiviola stampa.it/component/option,com\\_lastampa/task,search/action,detail/id,1104\\_01\\_1976\\_0273\\_0003\\_15986419/](http://www.archiviola stampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/action,detail/id,1104_01_1976_0273_0003_15986419/). Acesso em : 09 de Abril de 2013.

<sup>60</sup> LEVI apud BAVESI, Anna. A língua que salva. Babel e literatura em Primo Levi/– Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/annabasevimestrado.pdf> . . Acesso em : 28 de março de 2013.

<sup>61</sup> Ibidem. p. 158.

<sup>62</sup> LEVI, Primo. A tabela periódica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

verdade, atendem ao desejo de manter aberta diversas possibilidades expressivas<sup>63</sup>.

Grande parte de sua contribuição de contos e crônicas escritos nos jornais e revistas foram reunidos e publicados no Brasil, no volume *71 contos*, que reúne três livros de Primo Levi: *Histórias naturais* (*Storie naturali*, 1966), *Vício de forma* (*Vizio di forma*, 1971) e *Lilith* (*Lilit*, 1981).

Quando publicado, *Storie naturali* em 1966, Primo Levi foi muito criticado, sua imagem como escritor testemunha do Holocausto já estava consolidada. Para muitos, essa atitude pareceu estranha, mas até uma contradição, um desvio de rota. “Levi crê no homem de maneira muito profunda, viu a morte muito de perto para poder brincar ou [...] encenar uma dança”<sup>64</sup>. Mesmo essa escrita sendo considerada pura diversão e fantasia, ela nunca deixou de estar sutilmente relacionada à sua atuação política traduzida por seus testemunhos:

Entrei (inopinadamente) no mundo da escrita com dois livros sobre os campos de concentração; não cabe a mim julgar-lhes o valor, mas eram sem dúvida livros sérios, dedicados a um público sério. Propor a esse mesmo público um volume de contos-entretenimento, de armadilhas morais talvez divertidas, mas distanciadas e frias, não seria o mesmo que praticar uma fraude comercial, como quem vendesse vinho em garrafa de azeite? São perguntas que me fiz ao escrever e publicar estas “histórias naturais”. Pois bem, eu não as publicaria se não tivesse convencido (não imediatamente, para ser sincero) de que entre o Lager e essas invenções existe uma ponte, uma continuidade<sup>65</sup>.

Em um primeiro momento, esse vínculo ideológico entre os contos “fantasiosos” e a literatura de testemunho era visto com ressalva pelo próprio autor, pois no momento de maior polêmica, esse preferiu se defender, alegando seu comprometimento como autor testemunhal, como se não quisesse misturar sua vocação natural para o conto com o discurso memorialista no qual era reconhecido internacionalmente. Myriam Anissimov, na biografia mais recente de Primo Levi, destaca que:

---

<sup>63</sup> Levi, Primo. Animais e fantasmas. In O último natal de guerra. Trad. Maria do Rosário T. Aguiar. São Paulo: Berlendis & Vertecchia 2002, p. 13.

<sup>64</sup> MARABINI apud DIAS, Mauricio Santana. Primo Levi e o zoológico humano. In: LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.10 e 11.

<sup>65</sup> Ibidem. P. 10 e 11.



La polémica que rodeó la publicación de los cuentos, de inspiración muy diferente a la de los dos primeros libros, despistó a los lectores profesionales, y a Levi le sorprendió. Las críticas pretendían ver en estos relatos cortos una especie de alegorías sobre Auschwitz. En su opinión, no se trataba de eso. Respondía a sus argumentos rechazando además su definición de escritor comprometido.<sup>66</sup>

Motivado pela preocupação de não ser aceito pelos leitores, e pela crítica especializada, ao publicar *Storie naturali* em 1966, Primo Levi se escondeu sob o pseudônimo de “Damiano Malabaila”. Devemos salientar, que muitos críticos e leitores ainda questionavam se Levi era um autêntico escritor ou um químico de profissão, que se tornou, após suas experiências como prisioneiro do campo de Auschwitz, uma das maiores referências da literatura de testemunho. Ao que parece, a escolha do pseudônimo refletia uma preocupação do autor, que passava da literatura de testemunho traduzida nos seus dois primeiros livros *É isto um homem?* e *A Trégua*, respectivamente publicados originalmente em 1947 e 1963, ao campo da ficção científica e do conto fantástico, rompendo uma espécie de pacto autobiográfico<sup>67</sup>. Sobre a origem do nome:

El nombre de Damiano Malabaila lo había visto en la fachada de una tienda de su barrio, cuando se dirigía a su trabajo. El hecho de proponer al público serio de sus dos primeros libros una colección de cuentos entretenidos en forma de fábulas, lo vivió como una pequeña transgresión.<sup>68</sup>

No prefácio do livro *71 contos*, Maurício Santana Dias, citando a obra do italiano Cesare Segre, um dos principais críticos da obra de Primo Levi, destaca como este autor percebeu o movimento de transição do testemunho para a ficção na obra do autor. Para o crítico, “trata-se, em primeira instância de narrar a experiência inacreditável do Lager, um narrar desejado por Levi como uma missão; mas, é sabido

---

<sup>66</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanholado original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p . 412.

<sup>67</sup> Conceito criado pelo teórico e crítico francês Philippe Lejeune. O termo surge pela primeira vez no ano de 1973, em um ensaio intitulado “O Pacto autobiográfico”, consolidando a definição de autobiografia como gênero literário.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 396.

que essa narração desencadeou em Levi a atividade sucessiva de escritor de invenção”<sup>69</sup>.

Apesar de tudo, Levi reivindicava um vínculo entre seus contos e seus livros testemunhais, pois ressaltava em acordo com sua experiência nos Lagers, que o homem teria reduzido o próprio homem à escravidão, sendo, no caso dos contos, o homem reduzido a esta situação escravista por parte da tecnologia, que a cada dia aprisionava os homens.

Os contos publicados de Primo Levi se caracterizam pela pluralidade de temas, apresentando um ou mais em um único conto, em sua fase de produção mais criativa. A partir de 1970, Primo Levi escreve contos com temáticas realísticas, evocando uma memória involuntária, fazendo associações sutis sobre sua experiência nos Lagers, como também contos de ficção científica e biológica, crônicas, poemas e artigos de opinião, sempre trazendo reflexões com fundo nitidamente moral. Marco Belpoliti destaca que a obra de Levi é variada, um misto de qualidades narrativas e literárias diversas, um hibridismo do qual o autor se orgulhava ao definir. Segundo o autor:

As características comuns nos textos de Levi são: a brevidade, a unidade do evento narrado, a conclusão que desfruta plenamente das premissas ou antecedentes, a vocação moralista. Levi é um escritor de grande virtude pedagógica: procura persuadir sem comover; fornece ao leitor um destilado de pensamentos e reflexões, não de sentimentos. É um escritor que conta decididamente com a inteligência do leitor, com o impulso mental<sup>70</sup>.

A produção de contos e crônicas de Primo Levi, os que se referem diretamente ou indiretamente aos Lagers, ou aqueles descritos como literatura de ficção, emergem e vem à tona sempre de forma variada, mas com profundas implicações de seu passado e de seu tempo de escrita, como representação de um mundo social. Em passagem publicada no livro *La ricerca delle radici*, obra ainda sem tradução para o português, Levi discorre sobre seu trabalho testemunhal e sua aptidão quase involuntária para escrever contos e crônicas, um impulso difícil de explicar, na percepção do autor:

Enquanto o discurso em primeira pessoa é, para mim, ao menos uma intenção, um trabalho lúcido, consciente e diurno, descobri que a

---

<sup>69</sup> SEGRE apud DIAS, Mauricio Santana. Primo Levi e o zoológico humano. In: LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Mauricio Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.14.

<sup>70</sup> LEVI, Primo. Animais e fantasmas. In O último natal de guerra. Trad. Maria do Rosário T. Aguiar. São Paulo: Berlendis & Vertecchia 2002, p. 14.

escolha das próprias raízes é, ao contrário, uma obra noturna, visceral e, em grande parte inconsciente<sup>71</sup>.

Nesse sentido, seus livros testemunhais *É isto um Homem?*, *A Trégua* e *Os afogados e os Sobreviventes* pertencem ao seu trabalho “diurno”, “consciente”, seu discurso em primeira pessoa. Seus contos, crônicas e poesias, ao seu lado impulsivo, “inconsciente”, sua “obra noturna”.

Seria ingênuo, simplista, estabelecer critérios sobre a produção ficcional de Primo Levi, pois sua produção considerada “obscura” é permeada por lampejos de sua produção clara, refletindo uma memória involuntária que emerge, traduzindo sua experiência, sua visão de mundo, mas principalmente sua luta política destinada a divulgar, a esclarecer aspectos relacionados à experiência traumática do Holocausto, para que este não volte a acontecer jamais.

A crítica especializada na obra de Primo Levi sempre questionou se o sucesso adquirido pelo escritor, em seus contos e crônicas, se devia ao seu reconhecimento como um dos principais autores da literatura de testemunho, ou se realmente ele teria sido um grande escritor ficcional. É certo que a crítica, por muitos anos, viu sua produção ficcional com receio, destoando de sua recepção em relação aos leitores na Itália, e nos países em que sua obra foi produzida, sendo um autor muito lido, de uma obra cuja leitura é considerada agradável, interessante e até mesmo bem humorada. Até mesmo o autor, ao ser questionado a respeito, mencionou: “Se não fosse Auschwitz, com certeza teria sido um escritor falido”, mas de fato, seu grande reconhecimento se dá de maneira póstuma, quando a obra do autor é revisitada e alvo de pesquisa em diversos âmbitos. A esse respeito, Marco Belpoliti declara:

Seus livros narrativos, entre os quais os de contos, foram lidos e sempre circularam durante mais de trinta anos, ainda que a conquista de sua imagem de escritor por completo não tenha sido fácil, nem simples, além do reconhecimento, em parte póstumo, do escritor de ficção, do narrador fantástico, do narrador não-romancista, do escritor antropológico e mesmo do escritor humorista<sup>72</sup>.

No Brasil, no âmbito dos estudos acadêmicos, vemos uma clara predominância das pesquisas que enfocam a parte testemunhal de Primo Levi, principalmente em

---

<sup>71</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 15.

disciplinas correlatas à história, como a teoria literária e a sociologia. Suas obras de cunho ficcional, que englobam seus contos, crônicas e livros de ficção são de fundamental importância para compreender a personalidade deste autor, como também a representação simbólica de uma experiência transfigurada pela ficção e pela memória involuntária. Outro aspecto importante preconiza se atentar para o contexto em que as obras foram escritas e publicadas, destacando sua luta política contra o esquecimento voluntário e a deturpação dos “fatos” históricos. Vemos que revisitar os contos de Primo Levi, principalmente os publicados em *Lilith* (Lílit, 1981), nos possibilita elaborar algumas hipóteses, principalmente, em relação ao interesse do autor de lutar contra o revisionismo e negacionismo do Holocausto, tão em voga na Europa no final dos anos de 1970, como também avança o permanente alerta de que se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo.

#### 1.4 – Lilith – Passado próximo, futuro indefinido.

Em 1981, Primo Levi publicou *Lilith*, uma coletânea de contos publicados em sua maioria no jornal “*La Stampa*” de Turim, entre 1975 e 1981. Dividido em três partes, “Passado próximo” reúne 12 contos no qual o autor se refere à vida cotidiana no campo de concentração, com uma visão mais informal, diferente de suas publicações anteriores, sobretudo, dos livros *É isto um Homem?* e *A Trégua*. Na segunda parte, intitulada “Futuro anterior”, Levi apresenta sua visão de futuro, às vezes, bastante plausível, apresentando um mundo dominado pela tecnologia, em outros, totalmente surreal, voltando a temas já mencionados em “Histórias Naturais” e “Vício de forma”. A terceira parte, “Presente Indicativo” inclui textos que refletem a vida do autor depois de sua experiência em Auschwitz, a retratar o ser humano em situações triviais, mas refletindo situações complexas e ensinamentos morais.

Interessa-nos, nesta dissertação, a parte em que Primo Levi escreve suas memórias de Auschwitz, os contos publicados em “Passado próximo”, entendendo estes contos como uma continuação de seu primeiro livro *É isto um Homem?*, um modo de refletir sobre a importância da publicação de seus contos, ao retomar suas memórias sobre o Holocausto, testemunha um dos acontecimentos mais cruéis do século XX e alerta para a possibilidade de aquele fato acontecer novamente.

Em *É isto um Homem?*, Levi descreve seu cotidiano no campo de concentração, transcrevendo situações difíceis, duras, consideradas pelo autor como mais importantes, naquele momento. Cabe ressaltar, novamente, que o testemunho na concepção do autor deve ser estritamente objetivo, se atentando para os detalhes, um testemunho de natureza jurídica. Dessa forma, vários relatos foram eliminados deliberadamente de seu primeiro livro, por não serem considerados sérios o bastante para constituir um livro de denúncia, de acusação. Esse material não foi esquecido, sendo publicado em *Lilith*, privilegiando passagens consideradas “marginais”, ou episódios a envolver pessoas que o autor supunha ainda estarem vivas<sup>73</sup>. O autor considerava imprudente voltar a falar de certos assuntos pois estas poderiam se sentir tocadas, magoadas, uma vez que a imagem descrita no livro, aquela retratada pelo escritor, na maioria das vezes, diverge da imagem que as pessoas citadas constroem delas mesmas. Sobre a escolha de não publicar, em *É isto um Homem?*, certos diálogos e conversas com amigos, Levi discorre em entrevista a Anna Bravo e Federico Cereja:

[...] tentei nessa altura transcrever as coisas mais difíceis, as mais duras, as mais pesadas e as mais importantes; mas seria bastante fútil introduzir *Se isto é um homem?* certos diálogos, certas conversas com colegas, amigos, e optei por omiti-las- não digo que me tenha esquecido de o fazer- deles retirei mais tarde uma dúzia de relatos que estão em *Lilit*, não sei se os conhecem...Aí evoco sobretudo encontros, personagens. Parecia-me um pouco ligeiro introduzi-los em *Se isto é um homem?* Parecia-me que o tema da indignação deveria prevalecer, era um testemunho quase de natureza jurídica e eu entendia fazer dele um acto de acusação, não com o objectivo de represálias, de vingança, de castigo, mas como testemunho e, por essa razão, certos temas pareciam-me então marginais<sup>74</sup>.

No conto inicial de *Lilith*, “Capaneo”, o escritor narra a história de dois prisioneiro dos Lagers, Valério e Rappoport. O conto se inicia enfocando uma ocasião atípica no campo de concentração, um momento de “tranquilidade”, causado pela pausa forçada no trabalho, devido à estridente sirene do alarme aéreo. Nessas ocasiões, os prisioneiros tentavam, de alguma maneira, se refugiar em algum esconderijo. Primo Levi tinha um esconderijo secreto, uma entranha subterrânea onde eram amontoadas

---

<sup>73</sup> Refere-se principalmente ao conto “O retorno de Cesare”, o autor não achou ético publicar a história, acreditava não ter o direito, sem a prévia autorização de Cesare, promessa que foi quebrada posteriormente.

<sup>74</sup> LEVI, Primo. O dever de memória: entrevista com Anna Bravo e Federico Cereja. trad. de Esther Mucznik. Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2010, p. 25 e 26.

pilhas de sacos vazios. Ao chegar, deparou-se com Valério, italiano nascido em Pisa, descrito por Levi como um sujeito que ninguém poderia nem amar, nem odiar. Digno, antes de escárnio do que de piedade, um sujeito à margem das relações entre os homens, Valério tinha perdido as feições morais, que ainda sobrevivem no campo de concentração.

Em muitas ocasiões, Primo Levi relata a importância de se manter a “cabeça em pé”, de não se dobrar à lógica do trabalho nos Lagers, que significava a degradação física e moral. No trabalho nas estepes polonesas, era importante tentar se manter limpo, evitar quedas, buscando um pouco de nobreza, aquela que sobrevive até mesmo em um homem devastado. Nesse sentido, era importante evitar as quedas na lama, ou, ao menos, disfarçar seus efeitos. Com relação a Valério, Levi descreve:

[...] Valério caía continuamente, mais que qualquer outro. Bastava o mais leve choque, às vezes nem isso; aliás, percebia-se que ele frequentemente se deixava cair na lama de propósito, assim que alguém o insultava ou ameaçava bater nele: desabava de sua breve estatura na lama, como se nela se buscasse o seio da mãe, quase como se a postura ereta lhe fosse provisória e preferisse andar aos tropeções. A lama era seu refúgio, a sua defesa putativa. Era o boneco de lama, e o barro era a sua cor. Ele sabia; com o pouco de luz que o sofrimento lhe deixara, sabia que era risível<sup>75</sup>.

Dentro do esconderijo, mesmo antes de se ajeitar comodamente, Levi começa a escutar as lamentáveis aventuras de Valério, quando do alto da escada aparece Rappoport com um balde de sopa nas mãos, um recipiente quase vazio, mas que possibilitou a Levi e Valério rasparem alguns restos. Levi elucida:

[...] conseguimos alguns restos, raspando cuidadosamente o fundo e as laterais com a colher que, naqueles tempos, carregávamos dia e noite, prontos para qualquer emergência improvável, como os Templários com as suas espadas<sup>76</sup>.

Rappoport era um exímio ladrão, aproveitava sempre as oportunidades, quando dos ataques aéreos, para adentrar as cozinhas e roubar um pouco de sopa, tornando-se um bandido experiente, sendo respeitado e invejado por isso. Para Primo Levi, como

---

<sup>75</sup> LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.335.

<sup>76</sup> Ibidem.p.336.

descrito anteriormente em seus livros testemunhais, a fim de se adaptar ao campo de concentração, todas as suas referências éticas e morais se perdiam, pois aquele era outro mundo, no qual o roubo era amplamente aceitável. Rappoport se encaixa no estereótipo de “possível sobrevivente”, aquele que por ter se adaptado melhor ao universo dos Lagers, consegue garantir maiores possibilidades de sobrevivência. Como mencionado por Primo Levi, sobreviviam quase sempre os piores, os egoístas, os violentos, os insensíveis, os colaboradores do sistema nazista. Sobreviviam os piores, isto é, os mais aptos; os melhores estão todos mortos. Sobre Rappoport, Levi discorre:

Era um homem de compleição admirável. Astuto, violento e alegre como os flibusteiros antigos, conseguia facilmente deixar para trás tudo o que lhe era supérfluo da educação civilizada. Vivia no Lager como um tigre na selva: abatendo e destrinchando os mais fracos e evitando os mais fortes, pronto a corromper, roubar, brigar, passar fome, mentir ou bajular, a depender das circunstâncias. Era, portanto, um inimigo, mas sem que fosse vil ou desagradável<sup>77</sup>.

Depois da primeira onda de bombardeiros, tudo voltou ao silêncio, propício a um repentino cochilo, o que não foi acompanhado por Rappoport, pois seu temperamento não suportava, nem mesmo no campo, um momento de inação. Rappoport dirigia a palavra a Valério constantemente, rememorando o tempo que passou em Pisa, as comidas, os temperos, os cheiros, até mesmo o calor das mulheres. Para Valério, esses instantes representavam momentos simbólicos, a amizade de um poderoso, um momento de igualdade. Quando em instantes ouve-se o apito, dessa vez as bombas caem perto, deixando Valério e Levi apreensivos, Rappoport se divertia com o sofrimento dos dois, lembrando Levi “Capanê”, que, do fundo do inferno, desafia Zeus e zomba de sua ira.

A autoconfiança, a vitalidade de Rappoport era para Levi, insolente, quase uma ofensa, pois, nas condições em que se apresentavam, a vida de ambos era parecida, sendo o médico polonês tão vulnerável como ele. Enquanto tentavam se recuperar, Rappoport continuava com insinuações tentando repassar seu testamento. Dizia:

Aqui está: enquanto pude, bebi, comi, fiz sexo, troquei a Polônia plana e cinzenta pela Itália de vocês; estudei, aprendi, viajei e vi. Mantive os olhos bem abertos, não desperdicei uma migalha; fui

---

<sup>77</sup> Ibidem.p.337.

diligente, e não que fosse possível fazer mais ou melhor. Tudo andou muito bem, acumulei uma grande quantidade de bem, e todo esse bem não desapareceu, está em mim, sem segurança: não o deixo desbotar. Eu o conservei. E ninguém pode tirá-lo de mim. [...] Depois vim parar aqui: estou aqui faz vinte meses, e há vinte meses faço minhas contas. Pelos meus cálculos, o meu saldo ainda é bastante positivo. Para arruinar minha balança, seriam necessários muitos meses de Lager a mais, ou muitos dias de tortura. De resto, e acariciou o estômago afetuosamente, com um pouco de iniciativa, até aqui é possível encontrar algo de bom. Por isso, no caso lamentável de que um de vocês sobreviva a mim, podem dizer que Leon Rappoport teve o que lhe cabia, não deixou débitos nem crédito, não chorou e não pediu piedade. Se no outro mundo encontrar Hitler, lhe cuspirei na cara com todo o direito... Caiu uma bomba bem perto, seguida de um deslizamento: um dos depósitos devia ter sido atingido. Rappoport precisou aumentar a voz quase num grito: ‘...porque ele não me derrotou!’<sup>78</sup>

Depois deste episódio, Primo Levi ainda o reencontrou em uma oportunidade, quando estava internado na enfermaria do Lager. Pela janela, foi possível reconhecer Rappoport, passando com sua respeitável “obesidade”, caminhando para o que seria provavelmente seu fim, quando da “marcha da morte”, no momento de evacuação do campo. Primo Levi achou eticamente necessário repassar a memória de seu testamento. De Valério pouco restou além do relato de sua impotência, sua insignificância em um mundo em que só os “piores” conseguem se adaptar.

No conto “O malabarista”, Levi apresenta a história de Eddy, destacando o dia que quase perdeu a vida. Eddy era um criminoso comum alemão, entre os chamados de “triângulos verdes”, os quais já estavam detidos em cárceres comuns e tiveram a opção de se transferirem a um Lager. Eram pessoas da pior espécie, assassinos em sua maioria.

Os “triângulos verdes” se adaptaram muito bem ao campo, por serem arianos tinham privilégios, vivendo, na maioria das vezes, com mais conforto e poder do que em casa. Eddy era um destes, mas não um assassino, sendo malabarista e, nas horas propícias, um ladrão. Em junho de 1944, tornou-se vice-Kapo, chamando a atenção pelas características que o distinguia, sendo de uma beleza impressionante, louro, forte e ágil. Mas o que mais o marcava era a imprevisibilidade, sua capacidade de “brincar” em situações mais remotas. Segundo Levi:

No trabalho era imprevisível. Às vezes trabalhava por dez, mas mesmo nos trabalhos mais opacos não deixava de revelar de repente o seu talento profissional. Cavouca a terra e num instante

---

<sup>78</sup> Ibidem.p.339.



interrompia, segurava a pá como um violão e improvisava uma cançãozinha, batendo nela com uma pedra, ora no cabo, ora no ferro. Transportava tijolos, voltava com seu porte dançante e onírico, e de repente turbilhonava num rápido salto-mortal. Ao contrário, em outros dias ficava largado em um canto sem mover um dedo, mas, justamente porque era capaz desses gestos extraordinários, ninguém lhe dizia nada. Não era um exibicionista: quando brincava, não se importava com quem estivesse por perto, parecia mais preocupado em executar os movimentos com perfeição, repetindo-os, aprimorando-os, como um poeta insatisfeito que nunca para de corrigir-se. Às vezes o víamos em meio às ferragens espalhadas no acampamento, recolhendo um aro, uma haste, um retalho de lata, e depois os revirava atentamente entre as mãos, equilibrava-os em um dedo, fazia-os voar pelos ares, como se quisesse penetrar-lhes a essência e construir com eles um novo jogo<sup>79</sup>.

Até que, quando do descarregamento de bobinas de papelão, a história de Levi e Eddy se cruzam. Primo Levi tinha conseguido um pedaço de papel e lápis e esperava a oportunidade de escrever uma carta endereçada a um operário civil italiano, Lorenzo Perrone, pedreiro de Fossano, cuja história Levi descreve em *É isto um homem?* e no conto “O retorno de Lorenzo”. Acreditando estar sozinho, começa a escrever desconfiado, pois o ato de escrever era considerado uma infração grave, dependendo do conteúdo da carta, passível de pena de morte.

A mensagem deveria ser escrita de maneira clara e, ao mesmo tempo, inocente, para não despertar suspeitas na censura. Primo Levi não contava com a chegada silenciosa de Eddy, deixando o papel e o toco de lápis cair no chão. Após uma bofetada, que, segundo Levi, não teve a intenção de maltratar nem fazer sofrer, quis-se alertar que o ato realizado era extremamente sério, levando a um risco de morte. Primo Levi salienta que, com a experiência nos Lagers, é possível distinguir o conteúdo de uma agressão:

Por esse mesmo motivo, murros e bofetadas corriam entre nós como linguagem cotidiana, e tínhamos apreendido rapidamente a distinguir os golpes ‘expressivos’ daqueles outros, infligidos por brutalidade, para produzir dor e humilhação, e que frequentemente conduziam à morte. Uma bofetada como aquela de Eddy era semelhante ao tapinha que se dá num cachorro ou à chicotada que se dá num burro, para lhes transmitir ou reforçar uma ordem ou uma proibição- em suma, pouco mais de uma comunicação não-verbal<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> Ibidem.p.342.

<sup>80</sup> Ibidem.p.344.

Ao ser interrogado, Levi menciona que não estava escrevendo a ninguém, mas encontrara por acaso o lápis e o papel, e em um momento de nostalgia começara a escrever. Além do mais, pra quem ele poderia escrever, sabendo que isto infringia as regras do campo? Eddy, após consultar dois outros prisioneiros que sabiam ler e escrever em italiano e alemão, para saber o conteúdo dos escritos, constatou com vice-Kapo, que as duas traduções eram exatamente iguais, e, portanto, não representavam perigo, não denunciando Primo Levi à seção política do campo.

Primo Levi menciona em outras publicações, entrevistas e em palestras, que nunca teve a oportunidade de agradecer a Eddy, mas depois daquele episódio passou a procurar entender o comportamento e a substância humana por trás dos chamados “triângulos verdes”, até mesmo dos alemães comuns, assunto que vai permear sua obra escrita, em artigos no jornal “*La Stampa*” e também no seu ultimo livro, *Os Afogados e os sobreviventes*.

O conto “Lilith”, provavelmente o mais conhecido de Primo Levi, inicia-se em um dia chuvoso, onde a camada de lama impossibilitava a continuação dos trabalhos. Autorizados pelo Kapo, os prisioneiros puderam se abrigar, como fosse possível, da tempestade, correndo a procura de um abrigo. Levi entrou em um cano de ferro, grande o bastante para abrigá-lo dentro. Neste momento, percebe que outro prisioneiro tivera a mesma ideia: Tischler, o carpinteiro, não necessariamente por sua profissão, mas assim era chamado. Tischler falava um italiano diferente, divertido, e assim, os dois não tiveram dificuldades de comunicação. Aquele encontro o deixou animado, para ele era um dia especial, pois completava vinte e cinco anos, por incrível que pareça, a mesma idade que Primo Levi completava no mesmo dia. Para comemorar, Tischler tirou do bolso uma meia maçã, cortou uma fatia e a ofereceu a Levi. Em outro cano em frente, uma mulher se abrigou da chuva, e coisa rara para um detento era ver uma mulher tão de perto.

Tischler enxerga na mulher, Lilith, a primeira mulher de Adão. Primo Levi, pacientemente, escuta as várias narrações sobre o mito, cada relato apresenta uma natureza sobre a origem de Lilith, visto sempre de maneira diferente. Segundo Tichler, a história de Lilith é pouco conhecida, pois ao contrário da de Eva, é contada apenas oralmente. Neste relato, a partir da costela de Adão, nasce Lilith, não Eva. Na versão mais tradicional, Deus os fez de maneira igual, do mesmo barro, uma só forma. A figura de um homem e uma mulher conjugados, separando-os depois com um corte. Lilith se

rebela contra Adão, por não aceitar a submissão ao fazer sexo (ficar por baixo), argumentando que eram iguais, feitos da mesma matéria. Na continuação do conto:

Adão tentou força-lá, mas, como eram iguais também na força, não consegui, e então pediu ajuda a Deus – como ele era também um macho, lhe daria razão. E de fato lhe deu razão, mas Lilith se rebelou: ou direitos iguais, ou nada; e como os dois machos insistissem, ela blasfemou o nome do Senhor, tornou-se uma diaba, partiu voando feito uma flecha e foi se estabelecer no fundo do mar. Há até quem vá mais adiante e diga que Lilith habita precisamente o mar vermelho, e que todas as noites ela se ergue em vôo, gira o mundo, bate contra as vidraças das casas onde há crianças recém-nascidas e tenta sufocá-las. É preciso estar atento: se ela entrar, deve-se capturá-la sob uma panela emborcada, e assim ela não poderá fazer nenhum mal<sup>81</sup>.

Em outra explicação para o mito, Tischler argumenta que Lilith também pode entrar no corpo de um homem, “ai o melhor remédio é levá-lo a um tabelião ou a um tribunal rabínico e redigir um ato formal em que o homem declara que quer repudiar a diaba”<sup>82</sup>. A narrativa é interrompida pelo riso de Primo Levi e Tischler questiona:

Por que você está rindo? É claro que não acredito nisso, mas gosto de contar essas histórias, gostava quando as contavam a mim e acho que seria triste se elas se perdessem. De resto, não garanto não ter incluído alguma coisa nelas, talvez todos que as contam acrescentem algo, e as histórias nascem assim<sup>83</sup>.

A tradição judaica é constituída de memórias, sendo em grande parte por tradição oral, as recordações e sua transmissão são de extrema importância para o povo judeu. A tentativa nazista de extermínio dos judeus previa também o aniquilamento de sua cultura, de suas tradições. Em outra versão de Lilith:

Depois tem a história do sêmen. Ela é gulosa de sêmen humano e está a espreita onde o sêmen possa ser derramado, especialmente entre os lençóis. Todo o sêmen que não for para o único lugar consentido, isto é, para dentro do ventre da mulher, é dela: todo sêmen que um homem tenha desperdiçado durante a vida, por sonho, por vício ou adultério. É claro que sobra muito para ela, e por isso está sempre grávida e não para de procriar. Sendo uma diaba, ela pare diabos [...] São espíritos malignos, sem corpo: azedam o vinho, correm à noite sobre os forros dos tetos e dão nós nos cabelos das meninas. [...] Mas também são filhos do homem, de qualquer homem, filhos ilegítimos;

---

<sup>81</sup> Ibidem.p.349.

<sup>82</sup> Ibidem.p.349.

<sup>83</sup> Ibidem.p.349.

por isso, quando o pai morre, eles comparecem ao enterro com os filhos legítimos, que são seus meio irmãos<sup>84</sup>.

A história mais estranha, escrita no livro dos cabalistas, vem por último no conto de Primo Levi. Segundo uma das versões do mito de Lilith, depois de criar Adão, Deus também não queria ficar só. E teve como companheira Shekinah, sua própria presença na criação, sua mulher, a mãe de todos os povos. Entretanto, quando o templo de Jerusalém foi destruído pelos romanos e os judeus se dispersaram, sendo escravizados, Shekinah, furiosa, abandona Deus e também segue para o exílio.

Após ser abandonado por Shekinah, Deus, não querendo ficar só, arruma uma amante, Lilith, sendo Lilith todo o mal personificado da humanidade, responsável por todos os infortúnios dos judeus, inclusive o Holocausto. Em destaque no conto:

Enquanto Deus continuar pecar com Lilith, haverá sangue e sofrimento na terra; mas um dia virá um poderoso, aquele que todos esperam, que fará Lilith morrer e porá um fim à luxúria de Deus e ao nosso exílio<sup>85</sup>.

O mito de Lilith é apresentado em várias versões, sendo instável e efêmero, passível de várias interpretações, terminando quando Levi descreve que, muitos anos depois, teve a oportunidade de presenciar um funeral que ocorreu como Tischler narrou, com uma dança defensiva em torno do morto.

“Um discípulo”, conto em que Primo Levi nos narra a chegada dos húngaros, entre maio e junho de 1944, a Auschwitz, provocando mudanças profundas no campo, além de se tornar a etnia mais numerosa e transformar todas as outras em minorias. Na sua grande maioria, os magiares eram operários e camponeses simples, mas existiam em grande número também intelectuais, estudantes e profissionais liberais provenientes principalmente de Budapeste. Estes, com pele delicada, por isso mesmo, em pouco tempo, estavam cobertos de feridas e escoriações.

Levi trata especialmente neste conto, do companheiro de trabalho chamado “Bandi”, diminutivo de Endre. O trabalho designado do dia era o transporte de tijolos, em uma espécie de maca, onde estes eram empilhados. Em sua reflexão sobre a

---

<sup>84</sup> Ibidem.p.350.

<sup>85</sup> Ibidem.p.350.

volatilidade da memória, Levi nos indica que toda memória se apaga<sup>86</sup>, mas as lembranças de “Bandi” ainda estariam vivas e dignas de serem transcritas. Nas viagens de ida, com o peso dos tijolos, faltava fôlego para conversas mais longas, mas, na volta, foi possível saber um pouco mais sobre seu companheiro:

Contou-me que se chamava Endre Szántó, nome que se pronuncia mais ou menos como ‘santo’ em italiano, e que reforçou em mim a tênue impressão de uma auréola que parecia circundar-lhe a cabeça raspada. Disse isso a ele: nada disso – explicou-me sorrindo - , Szántó quer dizer ‘arador’ ou, mais genericamente, camponês; é um sobrenome muito comum na Hungria, embora ele não fosse um arador, mas um operário de fábrica. Os alemães o capturaram três anos antes, não por ser judeu, mas por suas atividades políticas; eles o enquadraram na organização Todt e o enviaram como lenhador para os Cárpatos ucranianos. Passara dois invernos entre bosques, abatendo pinheiros com três companheiros: um trabalho duro, mas ele se sentia bem, quase feliz. De resto, logo percebi que Bandi tinha um talento único para a felicidade: a opressão, as humilhações, o cansaço, o exílio pareciam deslizar sobre ele como água sobre a rocha, sem o corromper nem ferir, ao contrário, purificando-o e exaltando sua capacidade inata de alegria, como se fosse um dos chassidianos ingênuos, alegres e devotos descritos por Jirí Langer em *As nove portas*<sup>87</sup>.

Das viagens que realizaram juntos, por ter se simpatizado, Levi tentava explicar ao recém-chegado, que naquele local, não imperava a ética do mundo exterior, para sobreviver era necessário arranjar comida ilegal, roubar quando possível, ter amigos influentes, ou seja, levar vantagem quando possível. Levi tenta demonstrar que, ao invés de levar vinte tijolos por vez, colocando-os de certa forma, se poderiam levar dezessete, no intuito de se carregar menos peso. No entanto, Bandi não era um bom discípulo, não se opunha, mas argumentava em sua lógica, “mas continua sendo dezessete, e não vinte.”<sup>88</sup>

Em pouco tempo, Bandi tornou-se muito querido por seus companheiros de trabalho, ao ponto de Primo Levi lhe confiar o conteúdo de uma carta recebida por sua mãe, uma coisa raríssima entre os prisioneiros, possível apenas pelo “salvador” contato

---

<sup>86</sup> Isto seria quase uma blasfêmia, se considerarmos sua memória sobre Auschwitz, onde até mesmo o autor se compara com o personagem de Funis, o Memorioso, de Jorge Luis Borges.

<sup>87</sup> LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.353.

<sup>88</sup> Ibidem.p.354.

com Lorenzo, pedreiro italiano que o ajudou por seis meses<sup>89</sup>, considerado por Levi um dos grandes motivos de sua sobrevivência.

Primo Levi descreve que Bandi ouvia atentamente, entendia que aquele recado escrito em um pequeno pedaço de papel representava uma imensa esperança, uma oportunidade de se salvar. Bandi, em um gesto de solidariedade, vasculhou os bolsos e presenteou seu mestre, ofereceu-lhe um rabanete e disse. “Aprendi. É pra você: é a primeira coisa que roubei”<sup>90</sup>.

Primo Levi começa o conto “O nosso distintivo” descrevendo a rotina no campo em um dia comum. Ao acordar, nunca deixar de calçar os sapatos e sempre arrumar a cama perfeitamente. Após o uso da latrina e dos lavatórios, segue-se a fila do pão, onde depois os prisioneiros seriam alinhados em suas esquadras de trabalho. Levi descreve que a sua esquadra era diferenciada, pois não havia muitos novatos e imperava o espírito de equipe e a camaradagem. Primo Levi recorda nos mínimos detalhes:

Chegou Lomnitz, antiquário de Frankfurt; chegou Joulty, matemático de Paris; chegou Hirsch, misterioso negociante de Copenhague; chegou Janek, o Ariano, gigantesco ferroviário de Cracóvia; chegou Elias, anão de Varsóvia, rude, louco, provavelmente um espião. Por último, como sempre, chegou Wolf, farmacêutico de Berlin, curvo, adunco e cheio de olheiras, murmurando um tema musical. Seu nariz judaico fendia o ar turvo como a proa de um navio: ele o chamava em hebraico ‘Hutménu’, ‘o nosso distintivo’<sup>91</sup>.

“O nosso distintivo” foi apelido dado a Wolf por seu imenso nariz, estereótipo típico dos judeus. Dentro do campo, Wolf se distinguia por estar sempre cantando, gesticulando, como se tocasse um violino, uma flauta. Outro tema descrito no conto, muito comum aos prisioneiros do Lagers era a infestação de sarnas, presentes em todos os prisioneiros sem distinção. Wolf, ao contrário de seus companheiros, evitava se coçar na frente dos outros, tornando alvo de chacotas de alguns colegas de trabalho. Para Elias, ele não era um sujeito comum, “Porque tem sarna e não se coça”. Para Levi, um dos fatores determinantes de sobrevivência de Wolf foi seu novo apelido adquirido no campo “Sarnawolf”, que o incomodava tanto a ponto de ajudá-lo a sobreviver, a manter a dignidade.

---

<sup>89</sup> Este episódio, um dos mais representativos na passagem de Primo Levi por Auschwitz, será narrado em um conto em homenagem a Lorenzo, em que menciona sua volta, como também, seu triste fim na Itália.

<sup>90</sup> Ibidem.p.355.

<sup>91</sup> Ibidem.p.357.

Fato inusitado aconteceu na primavera, em um domingo de descanso, quando os prisioneiros aproveitavam para dormir, remendar suas roupas, descansar ao sol. Levi declara que um som havia chamado a atenção, um som incomum que geraria curiosidade em todos. Segundo Levi:

[...] ouvia-se a chegada de um som novo, um som tão improvável que todos ergueram a cabeça para escutar. Era um som fino como aquele céu e aquele sol, vindo de longe, sim, mas do interior do campo. Alguns venceram a inércia e se puseram a procurar como cães de caça, correndo com passo trôpego e orelha em pé: encontraram Sarnawolf sentado numa pilha de tábuas, estático, tocando violino. O 'seu distintivo' vibrava tenso sob o sol, e os olhos míopes se perdiam para além do arame farpado, além do pálido céu polonês. Não se sabia onde encontrara o violino, mas os veteranos sabiam que tudo pode ocorrer em um Lager: talvez o tivesse roubado, talvez alugado por pão<sup>92</sup>.

A música de Wolf era mais que uma distração, um entretenimento, evocava lembranças de uma vida anterior, gerando também esperança, mesmo por um instante, da possibilidade de um mundo humano.

No conto "O cigano", Primo Levi narra a movimentação causada no Lager, quando da oportunidade dada, pelo Comando do campo, de se escrever uma carta aos familiares. Seguindo regras pré-estabelecidas, os prisioneiros só poderiam escrever nos formulários fornecidos pelo chefe dos barracões, deveriam as correspondências ser escritas em alemão, também os destinatários permitidos deveriam residir na Alemanha, territórios ocupados ou países ocupados, como a Itália de Primo Levi.

O campo fervilhava como uma colméia, em várias línguas eram emitidas uma gama de opiniões, ficando claro que a possibilidade de a notícia ser verdade era pequena, sendo um truque, para que as cartas dos judeus chegassem às mãos da Cruz Vermelha, a forjarem a prova de que os judeus eram bem tratados, seguindo os tratados internacionais. Primo Levi ressalta:

Quem ali já tinha recebido oficialmente encomenda ou mesmo uma carta? De resto, quem conhecia o nosso endereço, se é que "KZ Auschwitz" era um endereço? E a quem poderíamos escrever, já que todos os nossos parentes eram prisioneiros em algum Lager como nós ou estavam mortos ou escondidos aqui e ali pelos quatro cantos da Europa, acompanhando com terror o nosso destino? Claro, era um truque, as cartas de agradecimento com o carimbo postal de

---

<sup>92</sup> Ibidem, p. 359.

Auschwitz seriam mostradas à delegação da Cruz Vermelha ou a alguma entidade neutra, para provar que os judeus de Auschwitz não eram tão maltratados assim, já que recebiam encomendas de casa. Uma mentira imunda<sup>93</sup>.

Dentro dos Lager, as opiniões se dividiram entre aqueles que não iriam escrever nada, aqueles que escreveriam sem agradecer as encomendas recebidas (neste ponto, os alemães “pediram” que, nas cartas, tivessem um agradecimento por mercadorias recebidas, indicando que os prisioneiros tinham contato com o mundo exterior). Havia aqueles que optaram por escrever sem agradecer, como o caso de Levi.

Com um toco de lápis e o formulário nas mãos, Levi decide escrever, não antes de fazer um rascunho num pedaço de saco de cimento que guardava no peito no intuito de se proteger do frio. Mas para escrever, era necessário um pouco de “paz”, ficar um pouco sozinho, coisa rara no campo. Nesse ponto do conto, Levi menciona que o local escolhido seria sua cama, sem que alguém o estivesse olhando. Ao começar redigir a carta, notou que seu companheiro não tirava os olhos, um olhar tranqüilo, quase piedoso. Nessa cena, Primo Levi traz uma reflexão de como os “Zugangs”, os novatos, eram tratados pelos veteranos, aqueles que já possuíam mais de três meses de campo. Levi discorre:

O sentimento de camaraderie entre nós era escasso: limitava-se aos compatriotas, e mesmo em relação a estes era reduzido pelas mínimas condições de vida. Além disso, era nulo ou até negativo em relação aos recém-chegados: sob este e vários outros aspectos, tínhamos regredido e recrudescido fortemente, e tendíamos a ver no companheiro “novo” um estranho, um bárbaro desajeitado e importuno, que vem disputar espaço, tempo e comida, que não conhece as regras tácitas e férreas da convivência e da sobrevivência, e que além disso se lamenta – e se lamenta à toa, de modo irritante e ridículo, porque até poucos dias antes ainda estava em casa ou pelo menos fora do arame farpado. O novato só tem uma virtude: traz notícias recentes do mundo, porque leu jornais e ouviu rádio, talvez até as rádios aliadas; mas, se as notícias são ruins, se por exemplo ele diz que a guerra não acabará daqui a duas semanas, ele não passa de um estorvo a ser evitado ou escarnecido por sua ignorância, e submetido a deboches cruéis<sup>94</sup>.

---

<sup>93</sup> Ibidem.p.361.

<sup>94</sup> Ibidem.p.361-362.



Seu companheiro de cama chamava-se Grigo, tinha 19 anos, era cigano nascido na Espanha, capturados pelos nazistas na Hungria. Grigo não era um novato incômodo, pelo contrário, despertava em Levi uma sensação de piedade. O cigano esperou, pacientemente, Levi acabar de escrever seu formulário, depois, com muita dificuldade, pois os dois não mantinham uma linguagem em comum, pediu que Levi escrevesse para ele uma carta endereçada à sua namorada. Após pensar, Primo concorda, mas antes pediu um pedaço de pão em troca, o que foi aceito.

Grigo começou com muita dificuldade a ditar o conteúdo da carta, causando surpresa em Levi, quando retirou do peito uma fotografia da mulher, causando admiração e respeito, pois não era fácil entrar no Lager com uma foto. A carta com um conteúdo de amor, continha também notícias do campo, o que Levi o recomendou omitir. Grigo insistiu apenas em um ponto, para que lhe enviasse uma boneca. Isso gerou uma perplexidade em Levi, pois onde arrumar uma boneca, no Lager? E outra questão impeditiva era não saber o vocábulo correspondente a essa palavra, em alemão. Grigo argumentou que ele mesmo faria uma e lhe enviaria, tirando do bolso um canivete que estava escondido.

Primo Levi ressalta que o novato não era nada tolo, por conseguir guardar objetos tão preciosos para a sobrevivência no Lager. Acabando sua carta, Levi estava pronto para receber seu pagamento, uma situação que, atualmente, o faz sentir remorso, afora enuncie que aquele tempo era diferente. Na citação a seguir, Primo Levi exemplifica como era realizada a divisão do pão, uma regra consensual dentro do campo de Auschwitz:

Quando a carta chegou ao fim, Grigo tirou do bolso uma ração de pão e a estendeu para mim, junto com o canivete. Em todos os pagamentos à base de pão, era costume – aliás, uma lei não escrita – que uma das partes cortasse o pão e a outra escolhesse, porque assim aquele que cortava era induzido a dividir em porções iguais. Fiquei abismado de Grigo já conhecer a regra, mas depois pensei que ela talvez vigorasse fora do Lager também, no mundo que eu desconhecia e de onde Grigo viera. Cortei, e ele me elogiou com cavalheirismo: as duas metades eram idênticas, e isso era ruim para ele, mas eu dividira bem, e não havia o que contestar<sup>95</sup>.

No final do conto, Levi menciona que nunca mais viu Grigo, restando dele apenas esse relato, além do fato de que a carta nunca teria chegado ao seu destino.

---

<sup>95</sup> Ibidem.p.363-364.

Em “O cantor e o veterano”, Primo Levi descreve a história de três prisioneiros que o marcou, por suas características peculiares. Otto, prisioneiro político alemão, um dos mais justos chefes de barracão, Vladek, um preso político que se destacava por sua imbecilidade, considerado o mais imundo do campo, por não gostar de se lavar e Ezra, o único prisioneiro que Levi tem notícia de ter se recusado a comer no Lager.

Otto tinha aproximadamente cinquenta anos, mas, ainda matinha um físico invejável. Preso político, era um dos mais antigos do Partido Comunista Alemão, sendo o “triângulo vermelho” com numeração mais baixa, quatorze, prisioneiro de Auschwitz há sete anos, antes prisioneiro em Dachau. Era respeitado, nem tanto por sua trajetória, mas por sua força e agilidade.

Como chefe do barracão, Otto respondia pela limpeza de seus subordinados, entre eles Vladek, jovem lavrador polonês que ostentava o “triângulo vermelho”, mesmo sendo um completo idiota. Levi ressalta que se não fosse por suas encomendas recebidas com frutas, toucinho e agasalhos de lã, provavelmente, já teria ido parar nas câmaras de gás. Otto já havia comunicado verbalmente e com a linguagem típica do Lager, socos e pontapés, mas Vladek não se lavava. Segundo Levi, Otto foi capaz de um ato inusitado, um dos poucos registros engraçados de sua passagem por Auschwitz:

Em setembro houve um domingo de calor: era um dos raros domingos de descanso, e Otto anunciou que haveria uma festa, ou melhor, um espetáculo nunca visto, que ele ofereceria gratuitamente a todos os inquilinos da barraca 48: a limpeza pública de Vladek. Mandou que pusessem ao ar livre um dos tonéis de sopa, enxaguado sumariamente, e ordenou que o enchessem de água quente retirada das duchas; meteu dentro dele Vladek, nu e de pé, e o lavou pessoalmente como se lava um cavalo, esfregando-o da cabeça aos pés, primeiro com uma escova e depois com uns panos de chão. [...] Vladek, que estava coberto de pruridos e escoriações, mantinha-se imóvel feito um pau, com os olhos vidrados; o público se acabava na gargalhada, e Otto, todo concentrado como se estivesse fazendo um trabalho de precisão [...] Era realmente um espetáculo engraçado, que fazia esquecer a fome e merecia ser contado aos companheiros de outras barracas. [...] Vladek estava tão limpo que tinha até mudado de cor, e era difícil reconhecê-lo<sup>96</sup>.

Depois do episódio, a impressão geral foi de que Otto não era o pior dos chefes, pois qualquer outro Kapo, em seu lugar, não teria se dado o trabalho, transferindo o problema a Companhia de Punição, ou no mínimo, usado água gelada.

---

<sup>96</sup> Ibidem.p.366.

Outro tema abordado no conto, o dia sagrado do Kippur, para os judeus, o dia do perdão e da purificação. Levi menciona que, nas condições do campo, era difícil calcular com exatidão a data certa, tendo como hipóteses, que só os judeus mais fiéis poderiam controlar o passar dos dias, ou mais provável, que as notícias tenham chegado com os novatos.

No dia do Kippur, todos os prisioneiros, em fila para receber a sopa. Ezra, relojoeiro de profissão, nascido em algum vilarejo remoto da Lituânia, na sua vez de receber a sopa, não estendeu a gamela e mencionou ao Kapo “Senhor chefe, hoje para nós um dia de expiação, e eu não posso tomar sopa. Peço-lhe respeitosamente que a reserve até amanhã a noite”<sup>97</sup>.

O ato de Ezra deixou todos de boca aberta, visto ser a primeira vez que um prisioneiro recusava a sopa. Otto não sabia o que fazer, se sorria ou esmurrava aquele prisioneiro, pensando estar de brincadeira. Por fim, o Kapo disse-lhe que o procurasse após a distribuição. Ezra o procurou e Otto o perguntou, queria saber dessa “história de expiação”, indagando se, por acaso, este dia teria menos fome que os demais. Ezra, por sua vez, responde que, no dia o Kippur, deveria se abster de alimentação e também do trabalho, mas em relação a esse, não poderia fazer nada, pois certamente seria denunciado e executado, e trabalhou porque a “Lei” permite desobedecer aos preceitos e proibições quando o motivo era salvar uma vida, enquanto pelo jejum, ainda não estava certo que morreria por isso.

Otto, cada vez mais curioso se aprofundava nas perguntas, com um nítido sentido de provocação: mais quais pecados deveriam expiar? Ezra responde que conheciam alguns outros pecados sem se dar conta. E outro importante fator: a expiação não era uma questão estritamente pessoal, sendo provável que Deus perdoasse, inclusive, os pecados cometidos por outras pessoas. Segundo Levi:

Otto estava cada vez mais perplexo, dividido entre o assombro, o riso e um outro sentimento ao qual não saberia dar um nome, que pensou que estivesse morto dentro dele, assassinado pelos anos de vida ambígua e ferina nos Lager e morto ainda antes de sua militância política, que fora rigorosa. Com voz baixa, Ezra interveio e explicou-lhe que, justamente no dia do Kippur, é costume ler o livro do profeta Jonas, aquele que fora engolido pelo peixe. Jonas fora um profeta severo; depois do episódio do peixe, predicara o arrependimento ao rei de Nínive, mas, quando este se arrependera de suas culpas e do pecado de sua gente, proclamando um decreto que impunha o jejum

---

<sup>97</sup> Ibidem.p.367.

de todos os ninivitas e até aos rebanhos, Jonas continuou a suspeitar de um engano, a desconfiar e a pelejar com o Eterno, que no entanto estava inclinado ao perdão; sim, ao perdão, inclusive aos ninivitas, que eram idólatras e não sabiam distinguir entre direita e esquerda. Otto o interrompeu: [...] O que você quer dizer com essa história? Que seu jejum é também por mim? E para todos, até para ...eles? ou que eu também deveria jejuar?<sup>98</sup>

Ezra, humildemente, responde que era um simples prisioneiro, não um profeta como Jonas, e pedia com humildade que guardasse a sopa da noite e o pão da próxima manhã. Otto, lembrando os tempos de partido, o gosto por acaloradas controvérsias dialéticas, questiona que se a sopa é líquida, não é considerada um alimento. Ezra explica que a distinção é irrelevante, pois, nesse dia, não se bebe e não se come nada. Otto, ainda perplexo, separou a sopa de Ezra em um armário pessoal, guardando uma porção abundante.

Primo Levi nos indica que esta história foi narrada pelo próprio Ezra em um dia de trabalho. Nesse referido conto, Levi mostra como a tradição judaica é antiga e dolorosa, tradição cujo cerne consiste em abominar o mal e praticar a justiça, até em momentos excepcionais como o do Holocausto.

O conto “A história de Avrom”, narra a primeira história de Lilith, que não tem como tema o cotidiano de Primo Levi no campo de Auschwitz. Neste conto, é apresentada a interessante história de Avrom, transmitida oralmente a Levi, de boca em boca, trazendo a imagem de uma Itália sob os olhos de um estrangeiro, ingênuo sem grandes pretensões.

Avrom tinha treze anos, em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia. Ao contrário de seus pais, achou mais inteligente fugir, vivendo de pequenos furtos, se abrigando em casas abandonadas. Adiante, em 1942, se instalou em um quartel italiano, o que nas descrições de Levi seria muito provavelmente um quartel italiano da Armir<sup>99</sup>, depois que ficou sabendo que os italianos eram bem diferentes dos alemães, relapsos com a disciplina militar e em proibições, não fazendo distinções por ele ser judeu.

Após a Armir ser extinta em 1943, os italianos foram dispensados e voltaram para a Itália, e Avrom, que tinha feito amizade com um alpino italiano da cidade de Canavese, decide embarcar junto com os militares. Ao chegar à Itália, os militares foram mantidos em um campo de quarentena, oficialmente para desinfecção sanitária,

---

<sup>98</sup> Ibidem.p.368.

<sup>99</sup> Unidade do Exército italiano que lutou na Frente Oriental durante a Segunda Guerra Mundial

mas os alemães chegaram e bloquearam o campo, conduzindo os “prisioneiros” de volta à Alemanha. Dentro do trem, Avrom anunciou ao alpino que não tinha a intenção de ir para a Alemanha, preferindo saltar do trem, ato incentivado por seu colega alpino, que deixou uma carta de recomendações a ser entregue a sua família. Segundo Levi, começava, doravante, a epopeia de Avrom na Itália:

Avrom se jogou do trem com a carta no bolso. Estava na Itália, mas não na Itália brilhante e colorida dos cartões-postais e dos livros de geografia. Estava só, sobre o cascalho da linha férrea, sem dinheiro, no meio da noite e das patrulhas alemãs, num país desconhecido, em algum lugar entre Veneza e o Brenner. Sabia apenas que precisava alcançar Canavese. Todos o ajudaram e ninguém o denunciou: consegui um trem para Milão e depois um outro para Turim. Em Porta Susa tomou a Canavesana, desceu até Cuorgné e fez a pé a estradinha para o vilarejo do amigo. Naquela altura Avrom tinha dezessete anos<sup>100</sup>.

Após ser bem recebido pelos pais de seu colega militar alpino, Avrom começa a ajudá-los no trabalho no campo, sendo que, naquela época, qualquer ajuda era muito bem vinda. O padre do pequeno vilarejo enxergou um enorme potencial em Avrom, o convidando a entrar em uma escola e se tornar padre. Essa história de um judeu auxiliando as missas católicas divertia Primo Levi. Mesmo familiarizado na pequena cidade, Avrom não criou vínculos, além de, na primeira oportunidade, quando da chegada de militares tchecoslovacos, desertores do exército alemão à cidade de Canavese, partiu para lutar com os guerrilheiros italianos. Levi assevera que Avrom:

Não tinha ideias políticas bem definidas, mas tinha visto o que os alemães fizeram em seu país e lhe parecia justo combater contra eles. [...] Agora Avrom era um partigiano completo, corajoso e robusto, disciplinado por sua natureza mais íntima e hábil com a pistola e o fuzil, poliglota e astuto como uma raposa. Um agente do Serviço Secreto americano tomou conhecimento dele e lhe confiou um radiotransmissor: ele devia transportá-lo numa maleta e deslocar-se continuamente para que ela não fosse rastreada pelos inimigos, mantendo contato com as brigadas que vinham do sul da Itália, especialmente com os poloneses de Anders. De esconderijo em esconderijo, Avrom chegou a Turim.[...] Depois da Libertação, os aliados o convocaram a Roma para regularizar a sua situação, que de fato era bastante confusa<sup>101</sup>.

---

<sup>100</sup> Ibidem.p.371-372.

<sup>101</sup> Ibidem.p.373.

A história de Avrom é a de um sujeito visto como um herói por Levi, sobremaneira, por ter combatido por um país que não o seu. Após a libertação da Itália, Avrom se refugiou em Israel, sendo sua história perpetuada por Levi, que inconscientemente se identificava muito com o personagem, misturando suas vidas, sua história de luta. No caso da história de Avrom, defrontamo-nos com uma narrativa de sucesso, liberdade, em contraste com a sua fracassada experiência de guerrilheiro contra o regime fascista.

No conto “Cansado de ficções”, Primo Levi destaca a surpreendente história de Joel König, a qual leu o manuscrito com o título “Escapando às redes do nazismo”, publicado na Itália pela Editora Mursia. A história de Joel parece, para Levi, digna de ser contada, por sua singularidade.

Joel é judeu alemão nascido em 1922, em Heilbronn, na Suécia, filho de um rabino de origem burguesa. Do pai, teve ensinamentos sobre a tradição e os ritos judaicos, considerados interessantes, poéticos. A partir da chegada de Hitler ao poder em 1933, o pai de Joel foi transferido para uma pequena cidade polonesa de nome Auschwitz, nome que, até aquele momento, não queria dizer quase nada. Primo Levi destaca o rabino e o filho e nos apresenta informações importantes sobre o imaginário político da Alemanha naquela época. Para Levi:

O rabino ensinou ao filho que, depois do pecado original e da destruição do templo por obra de Tito, o tratado de Versalhes foi o evento mais calamitoso da história do mundo, mas que no entanto os judeus-alemães não devem opor-se à injustiça com a violência: “Sofrer injustamente é melhor que agir injustamente”. Nos anos da crise econômica, votou nos católicos de centro “porque eles temem a Deus”, mas em 1933 os católicos votaram a favor dos plenos poderes a Hitler – e ele reconhece nas leis de Nuremberg a mão corretiva de Deus e uma punição às transgressões dos judeus.[...] Faziam negócios no sábado? Agora suas lojas são boicotadas. Casavam-se com mulheres cristãs? As novas e boas leis proíbem os matrimônios mistos<sup>102</sup>.

É lícito dizer, a partir da citação acima, que as leis nazistas começaram a apertar o cerco em torno dos judeus alemães. Muitos tentaram a fuga enquanto a maioria permaneceu imóvel, sendo deportados, tempos depois. Em outro trecho, Levi descreve as privações passadas pelos judeus alemães:

---

<sup>102</sup> Ibidem.p.376.

[...] os judeus devem trazer no coração e nas portas de casa a estrela amarela; já não podem ter bicicletas ou telefones, nem telefonar de locais públicos, nem assinar jornais. Devem entregar as vestimentas de lã e as peles, e recebem ínfimas rações de comida; começam aos poucos os deslocamentos “rumo ao Oriente”; e aí estão os guetos, o trabalho forçado, e ninguém suspeita do massacre enquanto crianças e moribundos são deportados...<sup>103</sup>

Joel encontra refúgio em uma granja-escola organizada pelos sionistas, até então “tolerada” pelos nazistas, devido à mão de obra ser escassa e o lucro fácil e garantido. Após seus pais serem deportados, Joel se vê sozinho em uma cidade hostil, a considerar mais seguro destruir seus documentos, que traziam a inicial “J” Jude (judeu), se tornando uma fora da lei. Ao andar sem rumo por Berlim, se abriga em lugares inusitados, indo se instalar sempre em algum lugar temporário, sobrevivendo, malgrado nunca distante de perigos.

Arranjar um documento de identificação falso poderia lhe salvar a vida. Isso ocorrerá, segundo Levi, quando Joel, da maneira mais inusitada, consegue uma identificação ariana:

[...] Declarando um nome “ariano”, solicita uma inscrição à sede fascista de Berlim, onde há cursos de italiano para militares e civis alemães. Frequenta os cursos – ele, um judeu clandestino em meio a colegas que são em boa parte militares da SS - e obtém o que desejava, uma identificação em nome de Wilhelm Schineider com a sua fotografia, um enorme emblema fascista e muitos carimbos; não é perfeito, um policial inteligente descobriria o truque com duas perguntas, porém, mais uma vez, era melhor do que nada. Confiado na frágil proteção do documento, Joel preenche os dias intermináveis vagando e meditando um plano de fuga<sup>104</sup>.

Com a ajuda da sorte, Joel se transfere a Viena e de lá para a Hungria, sempre fugindo, arrumando disfarces, enfrentando aventuras arriscadas que poderiam lhe custar a vida. Segundo Levi, o livro que narra as aventuras de Joel termina subitamente, às vezes, se prolongando em coisas supérfluas e deixando fatos essenciais de lado. Soube que Joel, depois da Hungria, esteve na Romênia, em seguida, teria conseguido embarcar num navio turco para a Palestina, naquele tempo, um protetorado britânico. Para Primo Levi, sua história é demasiadamente peculiar:

---

<sup>103</sup> Ibidem.p.377.

<sup>104</sup> Ibidem.p.378.

[...] o Serviço Secreto inglês não acreditava em sua história, que é de fato inacreditável, e o manda finalmente para a prisão como suspeito de espionagem – aquele jovem louro de sotaque germânico, aquele Joel König que atravessara toda a Europa nazista em guerra sem que a Gestapo lhe tocasse um dedo.<sup>105</sup>

Desta feita, Joel, cansado de ficções e disfarces, levou uma vida comum na Holanda, não se apresentando diferente daquilo que sempre foi.

Em “O retorno de Cesare”, Primo Levi volta a descrever a história de Cesare, um de seus mais emblemáticos companheiros. Primo Levi e Cesare passaram por diversas situações juntos, narradas, principalmente, no livro *A Trégua*. Não obstante, segundo Levi, a aventura mais fantástica vivida por Cesare foi omitida, pois o colega nunca o deixou publicar. Décadas depois, Levi, enfim, conseguiu a autorização, mas deveria aproveitá-la o mais rápido possível, antes que Cesare mudasse de ideia. Levi discorre:

Até hoje omiti a mais ousada de suas empresas porque Cesare me proibia de fazê-lo: voltara para Roma e para a ordem, construíra uma família, conseguira um emprego respeitável, uma decorosa casa burguesa, e não se sentia à vontade no pícaro engenhoso que descrevi em *A trégua*. Hoje, entretanto, Cesare não é mais o sobrevivente criativo, nem o esfarrapado e indomável da Bielo-Rússia de 1945 nem o funcionário sem mácula de Roma de 1965; é, incredivelmente, um aposentado de sessenta anos, muito tranqüilo, muito sábio, provado duramente pelo destino, que me absolveu da proibição, autorizando-me a escrever “antes que passe a vontade”<sup>106</sup>.

Em dois de outubro de 1945, enjoado pelos sacolejos e paradas intermináveis do trem que os reconduziam à Itália, Cesare abandona os colegas, queria uma chegada triunfal a sua terra, chegaria de avião. Após a tentativa falida de convencer Levi a partir com ele, então, convence o Sr. Tornaghi a fazê-lo. Sobre Tornaghi, Levi destaca:

O Sr. Tornaghi era um mafioso do Norte, um receptor profissional. Era um milanês sanguíneo e cordial, com os seus quarenta e cinco anos: em nossas vagabundagens precedentes, distinguira-se pela vestimenta quase elegante, que de resto era um hábito para ele, um símbolo de prestígio social e uma necessidade imposta pela profissão. Até poucos dias antes, havia ostentado um capote com gola de pele, mas depois o vendera para matar a fome. Era o sócio perfeito para Cesare, que nunca teve caprichos de casta ou de classe. Os dois

---

<sup>105</sup> Ibidem.p.380.

<sup>106</sup> Ibidem.p.381.



tomaram o primeiro trem que seguia para Bucareste, ou seja, na direção contrária à nossa, e durante a viagem Cesare ensinou o Sr. Tornaghi as principais orações do ritual hebraico, aprendendo com ele, por sua vez, o Pai-Nosso, o Credo e a Ave-Maria, porque já tinha em mente um programa mínimo para a primeira parada em Bucareste<sup>107</sup>.

Depois que chegaram a Bucareste, os dois mendigaram por um tempo e, do pouco que conseguiram, investiram em roupas novas. No caso de Cesare, para por em prática a segunda etapa de seu plano. A partir de então, Cesare e o Sr. Tornaghi se separaram, sendo que Levi nunca mais teve notícia deste último. De terno e gravata, Cesare não demorou a adquirir segurança necessária para garantir a principal parte de seu plano, a de se tornar “amante latino”, procurando arrumar uma mulher rica que pudesse extrair algum dinheiro. Primo Levi nos conta:

Depois de algumas tentativas frustradas, Cesare topou com uma garota que preenchia os seus requisitos: era de família rica e não fazia muitas perguntas. Sobre o suposto sogro, as notícias fornecidas por Cesare são vagas: era um dos donos dos poços de petróleo de Ploesti e/ou diretor de um banco, que morava em um palácio cujos portões eram guardados por dois leões de mármore. Mas Cesare é um peixe que nada em todas as águas, e não me espanta que ele tenha sido bem acolhido por aquela família de ricos burgueses, certamente assustada com o destino político de seu país; quem sabe, talvez uma filha casada na Itália pudesse ser vista como uma possível ponte para o futuro<sup>108</sup>.

Após ser apresentado aos pais da garota, assumindo um noivado, pediu um dinheiro emprestado, até conseguir arrumar um emprego. Após arrumar o dinheiro, desapareceu sem deixar notícias, conseguindo embarcar no final de outubro em um avião para Bari. Não há dúvidas de que Cesare voltou de avião, episódio narrado por muitas testemunhas, mas ao pisar em solo italiano, Cesare foi detido. É o que Levi explica na citação abaixo:

[...] assim que pisou em solo italiano, Cesare foi detido pelos carabineiros, naquele tempo ainda pertencentes à casa real. A razão era simples: depois que o avião decolara de Bucareste, os funcionários da companhia aérea se deram conta que os dólares que Cesare recebera do sogro, e com os quais pagara as passagens, eram falsos, e expediram imediatamente um telegrama ao aeroporto de chegada. Não está claro se o ambíguo sogro romeno agiu de boa-fé

---

<sup>107</sup> Ibidem.p.382.

<sup>108</sup> Ibidem.p.383.

ou se presentiu o golpe do genro e resolveu vingar-se preventivamente, punindo Cesare e ao mesmo tempo livrando-se dele. O fato é que Cesare foi interrogado e enviado com um documento de extradição e um viático de pães e figos secos para Roma, onde foi novamente interrogado e depois liberado em definitivo<sup>109</sup>.

Levi destaca, no final do conto, que a história é realmente verdadeira, afora possa ter ocorrido imprecisões, uma vez que a memória, quando não apoiada em “souvenir materiais”, tende com o tempo a apagar-se. Primo Levi encerra esta história mencionando que quebrou seu voto de nunca publicar esta passagem, o mesmo voto quebrado por Cesare, que por algum motivo, após décadas, o autorizou a publicá-la.

O conto “O retorno de Lorenzo”, com certeza, se afigura como o mais representativo para Primo Levi, nessa série de contos reunidos em *Lilith*. Levi conheceu Lorenzo em junho de 1944, no canteiro de obras em que trabalhavam. Lorenzo não era um prisioneiro, mas um trabalhador civil voluntário, embora não tão voluntário assim, vez que trabalhava em uma empresa italiana na França, quando esta foi invadida pela Alemanha, e ele transferido compulsoriamente para a Polônia.

Mesmo não sendo militarizados, esses operários viviam a rotina dos militares: estavam aquartelados em um campo não distante do nosso, dormiam em camas de campanha, tinham livres saídas no domingo, uma semana ou duas de férias, eram pagos em marcos, podiam escrever e mandar remessas para a Itália e também receber da Itália pacotes de alimento e roupas<sup>110</sup>.

Devido aos constantes bombardeios, que danificavam os edifícios da nova fábrica de borracha sintética, os prisioneiros foram designados a construir muros de proteção em volta das máquinas. Por uma sorte do destino, Levi foi convocado a trabalhar junto com os dois pedreiros italianos. A tarefa de Primo Levi era levar a argamassa aos pedreiros, que em cima de andaimes, assentavam tijolos, para se formar um muro. No momento de entregar o cimento, Levi deixou o balde cair no chão, gerando revolta em um dos pedreiros, que o xingou em italiano. Segundo Levi, nesse momento, não se enganou: aquele sotaque era piemontês. Após as apresentações:

[...] uma conversa entre nós constituiria uma violação das normas; entretanto conversamos e ficamos sabendo que Lorenzo era de

---

<sup>109</sup> Ibidem.p.384.

<sup>110</sup> Ibidem.p.387.

Fossano, que eu era de Turim, e que em Fossano Viviam parentes meus que Lorenzo conhecia de nome. Não acho que tenhamos falado mais do que isso, nem ali nem depois: não por causa da proibição, mas porque Lorenzo quase nunca falava. Parecia não ter necessidade de falar, o pouco que sei sobre ele deriva menos de nossas conversas do que das conversas que tive com os seus colegas de lá e, mais tarde, com os parentes dele na Itália. Não era casado, sempre viveu só; o trabalho, que ele trazia no sangue, era tão absorvente que o afastava das relações humanas. [...] Não falava, mas entendia. Acho que nunca lhe pedi ajuda porque, na época, eu não tinha uma idéia clara do modo de vida e dos recursos desses italianos. Lorenzo fez tudo sozinho; dois ou três dias depois de nosso encontro, trouxe-me uma marmita alpina (daquelas de alumínio, que contêm mais ou menos dois litros) cheia de sopa e me pediu que a devolvesse antes da noite. Desde então, a sopa nunca mais me faltou, e às vezes vinha acompanhada de uma fatia de pão. Trouxe-me todo dia durante seis meses<sup>111</sup>

Para Primo Levi, a possibilidade de uma alimentação extra salvou sua vida, comentando que, inicialmente, não houve dificuldades na entrega da marmita, mas que os dois corriam bastantes riscos, caso tivessem sido vistos juntos, podendo até serem acusados de espionagem. Cabe ressaltar que o grande medo da Gestapo era o vazamento de alguma informação ao mundo exterior sobre as câmaras de gás. Para evitar que fossem vistos juntos, foi combinado, entre os dois, um lugar, um esconderijo para se deixar a marmita, a fim de que não fosse roubada por outro prisioneiro, fato que realmente aconteceu em uma oportunidade. Sobre o conteúdo da marmita, Levi ressalta:

Eu dividia sopa de Lorenzo com meu amigo Alberto. Sem ela, não teríamos conseguido sobreviver até a evacuação do Lager: no fim das contas, aquele litro extra de sopa serviu para completar a balança das calorias diárias. A ração do Lager nos proporcionava cerca de mil e seiscentas calorias, que não bastavam para viver naquele regime de trabalho. A sopa a mais nos fornecia outra quatrocentas ou quinhentas, ainda insuficientes para um homem de complexão média, mas Alberto e eu já éramos magros e franzinos por natureza, e nossa necessidade era menor. Era uma sopa estranha. Nela encontrávamos carochos de ameixa, cascas de salame, às vezes até uma asa de passarinho com todas as penas ou um pedaço de jornal italiano. Só mais tarde fiquei sabendo da origem desses ingredientes, quando reencontrei Lorenzo na Itália; ele dissera aos colegas que entre os judeus de Auschwitz havia dois italianos, e todas as noites ele fazia a ronda no alojamento, recolhendo os restos de todos. Eles também passavam fome, embora não tanto como nós, e muitos se arranjavam do jeito que dava, cozinhando coisas roubadas ou achados no campo. Mais tarde, Lorenzo consegui trazer diretamente da cozinha do seu campo tudo o que sobrava nas panelas, mas para isso

---

<sup>111</sup> Ibidem.p.388.

precisava ir à cozinha escondido, quando todos dormiam, às três da madrugada – e ele fez isso por quatro meses<sup>112</sup>.

Para Primo Levi, o fato de ser um homem que ajudava os outros, por puro altruísmo, fazia de Lorenzo um exemplo raro, principalmente, no ambiente hostil do Lager. Ademais, do tempo que ajudou Levi e Alberto, Lorenzo nunca pediu nada, a não ser em uma ocasião pediu ajuda para consertar seus sapatos. Ajudou Levi até mesmo quando este estava na enfermaria, quando em uma manhã, levou uma marmita suja e amassada, depois disso sumiu. A respeito da marmita, Levi nos conta que um ano depois, já na Itália, ao reencontrar Lorenzo, teve a curiosidade de perguntar sobre aquele dia. Lorenzo, muito constrangido, narrou que estava naquelas condições porque devido ao bombardeio aliado, uma bomba atingiu muito perto, furando seu tímpano e espalhando barro na marmita, o que não o impediu de levá-la.

Com a eminente chegada dos russos, Lorenzo e seu colega pedreiro, Peruch, caminharam até a Itália andando a pé, sempre parando em algum vilarejo, pois sempre havia trabalho para dois pedreiros. Ao chegar à Itália, Lorenzo foi ao encontro da família de Primo Levi em Turim, sendo muito sincero com a sua mãe, ao dizer que ele não voltaria, dado que da última vez que o viu, estava na enfermaria e, além do mais, todos os judeus de Auschwitz tinham morrido nas câmaras de gás ou assassinados pelos alemães na fuga, o que era quase totalmente uma verdade.

Primo Levi menciona que ao chegar à Itália, procurou por seu salvador, querendo, de alguma forma, retribuir, pelo menos em parte, tudo o que Lorenzo tinha feito por ele. Levi discorre:

Quando foi minha vez de voltar, cinco meses mais tarde, depois de longo giro pela Rússia, fui a Fossano para revê-lo e lhe dar uma malha de inverno. Encontrei um homem cansado; não cansado da caminhada, cansado mortalmente, de um cansaço irremediável. Fomos beber numa taverna, e das poucas palavras que consegui tirar dele compreendi que sua margem de amor pela vida se estreitara, até quase desaparecer. Já não era pedreiro, circulava pelos currais com uma carroça, comprando e vendendo ferro-velho. Não queria mais regras nem patrões nem horários. Gastava o pouco que ganhava na taverna; não bebia por vício, mas para fugir do mundo. Conhecera o mundo de perto e não lhe agradara, parecia-lhe em ruínas; já não se interessava pela vida<sup>113</sup>.

---

<sup>112</sup> Ibidem.p.389.

<sup>113</sup> Ibidem.p.392.

De todas as formas possíveis, Levi tentou ajudar e chegou até mesmo a arrumar um emprego para Lorenzo em Turim, mas Lorenzo perdeu o gosto pela vida, vivendo como um nômade, a dormir em qualquer lugar, sempre alcoolizado. Em consequência, acabou adoecendo, de modo que nem mesmo o tratamento médico disponibilizado a partir da ajuda de Primo Levi adiantaria. No hospital, por não lhe servirem vinho, acabou fugindo. Dias depois, reconduzido ao hospital, morreu sozinho. Para Levi, o maior fator de sobrevivência em Auschwitz foi a ajuda de Lorenzo. Ainda destaca que nunca pôde ajudá-lo da maneira merecida, acabou descobrindo que Lorenzo ajudava não só a ele, mas a outros prisioneiros, fato nunca mencionado pelo pedreiro de Fossano. Em homenagem a esse amigo, o primeiro filho de Levi, nascido em 1947, se chamaria Lorenzo.

No último conto da série *Lilith*, “O rei dos judeus”, é narrada a história de Chain Rumkowski, havendo destaque na reflexão que Primo Levi faz sobre a “zona cinzenta”. Como um historiador nato, vasculhando suas fontes, Levi nos indica que encontrou uma moeda, datada de 1943, corroída pelo tempo, mas na qual ainda era possível ler as seguintes inscrições: “gueto”, “recibo de 10 marcos” e o “decano dos judeus em Litzmannstadt”.

Em suas pesquisas, Levi descobriu que não existia uma cidade chamada Litzmannstadt, mas havia existido um general de nome Litzman, muito famoso na Alemanha, por sua participação na Primeira Guerra Mundial. Enfim, descobriu que o nome Litzmannstadt foi dado à cidade polonesa de Łódź, rebatizada em homenagem a esse general. Primo Levi indica que Łódź era uma grande cidade industrial polonesa de grande importância no leste europeu, sendo que os nazistas organizaram um gueto para concentrar a população judia. Sobre o gueto de Łódź, Levi afirma:

Aberto em fevereiro de 1940, o gueto de Łódź foi o primeiro em termos cronológicos e o segundo mais populoso, depois do de Varsóvia: chegou a conter mais de cento e sessenta mil judeus e foi desbaratado no outono de 1944. Portanto, foi também o mais longo dos guetos nazistas, e há duas razões para isso: a importância econômica que tinha para os alemães e a conturbada personalidade do seu presidente<sup>114</sup>.

O presidente, ou decano do gueto, se chamava Chain Rumkowski e, antes de ser refugiado no campo era proprietário de uma fábrica de veludo em Łódź, mudando-se

---

<sup>114</sup> Ibidem.p.395.

depois para a Rússia, onde perdeu tudo após a Revolução de 1917, fato que pode explicar, mesmo como judeu, sua preferência pelos nazistas ao invés dos russos. Quando da instalação do gueto, já era um senhor de sessenta anos, viúvo duas vezes e sem filhos. Pelo privilégio de ser o “presidente” do gueto, se torna um adulator sem escrúpulos, pois esse cargo lhe garantiria autoridade, notoriedade, uma imensa pretensão ao poder. Primo Levi descreve, assim, seu período de governo:

Está provado que os quatro anos de sua presidência – ou melhor, de sua ditadura foram uma surpreendente mistura de sonho megalomaníaco, vitalidade bárbara e real capacidade diplomática e organizativa. Ele rapidamente se viu no papel de um déspota absoluto, mas esclarecido, e certamente foi incentivado a isso por seus patrões alemães, que jogavam com ele, mas também apreciavam os seus talentos de bom administrador e de homem da ordem. Por isso consegui dos nazistas a autorização para fazer moeda, seja em metal (como a que eu tinha), seja em cédula, impressa em papel filigranado e fornecido oficialmente: eram pagos os extenuados operários do gueto nessa moeda, com a qual adquiriam nas mercearias as suas rações alimentares, que chegavam em média a oitocentas calorias diárias<sup>115</sup>.

Sobre sua sede de poder, sua megalomania assentada na desgraça de seus conterrâneos judeus, Levi descreve novamente:

Tinha uma carroça puxada por um pangaré esquelético, e nela percorria as ruas apinhadas de mendigos e de pedintes do seu minúsculo reino. Usava um manto real e cercava-se de uma corte de aduladores, lacaios e sicários; fez com que seus poetas-cortesãos lhe dedicassem hinos nos quais se celebrava a sua “mão firme e poderosa” bem como a paz e a ordem que reinavam no gueto graças a ele; ordenou às escolas nefandas que as suas crianças, continuamente dizimadas pela fome ou pelas incursões alemãs, escrevessem tema de exaltação e louvor “ao nosso amado e sábio Presidente”. Como todos os autocratas, apressou-se a organizar uma polícia eficiente, nominalmente para manter a ordem, de fato para proteger a sua pessoa e para impor a disciplina: era constituída de seiscentos agentes armados de cassetetes e de um número incerto de informantes<sup>116</sup>.

Primo Levi continua tentando desvendar seu fascínio por Rumkowski, pois era um sujeito extremamente peculiar, a ponto de o escritor ressaltar que ele realmente acreditava ser uma espécie de messias, um salvador de seu povo. Sua identificação com

---

<sup>115</sup> Ibidem.p.396.

<sup>116</sup> Ibidem.p.396.

o opressor se intercala com o de oprimido, situação confusa que se torna possível em condições extremas, excepcionais. É certo que Chain Rumkowski levava muito a sério sua autoridade, sendo por isso motivo de chacota entre os alemães, um sujeito doente, em seu sonho de poder, mas necessário para garantir a ordem e a submissão dos judeus no gueto de Łódź.

No final de 1944, devido à chegada eminente dos russos, o gueto de Łódź foi desativado, desarticulado e seus sobreviventes transferidos para Auschwitz. Alguns ficaram no gueto, para desmontar o maquinário industrial, outros para apagar os vestígios do massacre. Muitos foram libertados pelo exército russo, deixando seu testemunho daquele momento histórico.

Sobre o destino final de Chain Rumkowski, muitas versões divergem. Levi ressalta:

Segundo a primeira, durante a liquidação do gueto ele teria tentado opor-se à deportação do seu irmão, de quem não queria separar-se; um oficial germânico teria então proposto que ele partisse voluntariamente com o irmão, e Rumkowski teria aceitado. Segundo outra versão, a salvação de Rumkowski da morte alemã teria sido tentada por Hans Biebow, outro personagem cingido pela nuvem da duplicidade. Esse torpe industrial alemão era o funcionário responsável pela administração do gueto e, ao mesmo tempo, seu beneficiário: tinha um encargo importante e delicado, porque as fábricas do gueto trabalhavam para as forças armadas alemãs. Biebow não era um facínora: não queria criar sofrimento nem punir os judeus pela culpa de serem judeus, mas apenas ganhar dinheiro. O tormento do gueto o afligia, mas só de modo indireto: desejava que os operários escravos trabalhassem, e por isso não queria que morressem de fome: o seu senso moral ia até aí. Ele era, de fato, o verdadeiro mandatário do gueto e estava ligado a Rumkowski pela relação cliente-fornecedor, que freqüentemente desemboca numa amizade áspera.[...] teria tentado adiar a liquidação do gueto, que era um ótimo negócio para ele, e ao mesmo tempo evitar a deportação de Rumkowski, seu amigo e sócio [...] Biebow, que gozava de bons contatos, deu a Rumkowski uma carta carimbada e endereçada ao comandante do Lager de destinação, assegurando-lhe que ela o protegeria e lhe garantiria um tratamento preferencial<sup>117</sup>.

Independentemente da versão, o final de Rumkowski é bastante conhecido, acreditando estar acima dos comuns, seus contatos com os poderosos não o beneficiou no final de sua vida, visto que morreu como um judeu comum, nas câmaras de gás de Auschwitz. Primo Levi expõe que este tipo de história deixa perguntas no ar, perguntas

---

<sup>117</sup> Ibidem.p.397 e 398.

pelas quais ainda não consegue responder, que o deixa angustiado, em busca de compreensão. Várias dessas reflexões, o escritor voltou a desenvolver em seu último livro *Os afogados e os sobreviventes*. Sobre pessoas como Chain Rumkowski, dedica um capítulo do livro “Zona cinzenta”, no qual dedica um estudo sobre os colaboradores do nazismo, judeus que, por algum privilégio, um pouco mais de sopa, um cargo que lhes concedia regalias, colaboraram com a máquina nazista, em tarefas em que os alemães não queriam se envolver para não sujar as suas mãos, pois eram consideradas indignas, apropriadas apenas para os judeus.

Em suas reflexões, Levi nos emite um precioso relato sobre como o poder tem a capacidade de “mudar” os homens. Nele, discorre:

[...] Sob vários aspectos, o poder é semelhante à droga: a necessidade desta e daquele é ignorada por quem nunca experimentou, mas, após a iniciação, que pode ser fortuita, nasce a “addiction”, a dependência, a demanda por doses cada vez mais altas; nasce também a recusa da realidade e o retorno aos sonhos infantis de onipotência<sup>118</sup>.

Para Levi, Chain Rumkowski era o exemplo clássico de uma síndrome de poder, sobre a qual se dobravam, passando por cima dos limites éticos e morais, em prol de conseguir subir um degrau e obter o poder a qualquer custo, algo sintetizado na máxima de Maquiavel que diz: “Os fins justificam os meios”. Primo Levi indica que não houve apenas um Rumkowski e sua história é aquela dos colaboracionistas Levi destaca:

[...] A história de Rumkowski é a história incômoda e inquietante dos Kapos, dos chefes da retaguarda, dos funcionários que assinam tudo, de quem balança a cabeça mas consente, de quem diz “se eu não o fizer, um outro pior o fará”.[...] Nos regimes em que todo poder provém do alto e nenhuma crítica pode vir de baixo, é comum que haja um enfraquecimento e uma confusão da capacidade de julgamento, criando-se assim uma ampla camada de consciências cinzentas, situada entre os agentes do mal e as vítimas puras: nessa camada deve ser colocado Rumkowski<sup>119</sup>.

Primo Levi encerra o conto apresentando uma espécie de “tom moral”, ao destacar que, na sociedade atual, estamos ofuscados pelo poder, dinheiro, fama e esquecemos dos vários “guetos”, aqueles presentes no dia a dia. Então, se fechamos os olhos, é lícito afirmar que todos nós temos um pouco de Rumkowski.

---

<sup>118</sup> Ibidem.p.398.

<sup>119</sup> Ibidem.p.399.



Na série de contos *Lilith*, Primo Levi retoma suas memórias sobre Auschwitz, contrariando sua promessa de “não tocar mais no assunto”, depois da publicação de “A Trégua”, em 1961. Em *Lilith*, nos apresenta a história de vários prisioneiros, tornando-os personagens de situações triviais, engraçadas e inusitadas, sempre com forte conteúdo ético e moral. A publicação de *Lilith*, em 1981, se insere num momento em que as teses revisionistas e negacionistas do Holocausto cresciam na Europa, a tornar Primo Levi, a partir de sua escrita, um grande defensor da “verdade” histórica, quando volta a publicar artigos, contos e crônicas que mencionavam sua memória, sua experiência no campo de concentração de Auschwitz. Para Primo Levi, sua escrita tinha uma obrigação moral, uma arma política de divulgação contra os horrores perpetuados pelo nazismo. Acreditava que Auschwitz não tinha morrido, podendo perpetuar e se transfigurar, influenciando novas situações de violência, extermínio no mundo contemporâneo.

## **CAPÍTULO II – HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA TESTEMUNHAL. PRIMO LEVI E SUA LUTA POLÍTICA CONTRA O REVISIONISMO DO HOLOCAUSTO.**

### **2.1 – Memória, Esquecimento e História: Algumas reflexões teóricas e metodológicas.**

Nesse início de segundo capítulo, pretendemos em um primeiro momento, a partir da leitura de textos e discussões a respeito de alguns autores, expoentes da relação Memória e história, elaborar algumas reflexões que subsidiem no entendimento da diversificada produção de Primo Levi, sejam suas obras ficcionais ou a sua literatura mais consagrada, a de cunho testemunhal, a evidenciar uma reflexão amparada na transdisciplinaridade, na história em diálogo com outros campos do conhecimento, como a sociologia, a filosofia e a literatura.

A partir da década de 1980, a relação entre História e Memória se tornou um dos grandes debates teóricos na historiografia, levando vários estudiosos a investigarem sobre o conceito de memória. Há vertentes de historiadores a afirmarem que história e memória se opõem, e outros que, pelo contrário, enxergam uma aproximação entre história e memória. Outro aspecto importante é que as pesquisas historiográficas mais recentes sobre a memória privilegiam as questões racionais, a dimensão intelectual e voluntária, deixando de lado o aspecto involuntário, afetivo, a memória dos sentimentos.

Atualmente, o uso da memória como fonte de pesquisa histórica é bastante utilizado [redundância: o uso é bastante utilizado por pesquisadores em diversas áreas. Para servir-se da memória como fonte histórica, é necessário ter um cuidado especial, pois esta tem uma linguagem própria, evidenciando que a memória envolve também o esquecimento, voluntário ou involuntário. No trabalho com memórias como fonte de pesquisa, devemos nos preocupar em não cair em estereótipos, pois, por estar tão valorizada, a memória tornou-se alvo de uma “fragilidade teórica”. “Em outras palavra,

muito se fala e muito se pratica sobre a ‘memória’ histórica (...), mas pouquíssimo se reflete sobre ela”<sup>120</sup>

No intuito de analisar o conceito de memória, torna-se necessário o retorno às ideias do sociólogo Maurice Halbwachs, pois este é o ponto de partida da maioria dos trabalhos historiográficos. Em 1925, Halbwachs elaborou uma espécie de “sociologia da memória coletiva”. Nessa importante obra, o autor inspirado pela produção acadêmica de Émile Durkheim, desenvolve o conceito de memória coletiva. Em sua perspectiva, memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que as lembranças são constituídas no interior de um grupo, isto é, o indivíduo carrega a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, o que é designado por Halbwachs de “comunidade afetiva”.

Para Halbwachs, a lembrança constituída dentro de um grupo, pode ser reconstruída ou simulada. Podemos criar representações do passado, apropriando percepções de outras pessoas, estabelecendo uma imaginação do acontecimento. A lembrança é a reconstrução do passado, inserindo também dados ou questões do presente, ou ainda reconstruções feitas em épocas anteriores, de onde a imagem se altera e incorpora novos elementos. A ideia de lembrança individual se torna uma ilusão, pois essa é uma intersecção de várias memórias. Ao defender que a memória coletiva é algo como a união das memórias individuais, o autor não nega a presença de uma memória individual, no entanto, ressalta que esta é possível apenas na integração do indivíduo com seu grupo social. De acordo com Halbwachs:

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada <sup>121</sup>

Dessa forma, as lembranças podem ser modificadas quando em contato com a memória de outras pessoas, uma vez que, em determinados pontos em comum do passado, essas informações são reagrupadas, expandindo a percepção do passado. Mas Halbwachs destaca que a memória não é simplesmente uma imaginação ou

---

<sup>120</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. (org.) Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. p.38.

<sup>121</sup> HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2004. p. 75 e 76.

representação histórica que tenhamos construído, que nos seja exterior, pois o processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito.

A memória individual e a memória coletiva têm pontos de contato com a chamada memória histórica, e estas, por sua vez, são socialmente negociadas. Para o autor, memória histórica é aquela compreendida como a sucessão de acontecimentos importantes na história de um país. A partir da leitura da obra de Halbwachs, torna-se evidente a diferenciação entre Memória e História. No trecho a seguir, Jacy Alves de Seixas estabelece uma diferenciação entre memória coletiva e história a partir da obra de Halbwachs:

À memória coletiva, Halbwachs confere o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para criar um ele entre presente e o passado, ao contrário da história, que constitui um processo interessado, político e, portanto, manipulador. A memória coletiva, sendo sobretudo oral e afetiva, pulveriza-se em uma multiplicidade de narrativas; a história é uma atividade da escrita, organizando e unificando numa totalidade sistematizada as diferenças e lacunas. Enfim, a história começa seu percurso justamente no ponto onde se detém a memória coletiva<sup>122</sup>.

Dentre muitas contribuições do pensamento de Maurice Halbwachs, destacamos a diferenciação que o autor faz entre memória e sonho, sendo que este, por ser fragmentário, descontínuo e embebido de emoções, não é permeado pelo social. Nesse sentido, para o autor, não é possível reviver o passado pelo sonho. A memória seria a reconstrução do real e o sonho, verdadeiras “imagens fantasmas”, idênticas à imaginação, noção que diverge das opiniões de Bergson, que serão tratadas mais adiante.

Percebemos que a memória para Halbwachs é uma atividade construtiva e racional, da ordem do “real”. Quando dormimos, nos sonhos, as imagens não têm relação com a realidade, apenas quando acordados é que voltamos à realidade, esse “real” é entendido como as lembranças ancoradas em quadros sócias.

Tomando como referência as ideias de Halbwachs, Pierre Nora, também trabalha com a noção de História e Memória, reforçando a diferença entre esses dois campos. Segundo o autor, existe uma rígida diferença entre memória e história. A memória pode

---

<sup>122</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. (org.) Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. p.40.

ser representada pela vida, pelos grupos vivos, está sempre evoluindo, espontânea e afetiva. Ao contrário, a história é registro, problematização crítica e racional. Segundo Jacy Alves de Seixas:

A memória é a tradição vivida – “a memória é a vida”-, e sua atualização no “eterno presente” é espontânea e afetiva, múltipla e vulnerável; a história é o seu contrário, uma operação profana, uma reconstrução intelectual sempre problematizadora que demanda análise e explicação, uma representação sistematizada e crítica do passado. A memória tece vínculos com a tradição e o mundo pré-industrial, a história, com a modernidade; nesse sentido, a história-memória é sobretudo conservadora; a história-crítica é subversiva e iconoclasta. Tudo aquilo a que chamamos hoje de memória, conclui Pierre Nora, já não o é, já é história<sup>123</sup>.

O autor realiza uma nova noção para se trabalhar na fronteira destas vivências: “os lugares da memória”. Para compreender esse conceito, é preciso analisar como Nora distingue memória e história. Nas acepções do autor, a memória deixa de existir, por ser apropriada pela história, restando apenas “os lugares da memória”:

os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história deprime as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória<sup>124</sup>.

Dessa maneira, na concepção de Nora, toda memória é apropriada e historicizada, restam à memória alguns lugares de refúgio, tais como museus, arquivos, bibliotecas, monumentos, resquícios de uma época já passada.

Outro destacado historiador que se propôs a pensar a relação história e memória, Michael Pollack, não vê com tanto pessimismo esta relação. Pollack relata a

---

<sup>123</sup> Ibidem, p. 40-41.

<sup>124</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História. PUC-SP, nº 10, dezembro/1993. p.13.

emergência, a partir da década de 1970, sobretudo no campo da História Oral, de trabalhos que ressaltam “a importância das memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial, no caso a memória nacional”<sup>125</sup>.

Em seu artigo “Memória, esquecimento e silêncio”, Pollack destaca que devemos problematizar as “memórias subterrâneas”, compreender o processo de negociação e conflitos com a memória oficial, de forma a pensarmos o conflito entre memórias, percebendo que memória e a identidade são valores disputados por inúmeros grupos políticos e sociais. Segundo Pollack, assistimos atualmente a “verdadeiras batalhas pela memória”, pois a memória é um campo político ainda em disputa.

Atualmente, muito valorizada nos trabalhos historiográficos, a relação memória e história, na maioria das vezes se detêm apenas na discussão da aproximação ou distanciamento entre as duas áreas, deixando outros fatores importantes à margem. Segundo Jacy Alves Seixas, a apropriação da memória pela história causa pelo menos dois grandes efeitos.

O primeiro efeito está vinculado ao “frenesi de memória”, especialmente a partir da década de 1980, com a emergência de movimentos identitários, a crise dos paradigmas do mundo histórico e político. Dessa forma, há o resgate das experiências marginais ou traumáticas, principalmente, com o desenvolvimento de pesquisas no campo da história oral. Interessante ressaltar o aparecimento de novos conceitos que buscam analisar a complexa relação memória e história. Um segundo efeito, já mencionado anteriormente, é a fragilidade teórica, que engessados pelo distanciamento ou aproximação da relação memória e história, deixam de perceber como essa memória é produzida e entendida pelos grupos sociais.

No momento a valorização da memória como fonte histórica está centralizada na perspectiva da memória voluntária, deixando uma lacuna na historiografia, pois os aspectos involuntários, reconhecidos pejorativamente como irracionais não são abordados na maioria das vezes. É de fundamental importância analisar os aspectos involuntários da memória, destacando a afetividade, a sensibilidade e os ressentimentos, de forma a ser destacada a importância da literatura e da filosofia como aportes teóricos, principalmente, no que respeita às obras de Henri Bergson e Marcel Proust.

---

<sup>125</sup> POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos. Vol. 05, nº 10, 1992. p. 04.

De acordo com a teoria de Bergson, a memória voluntária é aquela adquirida pelo hábito, pela repetição, configurando uma memória “menor”, por não atingir o estatuto da memória. Proust compartilha com Bergson a noção de que a memória involuntária é aquela que rompe com o hábito, aquela que pode chegar às camadas mais internas, uma memória mais verdadeira e elevada. A memória voluntária identificada como memória intelectual é duramente criticada por Proust.

Na obra *Em Busca do Tempo Perdido*<sup>126</sup>, Marcel Proust, através da memória involuntária, resgata, por meio das sensações, dos sentidos, a recordação de um passado vivido. A memória em Proust é sempre retomada pelas sensações, mas esse resgate se dá de maneira involuntária, não se trata de um resgate voluntário do passado. O ato de rememorar é excitado por um som, um gosto, um perfume, que fazem a memória irromper de súbito, por acaso, de modo a tornar esse passado uma reconstrução do presente.

No debate teórico a respeito da memória, devemos ressaltar que esta envolve o esquecimento. É preciso ter em vista que este tema envolve tanto sua face voluntária como involuntária. O esquecimento involuntário é inerente aos humanos, pois o que lembramos ou esquecemos não está vinculado às vontades pessoais. Podemos, por exemplo, nos lembrar de detalhes de um dia sem a mínima importância, e esquecer nomes de pessoas conhecidas, passagens significativas de nosso passado.

O esquecimento pode ser também voluntário e pode ter uma relação direta com o momento histórico e político. Nesse caso, o esquecimento cumpre o papel de “apagar”, esconder, ocultar, destruir a verdade, o que torna evidente, sobretudo, na ação de políticas de grupos autoritários, a intenção de apagar a verdade. A máquina de destruição nazista previa não só a destruição física dos judeus, mas também o intuito de eliminar toda a memória que pudesse dar indício, uma prova do massacre sem precedentes na história. Como nos informa Márcio Seligmann-Silva:

Auschwitz pode ser compreendido como uma das maiores tentativas de “memoricídio” da história. A história do Terceiro Reich, para Levi, pode ser “relida como a guerra contra a memória, falsificação orweliana da memória, falsificação da realidade, negação da realidade”. Os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa (no sentido de Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto

---

<sup>126</sup> PROUST, M. *Em Busca do Tempo Perdido*. 10ª Ed. 7 vol. São Paulo: Globo, 1992.

constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma- e, portanto, envolve a resistência e superação da negação-, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável<sup>127</sup>

Podemos salientar que a história do século XX está cheia de tentativas de “apagamentos” da memória, censuras, sumiços, manipulações erigidas na própria escrita da história feita pelos “vencedores”.

Primo Levi, judeu italiano, um dos maiores expoentes da literatura de testemunho, nos ajuda a pensar a questão da memória e do esquecimento. Para Levi, a rememoração constante é de extrema importância, pois, com o decorrer do tempo, a memória tende a perder elementos, provocando efeitos historicamente negativos. A maior parte das testemunhas, sejam elas de defesa ou de acusação, estão desaparecendo, ao passo que aquelas restantes, na maioria das vezes, superando traumas e feridas, dispõem de lembranças cada vez mais desfocadas e estilizadas.

A partir da análise de Levi, evidencia-se que as recordações trazidas não são imutáveis, todavia, na maioria das vezes, tendem a se apagar e modificar, perdendo ou incorporando elementos. O mesmo fato pode ser interpretado de duas ou mais maneiras diferentes, mesmo o fato sendo recente e sem intenção de deformá-los. Levi descreve que, mesmo em condições normais, é comum a memória se degradar, sendo importante fazer o exercício da evocação frequente, para manter a memória viva e fresca. Nessa análise, ressalta-se o perigo de se cair num estereótipo, que cristaliza e imobiliza a memória.

Ao lidar com a narrativa dos campos de concentração nazistas, Levi examina, de forma peculiar, as experiências extremas, de ofensas sofridas ou infligidas. Geralmente, nota-se que a evocação da memória é traumática para quem foi ferido, pois trazer a memória à tona pode renovar a sensação de dor. Mas, para quem feriu, evocar a memória traz um sentimento do qual ele quer se livrar para fugir de sua culpa. Quando essa memória traz um mal estar, é normal que os opressores mintam sobre seu passado, mentindo de forma consciente, embora de tanto mentirem acabam por criarem dentro de si uma realidade própria em que a distinção entre verdadeiro e falso perde progressivamente suas linhas e o homem termina por acreditar plenamente na narrativa que construiu. Essa passagem da mentira para a “verdade” constitui a elaboração da “verdade de conveniência”, muitos dos opressores se escondem sob essa máscara,

---

<sup>127</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.) História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. p. 51-52.



dando outra versão aos fatos ocorridos, ou simplesmente, tampando a boca. Isso faz com que os opressores elaborem uma versão para se eximir de sua culpa e tentar viver em paz.

## **2.2 – Trágico fim de Primo Levi: Sua depressão e o tema do suicídio no conto Rumo ao Ocidente.**

Após sua traumática experiência em Auschwitz, Primo Levi escreveu um dos maiores documentos sobre o horror, *É isto um homem*. Nessa obra, o escritor nos mostra que há algo ainda pior que o assassinato físico: a destruição da humanidade e dignidade das vítimas que o precederam. Ao mesmo tempo, nos mostrou que, mesmo em Auschwitz, era possível ter dignidade e humanidade. Após escrever *É isto um homem* e *A trégua*, Levi conheceu fama literária, se tornando quase um “santo”, um exemplo de sobrevivente, aquele que havia suportado o sofrimento e que, portanto, tinha as respostas para o dilema humano. Não era o papel que amava ou poderia cumprir. Será que isso explica sua descida para a depressão? Ou havia algo mais que o levou a tirar a própria vida?

A emoção em todo mundo foi intensa, quando, em 11 de Abril de 1987, se espalhou a notícia da trágica morte de Primo Levi. Após receber a correspondência da porteira de seu edifício, onde se encontrava com sua mãe, Levi saiu de seu apartamento e se jogou pelo corrimão da escadaria. Uns minutos depois de ter chegado a sua guarita, a porteira escutou um estrondo provocado pelo corpo a bater contra as escadas, junto ao elevador, tendo encontrado o corpo já sem vida. Cerca de quinze minutos depois, Lucia Levi, de regresso, descobria o corpo de seu marido no fundo das escadas.

Perseguidos pelo nazismo, outros escritores tiveram o mesmo destino como Stefan Zweig e Walter Benjamin, até mesmo outros conhecidos sobreviventes dos campos de extermínio como Paul Celan e Jean Améry. A opção pelo suicídio nunca foi totalmente aceita pelos admiradores da obra de Levi é possível afirmar que sua morte é explicável em consequência do peso insustentável de suas recordações de Auschwitz, o que teria incitado Primo Levi a se render à máxima de Jean Améry, poeta e filósofo austríaco, sintetizado pela citação a seguir:

Quem foi torturado permanece torturado[...] Quem sofreu o tormento não poderá mais ambientar-se no mundo, a miséria do aniquilamento jamais se extingue. A confiança na humanidade, já abalada pelo primeiro tapa no rosto, demolida posteriormente pela tortura, não se readquire mais<sup>128</sup>.

Ou de outra forma, sua experiência em Auschwitz estava “superada”, ao ponto do escritor poder conviver com ela, reafirmando a mensagem básica de sua obra e de sua vida, de testemunhar para que Auschwitz não aconteça de novo. Em uma declaração de 1979, nos parece que Levi já havia superado sua experiência, mas podemos suspeitar até que ponto isso não demonstra, em verdade, uma repressão de seus instintos. Segundo Levi:

He vivido años felices después del campo, porque he tenido suerte. La aventura del campo no me destruyó ni física ni moralmente como em tantos otros casos. No perdi a mi familia, no perdi mi patria, mi casa. Probablemente nunca habría escrito si no hubiera tenido esa experiencia que contar<sup>129</sup>.

Ao analisarmos suas obras, principalmente, fatos de seu cotidiano, podemos perceber que vários fatores interagiram para levá-lo a uma intensa depressão, que culminou com seu suicídio. Nesta dissertação, torna-se de fundamental relevância discutir, não o principal motivo de sua depressão, mas como a negação do Holocausto lhe foi desanimadora, e como Primo Levi discorreu sobre o problema em suas últimas obras.

Ainda sobre o suicídio de Primo Levi, Diego Gambetta, professor de sociologia da Universidade de Cambridge, publicou, no ano de 1999, um artigo intitulado “The last moments of Primo Levi”<sup>130</sup>, em que questiona alguns aspectos do suicídio do escritor. É interessante ressaltar que os aspectos levantados por Gambetta aparecem também nas últimas biografias sobre Primo Levi<sup>131</sup>, confirmando que o autor, por motivos diversos, se encontrava em uma profunda depressão.

---

<sup>128</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes ; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pág-10.

<sup>129</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p. XIII.

<sup>130</sup> Disponível em <http://bostonreview.net/diego-gambetta-primo-levi-last-moments?>. Acesso em 15 de junho de 2013.

<sup>131</sup> Entre as principais biografias sobre Primo Levi, podemos citar ANGIER, Carole. The Double Bond: Primo Levi, a Biography. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002; ANISSIMOV, Myriam. Primo

No fim de sua vida, Levi estava abatido por problemas domésticos, um dos motivos que o levou a depressão foi à agonia causada pelo peso de cuidar de sua mãe e de sua sogra, ambas com mais de 90 anos, doentes e necessitadas de cuidados especiais. O escritor se sentia em uma prisão domiciliar, pois, pelo contexto de sua situação, era raro se ausentar de casa. Em carta a Ruth Feldman, tradutora de seus poemas para o inglês, torna-se evidente o sofrimento e o desespero de Levi:

Dos meses antes de su muerte le había escrito para contarle sus noches sin sueño, sus días llenos de angustia al lado de su madre, con la presencia constante de enfermeras que se turnaban día e noche. Su última carta contenía una frase inaudita. Escribía que El período que estaba viviendo era em cierto modo peor que Auschwitz, pues ya no era joven y no tenía capacidad de reacción, de recobrase<sup>132</sup>.

Primo Levi também não aceitava que sua mãe fosse transferida para uma clínica especializada. Quando argumentou com Agnese Incisa, jornalista do La Stampa, que não conseguia mais escrever, nem mesmo ler um livro, esta lhe ofereceu um editorial no jornal, sugeriu ainda que Levi colocasse sua mãe em uma instituição para idosos perto de sua casa. Primo Levi rechaçou, como explicitado na citação a seguir:

Al escucharla, se puso pálido como la cera. Temblando y escandalizado, Le contesto: Se moriría. Agnese Le razonó que tenía que seguir escribiendo y que, em essa situación sin salida, se iba a poner enfermo. Levi añadió: ¡ Francamente me has dejado anonado diciéndome eso!<sup>133</sup>

Para piorar sua situação, Levi estava passando por uma grave crise depressiva, sendo obrigado a tomar medicamentos antidepressivos. Ele se queixava de que os medicamentos traziam dificuldades para se concentrar, temia também, perder a memória, visto que não se lembrava mais de muitos episódios vividos por ele, tendo que recorrer aos seus livros para conseguir recordar. Segundo Myriam Anissimov:

Primo Levi dejó de escribir y tenía La impresión de estar perdiendo La memoria. Él, que había vivido para dar

---

Levi ou la tragédie d' un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês "Primo Levi ou la tragédie d' un optimiste"); THOMSON, Ian. Primo Levi: A Life. Metropolitan Books.2003.

<sup>132</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d' un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês "Primo Levi ou la tragédie d' un optimiste") p. 519.

<sup>133</sup> Ibidem, p.485

testimonio, decía que, excepto algunos detalles, tenía que releer sus libros para hacer brotar em su conciencia el año que había pasado em Auschwitz. Em el futuro no Le quedaban más que largas jornadas jugando al ajedrez com el ordenador. El 7 de febrero escribió a David Mendel, um cardiólogo inglês: He caído em um estado de depresión bastante grave. He perdido todo interes por la escritura e incluso por la lectura. Estoy tremendamente abatido y no deseo ver a nadie. Te pregunto como médico qué debo hacer<sup>134</sup>

Outro fator desagregador foi de ordem médica, a notícia de que precisaria passar por uma cirurgia na próstata, o que o motivaria a deixar de tomar os antidepressivos, acentuando sua crise de depressão. O fato é que Levi temia ficar inválido como sua mãe, mas o que parece ter destruído a vontade restante do escritor sobreviver foi o fato de sua mãe, doente, lhe trazer a lembrança dos prisioneiros de Auschwitz, aquela expressão dos moribundos chamados de “muçulmanos”, aqueles prisioneiros que perderam sua condição de homens, meros cadáveres ambulantes. No dia de sua morte, 11 de abril de 1987, Levi telefonou a Elio Toaff, rabino de Roma e deixou seu último testemunho:

No sé cómo seguir. Ya no suporto esta vida. Mi madre sufre de cáncer, y cada vez que miro su rostro, me acuerdo del de aquellos hombres que yacían sobre lãs tablas de los jergones de Auschwitz<sup>135</sup>.

No seu artigo, Diego Gambetta ainda procura levantar objeções sobre o suicídio de Primo Levi. Reconhece sua situação depressiva, mas questiona: se escolheu se suicidar, por quais motivos teria escolhido um método pouco confiável, que ao invés da morte, poderia o ter levado ao sofrimento na cama de um hospital? Perguntava-se, pois Levi, como químico, poderia ter preparado uma substância letal e indolor. Também, o fato de não ter deixado um bilhete, um escrito explicando sua decisão, um último testamento. Para Gambetta, sua morte não foi planejada, foi fruto de um impulso repentino. Chega até levantar a hipótese de a queda ter sido um acidente provocado pelos efeitos colaterais dos medicamentos que tomava.

No plano pessoal, podemos perceber os motivos que o levaram a uma profunda depressão, posteriormente, ao suicídio. No plano social, percebemos como suas palavras tinham sido em vão: a negação do Holocausto, o renascimento do fascismo, os

---

<sup>134</sup> Ibidem, p.520

<sup>135</sup> Ibidem, p.534

genocídios, a constante ameaça nuclear, entre outros fatores que serão analisados a seguir.

Pelo menos em uma oportunidade Primo Levi tratou do tema do suicídio em sua obra. Trata-se do conto *Rumo ao Ocidente*, do livro de contos *Vício de forma*, considerado por alguns especialistas o mais importante conto de Levi, além de figurar como um dos 100 contos essenciais da literatura universal pela Revista Bravo!<sup>136</sup>

No conto supracitado, Primo Levi faz uma analogia do comportamento dos lemingues e dos humanos, representados pelos índios arundes, tribo indígena imaginária que habitava a floresta amazônica. Cientistas analisam o comportamento de lemingues, roedores do hemisfério norte, que, anualmente, efetuam uma marcha ao Ocidente, rumo ao suicídio. Levi, no trecho em que descreve o diálogo entre Walter e Anna, nos indica uma reflexão sobre o instinto da vida, uma “substância vital” que nos faz querer viver:

- \_\_\_ Por que um ser vivo deveria querer morrer?
- \_\_\_ E por que deveria querer viver? Por que deveria sempre querer viver?
- \_\_\_ Porque...bem, não sei, mas todos queremos viver. Estamos vivos porque queremos viver. É uma propriedade da substância vital; eu quero viver, não tenho dúvida. A vida é melhor do que a morte, e isso me parece um axioma.
- \_\_\_ Você nunca teve dúvidas? Seja sincera!
- \_\_\_ Não, nunca. Anna meditou e depois corrigiu: Quase nunca.
- \_\_\_ Você disse quase.
- \_\_\_ Pois é, você sabe bem. Depois que Mary nasceu. Durou pouco, só uns meses, mas foi terrível; parecia que eu nunca sairia daquilo, que ficaria assim para sempre.
- \_\_\_ E em que você pensou naqueles meses? Como era o mundo?
- \_\_\_ Não lembro mais. Fiz de tudo para esquecer.
- \_\_\_ Esquecer o quê?
- \_\_\_ Aquele buraco. Aquele vazio. Aquela sensação...de inutilidade, tudo inútil em sua volta, todos mergulhados em um mar de inutilidade. Sozinhos no meio da multidão, emparedados vivos no meio de outros emparedados vivos. Vamos parar, por favor, me deixe em paz<sup>137</sup>.

Walter, um biólogo protagonista do conto, tenta comprovar sua teoria de que um desequilíbrio químico presente no sangue dos roedores ocasionaria uma sensação de vazio, pela qual estes perderiam o sentido da vida. Dessa forma, a solução encontrada pelo cientista era extremamente simples: isolar e sintetizar o hormônio que inibe o vazio

---

<sup>136</sup> Disponível em <http://www.nosrevista.com.br/2010/03/17/bravo-lista-%E2%80%9C100-contos-essenciais-da-literatura-universal%E2%80%9D/> Acesso em 15 de junho de 2013.

<sup>137</sup> LEVI, Primo. 71 contos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.184.

existencial, assim fazendo a “preservação” da espécie de roedores. Nesse momento, o cientista se indaga:

Se o encontrarmos, teremos feito um bem ou um mal? Um bem para o indivíduo com certeza. Um bem para a espécie humana, talvez: mas essa é uma dúvida sem fim, e qualquer medicamento está sujeito a isso, não só este. Todo fármaco, aliás, toda intervenção médica visa a adaptar um inadaptado: você pretende contestar todos os fármacos e todos os médicos? A espécie humana escolheu a séculos este caminho, a via da sobrevivência artificial, e não me parece que tenhamos saído enfraquecidos. A humanidade já deu as costas à natureza há tempos; é feita de indivíduos e investe inteiramente na sobrevivência individual, no prolongamento da vida e na vitória contra a morte e a dor[...] Mas a outros meios de vencer a dor, esta dor: outras batalhas, que cada um deve combater com os próprios recursos, sem auxílio externo. Quem vence dá sinais de força, e com isso se torna forte, se enriquece e melhora[...] E os que não vencem? Os que cedem de repente ou aos poucos? O que você diria, ou eu diria, se também nos encontrássemos...caminhando para o poente? Seríamos capazes de nos alegrar em nome da espécie ou dos outros que encontram em si a força de inverter o caminho?<sup>138</sup>

Em outro momento do conto, Walter e sua equipe viajam pelos afluentes do rio Amazonas para encontrar o vilarejo de Arende, que abrigava os últimos remanescentes da tribo dos Arende, tribo que outrora habitava um imenso território, com milhares de habitantes, que, paulatinamente, se tornaram reduzidos a poucos, por um simples motivo: a alta taxa de suicídios. Ao indagar sobre o assunto, o decano da tribo, de forma serena e madura o explica:

Os arundes, disse, atribuíam pouco valor à sobrevivência individual e nenhuma à nacional. Desde a infância, cada um deles era educado a estimar a vida exclusivamente em termos de prazer e dor, avaliando-se naturalmente, no cômputo final, os prazeres e as dores provocados no próximo pelo comportamento de cada um. Quando, segundo o julgamento de cada indivíduo, a balança tendia a estabilizar-se negativamente, ou seja, quando o cidadão considerava que sofria e produzia mais dor que alegria, era convidado a uma discussão aberta perante o conselho dos anciãos, e se o seu julgamento fosse confirmado, a conclusão era encorajada e agilizada. Após a despedida, ele era conduzido à zona dos campos de Ktan: o Ktan é um cereal muito difundido no país, e sua semente, peneirada e esmagada, é utilizada na fabricação de uma espécie de fogaça. Se não for peneirada, é acompanhada pela semente minúscula de uma graminácea parasita, que tem uma ação tóxica e estupefaciente<sup>139</sup>.

---

<sup>138</sup> Ibidem, p.187.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 188-189.

Por fim, a “substância faltante” é encontrada, descobrindo também a fórmula de sintetizá-la artificialmente. Mas não foi possível salvar ninguém, mesmo com seu uso testado, os lemingues, os arundes e até mesmo o cientista Walter seguem seu caminho até o fim. O povo arunde, que recebeu a substância da equipe de cientistas, mandou um agradecimento:

Não queremos ofender-vos, mas reenviamos vosso medicamento de modo que seja proveitoso aos que entre vós dele necessitam: nós preferimos a liberdade à droga, e a morte à ilusão<sup>140</sup>

Primo Levi, neste conto, discorre sobre o sentido da vida, não com uma visão otimista, mas questionando sobre a necessidade, sobre o que ele chama de “hábito de viver”. Isso nos diz muito sobre sua própria vida, a que está permeada por uma vasta produção intelectual e política, fazendo o escritor figurar entre os principais intelectuais da Itália no pós-guerra. Após essas considerações, nos indagamos acerca de qual o preço a ser pago para continuar a sobreviver? Sobre o objetivo da vida, Primo Levi enuncia:

Nós nos enganamos e sabemos disso, mas preferimos continuar de olhos fechados. A vida não tem um objetivo; a dor sempre prevalece sobre a alegria; somos todos uns condenados à morte, a quem o dia da execução não foi revelado; estamos condenados à assistir ao fim das pessoas mais queridas; as contrapartidas existem, mas são escassas. Todos sabemos disso e, no entanto algo nos protege, nos sustenta e nos afasta do naufrágio. O que é essa proteção? Talvez apenas o hábito: o hábito de viver, contraído desde o nascimento<sup>141</sup>.

### 2.3 – Memórias em vão: A indignação de Primo Levi diante do crescimento do revisionismo e negacionismo do Holocausto.

No final de sua vida, Primo Levi conviveu com a angústia e a depressão. Acreditava que tudo que tinha escrito, “testemunhado”, não tinha servido para nada. Percebeu com enorme desgosto que o testemunho sobre os campos de extermínio já não tocavam as pessoas na atualidade, e com isso, ele não conseguia erigir um diálogo com os jovens, pois não falavam a mesma linguagem.

---

<sup>140</sup> Ibidem, p. 191.

<sup>141</sup> Ibidem, p. 185.

Primo Levi teve intensa atuação política, ao divulgar sua obra, seu testemunho, principalmente aos jovens. Até o começo da década de 1980, Levi já tinha conferenciado em pelo menos cento e trinta institutos e colégios, mas a cada dia sentia que seus argumentos de convencimento estavam se esgotando. Em um episódio emblemático, teve seus argumentos dissipados, quando após dar testemunho em uma escola, um pequeno aluno lhe interrogou, apresentando um plano de fuga dos campos de extermínio, caso essa situação se repetisse novamente.

Em entrevista a Anna Bravo e Federico Cereja, publicada, posteriormente, em Portugal, Levi desabafa sobre o assunto:

É talvez por minha culpa se já não tenho muita vontade de ir às escolas. Por um lado, confesso-o, estou cansado de ouvir colocarem-me sempre as mesmas perguntas. Por outro lado, tenho a impressão de que a minha linguagem se tornou insuficiente, de que falo uma língua diferente. E depois, devo confessar que fiquei profundamente marcado por uma das últimas experiências que tive numa escola, onde duas crianças, dois irmãos, me lançaram num tom sem réplica: “Porque vem você, mais uma vez, contar-nos a sua história, quarenta anos depois, depois do Vietname, depois dos campos de Estaline, da Coréia, depois de tudo isso... Porquê?”[...]E devo dizer que fiquei de boca aberta, sem voz, encurralado na minha condição de sobrevivente a todo custo, e respondi que falava do que tinha visto e que, se tivesse estado no Vietname, teria contado a guerra do Vietname, que, se tivesse estado no Gulag sob Estaline, teria falado sobre os campos de Estaline, mas senti bem a fraqueza dos meus argumentos. Ou seja, privilegiar a minha experiência relativamente às outras, tendo embora consciência de viver num mundo em rápida mutação, em progresso num sentido, em regressão noutro; e estes estudantes de hoje, que utilizam os computadores com a maior desenvoltura, que conhecem, que aprendem através da televisão coisas que eu nunca aprendi, perturbam-me. Sinto, confesso que sinto, um sentimento de inferioridade em relação a eles, mesmo sabendo que disse coisas importantes, não tenho nenhuma hesitação, nenhuma dúvida sobre o valor dos meus livros, mas tenho a impressão de que são velhos, que envelheceram<sup>142</sup>.

Percebemos sua decepção frente aos jovens que confundem épocas, episódios, não sabem historicizar os acontecimentos. Acreditava que o momento histórico era cruel, sua linguagem tinha envelhecido, tornado insuficiente. Em junho de 1983, um episódio o marcou de maneira negativa. Frente à insistência de um amigo, aceitou receber a visita de seu filho, um adolescente que negava a existência dos campos de

---

<sup>142</sup> LEVI, Primo. O dever de memória: entrevista com Anna Bravo e Federico Cereja. trad. de Esther Mucznik. Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2010, p. 42 e 43.



extermínio, além de se mostrar extremamente interessado nos efeitos do Zyklon B<sup>143</sup>. A citação abaixo, demonstra a indignação de Primo Levi, que arregaçou as mangas da camisa, mostrando sua tatuagem de ingresso a Auschwitz e argumentou: “Ocho mil judíos italianos fueron deportados a Auschwitz, seiscientos regresaron. ¿Donde pensais que están los otros? [...] Nada pudo cambiar lãs convicciones de su visitante<sup>144</sup>”.

Mas o que ocasionou todo esse questionamento em relação aos campos de extermínio? Qual a postura de Primo Levi frente ao revisionismo e à negação do Holocausto? Em 1978, há uma maior publicidade das “teses revisionistas” de Robert Faurisson, especialmente, um dossiê publicado no jornal “*Le Monde*”, com o título “*O problema das câmaras de gás ou o rumor de Auschwitz*”, publicado em 29 de dezembro de 1978. Entre os principais pontos do artigo, Faurisson destaca:

1-Não houve um genocídio planejado, sistematizado. Não nega a existência das câmaras de gás, mas defende que estas eram construídas e utilizadas para a desinfecção de piolhos, os fornos crematórios para se dar fim aos corpos daqueles que morreram de forma natural;

2- o termo “solução final” foi sinônimo não do extermínio físico, mas da expulsão dos judeus e outras minorias em direção ao leste europeu;

3- sobre o testemunho dos sobreviventes, destaca que a grande maioria são descartáveis, pois estão carregadas de impressões pessoais e subjetividades;

4- o número de vítimas é superestimado, destacam que não tenham morrido nem 200.000 pessoas, não havendo nem um “documento” específico que determine com segurança o número de mortos;

5- a Alemanha nazista não foi à única responsável pelo início da Segunda Guerra Mundial, compartilhando a culpa com os judeus e os comunistas;

6- o Holocausto é uma invenção da propaganda aliada, influenciado pelo poderio econômico dos judeus;

7- chega ao ridículo ponto de argumentar que se realmente existiu mortes nas câmaras de gás, não houve nenhum sobrevivente de algum “gaseamento” que voltou, dessa forma, não podendo comprovar este fato, não comprovando o uso de gás para o extermínio físico.

---

<sup>143</sup> Composto utilizado nas câmaras de gás, tendo em sua composição ácido cianídrico líquido com derivados de cloro e bromo, muito volátil e altamente mortal. Depois de introduzidos dentro das câmaras, levava a morte centenas de pessoas em até três minutos. Para maiores informações a respeito, ver VIDAL-NAQUET, Pierre. Os Assassinos da Memória. Campinas: Papirus, 1988.p. 94 e 95.

<sup>144</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p. 431.

Primo Levi ficou decepcionado com a atitude do jornal “*Le Monde*”, destacando que um jornal desta magnitude não poderia ter dado voz a uma figura como Faurisson. Sobre este ponto, Levi discorre:

Es cierto que el rector de su universidad ha suspendido de empleo a Faurisson, expresando dudas sobre su equilibrio mental. Pero *Le Monde*, que desde hacía cuatro años recibía cartas de un hombre que los ojos de los responsables de la redacción debía aparecer como afectado de una monomanía rayana en la paranoia, acabo cediendo y permitió en el número de 29 de diciembre de 1978 algunas páginas de fondo sobre “El Rumor de Auschwitz”, en las que sostiene que el genocidio de los judíos es una leyenda, una trampa<sup>145</sup>.

No dia 19 de Janeiro de 1979, Primo Levi escreveu um artigo no jornal “*La Stampa*”, “Um lager alle porte d’ Itàlia”<sup>146</sup> contestando alguns pontos do artigo publicado por Robert Faurisson, ao mencionar que este se opõe à realidade, principalmente, ao questionar o uso de gases tóxicos para matar os prisioneiros dos campos de extermínio. Primo Levi esclarece:

No hay ninguna duda de que en la confrontación con los supervivientes, las indecentes lucubraciones de Faurisson se oponen a la realidad de las cosas vistas. El profesor sabe que es posible comprimir salvajemente a dos mil personas en doscientos metros cuadrados. Esto se lo dice un deportado que, a la espera de una selección para la muerte por gas, estuvo encerrado con doscientos cincuenta compañeros en un local de siete metros por cuatro. Sabe que para matar a los judíos se utilizaba el ácido cianhídrico. Su solicitud paternalista afirma que no era peligroso, pues decía que una eliminación del gas demasiado lenta habría matado también a los encargados alemanes. Pero los encargados no eran alemanes, sino prisioneros. En las condiciones en las que se utilizaba, en habitaciones llenas de seres humanos, con una temperatura superior a treinta y siete grados, el gas era tremendamente volátil, pues comienza a hervir a los veinticuatro grados, palabra de químico<sup>147</sup>.

O artigo de Robert Faurisson publicado no “*Le Monde*” ganha notoriedade e repercussão da mídia, ao conceder, novamente, uma entrevista no jornal “*L’ Express*” em janeiro de 1979. Faurisson era professor de Literatura da Universidade de Lyon,

---

<sup>145</sup> Ibidem.p.431.

<sup>146</sup> Disponível em

[http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com\\_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,1069\\_01\\_1979\\_0016\\_0003\\_15291593/](http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,1069_01_1979_0016_0003_15291593/) Acesso em 15 de junho de 2013.

<sup>147</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p. 432.

canalizava os anseios da extrema direita europeia, usando o status de ser “ex-acadêmico” para dar a impressão de que sua argumentação seria séria, praticada pelo método e rigor acadêmico.

Primo Levi, indignado com as publicações e o espaço dado aos negacionistas na imprensa, concedeu uma nova entrevista ao jornal *Corriere della Sera*,<sup>148</sup> nos fins de janeiro de 1979, questionando o conteúdo das afirmações de Faurisson. Para Levi, o conteúdo das entrevistas eram fantasiosos e irresponsáveis, chegando a convidar Faurisson para discutir pessoalmente com alguns sobreviventes. Na citação seguinte, alguns pontos levantados pelo escritor italiano:

[...] no basta com conceder a los asesinos de entoces espacio y voz en las revistas respetables, para que puedan impunemente imponer su verdad: que los millones de muertos de los campos nunca han muerto, que el genocidio es una fábula, que em Auschwitz solo se mataron piojos com gas [...] Ya no se habla de Auschwitz, era uma puesta em escena. Se habla de la mentira de Auschwitz, los judíos son pérfidos, mentirosos, suficientemente mentirosos como para fabricar ellos mismos, a posteriori, las cámaras de gas y los hornos crematórios [...] Em épocas ahora lejanas en Italia, en Francia, era también peligrosa. Se empieza por negar ante la justicia, em público, luego em privado, luego a si mismo sobre todo. El cambio se há operado, el negro se ha vuelto blanco. Los muertos no están muertos, no hay asesino, ya no hay culpabilidad. Nunca lo há habido. No se swido yo quien há cometido algo, pero la propia cosa ya no existe”<sup>149</sup>

Na Itália, a recepção da obra de Robert Faurisson causou profunda decepção em Primo Levi. Segundo o escritor, os jovens não mais acreditavam na “realidade” dos fatos, influenciados por jornais, revistas e programas de televisão que abriam espaço para os chamados “negacionistas”. Verificava-se, no início da década de 1980, o crescimento do anti-semitismo no país. Quando a equipe de basquete de Israel foi jogar um amistoso em Varese, na Itália, os torcedores gritavam palavras de ordem contra os jogadores israelenses “Diez, cien, mil Mauthausen”<sup>150</sup>. Para Primo Levi, o episódio em Varese só faz comprovar a hipótese do crescimento do anti-semitismo e neonazismo entre os jovens italianos, principalmente entre os jovens idiotas.

---

<sup>148</sup> Corriere della Sera. In ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p. 432

<sup>149</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p. 432 e 433.

<sup>150</sup> Ibidem.p.461.

Em 13 de março de 1979, Primo Levi publica no jornal “*La Stampa*” um texto intitulado “Chi vuole l’odio antisemita”<sup>151</sup>, onde afirma que, em poucos meses, vários episódios anti-semitas irromperam na Itália. Menciona a entrevista de Lois Darquier de Pellepoix, Chefe do Departamento para Assuntos Judeus, do Governo de Vichy, entre 1942 e 1944, na França, ao afirmar que as câmaras de gás, se existiram, eram para combater epidemias de piolhos. Levi cita, novamente, a entrevista de Robert Faurisson no jornal *Le Monde* e o episódio no amistoso de basquete em Varese. O escritor se pergunta se há uma relação entre os três episódios e qual a postura a ser tomada pela comunidade judaica italiana.

Ademais, Primo Levi discorre, no artigo supracitado, que essas atitudes devem ser entendidas em um plano mais amplo, não apenas as da negação e rejeição da realidade, mas, do momento em que os fatos estabelecidos, os acontecimentos do Holocausto estão sendo apropriados pela indústria cultural, transformando a realidade em mito, além de levar ao crescimento do neonazismo e anti-semitismo dentro da Itália. Levi termina o artigo se indagando, por quanto tempo deverá repetir seus testemunhos, o que irá acontecer quando todas as testemunhas dos campos de extermínio estiverem mortas? Será que em algumas gerações, Auschwitz terá sido esquecido?

Primo Levi enxergava o crescimento do neonazismo com bastante preocupação, voltou à ativa nas palestras realizadas em escolas, tendo aceitado falar na Universidade para responder aos negacionistas. Nesse momento, Levi já tinha em mente o material para escrever seu último livro. Após mencionar que depois de *A Trégua*, de 1961, não voltaria a escrever livros sobre sua experiência em Auschwitz, voltou sua meditação em um livro que examina as condições dos prisioneiros no campo de extermínio, sobre a dificuldade de julgar o comportamento das vítimas e dos opressores, tomando cuidado para não cair no maniqueísmo, caso dividisse as pessoas entre o bem e o mal e fomentasse a imagem do bom e sofrido judeu, cotejando-a com aquela do mal e violento alemão, uma vez que, no campo de extermínio, as relações são mais complexas, como discorreu longamente.

Esse material foi publicado no livro *Os afogados e os sobreviventes*, em 1986. Doravante, nos interessa debater dois importantes pontos do livro. Primo Levi discorre que além do extermínio físico de milhões de pessoas, houve o “extermínio da verdade”,

---

<sup>151</sup> Disponível em [http://www.archiviolaStampa.it/component/option.com\\_lastampa/task\\_search/Itemid,3/action\\_detail/id,1071\\_01\\_1979\\_0058\\_0003\\_15318942/](http://www.archiviolaStampa.it/component/option.com_lastampa/task_search/Itemid,3/action_detail/id,1071_01_1979_0058_0003_15318942/) Acesso em 20 de julho de 2013.

no momento em que quase todas as provas foram apagadas. Os cadáveres foram queimados, as câmaras de gás foram explodidas, restando apenas indícios, não podendo haver rastros sobre os mortos, sobre a máquina destrutiva nazista.

O maior receio é de que, devido à brutalidade e crueldade, a própria memória do extermínio fosse desacreditada pelo seu absurdo. Os próprios alemães sabiam disso e se divertiam cinicamente:

Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito”. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas juntas com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager <sup>152</sup>

A máquina de destruição nazista previa não só a destruição física dos judeus, mas também o intento de eliminar toda a memória que pudesse dar indício, uma prova do massacre sem precedentes na história. Como nos informa Márcio Seligmann-Silva:

Auschwitz pode ser compreendido como uma das maiores tentativas de “memoricídio” da história. A história do Terceiro Reich, para Levi, pode ser “relida como a guerra contra a memória, falsificação orweliana da memória, falsificação da realidade, negação da realidade”. Os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa (no sentido de Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma- e, portanto, envolve a resistência e superação da negação-, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável <sup>153</sup>

Em um ensaio intitulado *Verdade e memória do passado*, Jeanne Marie Gagnebin discorre que a liderança nazista, prevendo o final da guerra, se encarregou de abolir as provas, queimando arquivos, desaparecendo com corpos já enterrados, tentando anular todos os rastros da existência do genocídio. Segundo Gagnebin:

---

<sup>152</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.09.

<sup>153</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In SELIGMANN-SILVA, Márcio História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p.51-52.

Primo Levi insiste, desde as primeiras linhas de *Os afogados e os sobreviventes*, sobre a vontade nazista de destruir a possibilidade mesma de uma história dos campos. Eles deveriam se tornar duplamente inenarráveis: inenarráveis porque nada que pudesse lembrar sua existência subsistiria e porque, assim, a credibilidade dos sobreviventes seria nula. O pesadelo comum que assombra as noites dos prisioneiros dos campos-retornar, enfim, à sua própria casa, sentar-se com os seus, começar a contar o horror já passado e ainda vivo e notar, então, com desespero, que os entes queridos se e se vão porque eles não querem nem escutar e nem crer nessa narrativa<sup>154</sup>.

Segundo a autora, as teses revisionistas surgidas posteriormente são uma consequência lógica dessa postura do regime nazista, que, de forma consciente, elaborou uma estratégia de aniquilação dos judeus e outros prisioneiros do campo, como também da memória e da história, ao anular os rastros de sua existência.

Outro ponto importante do livro, escrito no contexto da luta política de Levi em relação ao revisionismo e o negacionismo do Holocausto, destaca que a história dos campos de concentração deveria ser ensinada, sobretudo, aos jovens. O escritor argumenta que a geração de 1980, contexto em que escreveu o livro, está cada vez mais distante, sendo os termos Auschwitz, campos de extermínio, identificados como “coisas” longínquas, distantes.

Para o autor, isso acontece por diversos motivos, entre os quais o contexto histórico, tendo em vista que a configuração do mundo mudou profundamente. A Europa não é mais a referência cultural única do planeta, a luta pela liberdade política reconfigurou os mapas da Ásia e da África e o contexto de “Guerra Fria”, entre Estados Unidos e União Soviética perdeu muito de sua ideologia. Nesse mundo pós-moderno, efêmero, contagiado pela celebração do consumo, influenciado pelas mídias eletrônicas, os jovens são levados a serem adultos céticos, privados de seus ideais, sempre desconfiados das grandes verdades impostas, predispostos a aceitarem verdades variáveis, dependendo do contexto, da moda cultural. Nesse sentido, Primo Levi destaca a importância de *Os afogados e os sobreviventes* na citação abaixo:

Para nós, falar com os jovens é cada vez mais difícil. Percebemos que falar com eles é, simultaneamente, um dever e um risco: o risco de parecer anacrônico, de não ser escutado. Devemos ser escutado: acima de nossas experiências individuais, fomos coletivamente testemunhas de um evento fundamental e inesperado, fundamental justamente porque inesperado, não previsto por ninguém. Aconteceu contra toda previsão; aconteceu na Europa; incrivelmente, aconteceu

---

<sup>154</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. pág-46.

que todo um povo civilizado, recém saído do intenso florescimento cultural de Weimar, seguisse um histrião cuja figura, hoje, leva ao riso; no entanto, Adolf Hitler foi obedecido e incensado até a catástrofe. Aconteceu, logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer<sup>155</sup>.

Em seu último artigo, escrito no jornal *La Stampa*, “Buco nero di Auschwitz”<sup>156</sup>, publicado em 22 de janeiro de 1987, pouco tempo antes de seu suicídio, Primo Levi questiona os livros de Nolte e Hillgruber, que banalizavam o extermínio nazista. Um dos pontos discutidos pelos autores alemães foi comparar a estrutura interna dos campos de extermínio aos Gulags Soviéticos<sup>157</sup>, estabelecendo uma equivalência histórica entre eles.

Primo Levi preconiza que não é possível estabelecer paralelos, mencionando que os soviéticos não poderiam ser considerados inocentes, visto que os *Gulags* também eram espaços de horror; todavia, defende, em seu discurso, a unicidade dos campos de extermínio nazistas. No artigo em questão, Levi destaca que as deportações em massa, as hostilidades, os confinamentos e as torturas, realmente não são invenções alemãs, embora enfatize o que ele considera a autêntica contribuição tecnológica alemã para o horror, que teriam sido as câmaras de gás e os fornos crematórios.

Em outra parte do artigo, o escritor destaca que o objetivo dos “campos” eram diferentes pois, nos *Gulags*, os massacres não se baseavam em um critério racial, visto que a população exterminada era composta de indivíduos “socialmente iguais”. Nesse ponto, Levi destaca:

El gulag existía antes que Auschwitz, eso es verdad, pero no se puede olvidar que esos dos infiernos no perseguían los mismos objetivos. El primero era una masacre entre iguales: no se basaba en la preeminencia racial, no dividía a la humanidad en superhombres y subhombres. El segundo se fundamentaba en una ideología impregnada de racismo. Si hubiera prevalecido, hoy nos encontraríamos en un mundo dividido en dos, “nosotros” los señores por un lado, y todos los demás o bien a su servicio o exterminados por ser de raza inferior. El desprecio por la igualdad fundamental de

---

<sup>155</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.172.

<sup>156</sup> Disponível em [http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com\\_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,0969\\_01\\_1987\\_0018\\_0001\\_13299984/](http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,0969_01_1987_0018_0001_13299984/) Acesso em 20 de julho de 2013.

<sup>157</sup> Era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime da União Soviética. Este sistema funcionou de 25 de Abril de 1930 até 1960.

derechos entre todos los seres humanos se manifestaba en multitud de detalles simbólicos, desde el tatuaje de Auschwitz hasta la utilización en las cámaras de gas de un veneno que se había empezado a fabricar precisamente para limpiar las bodegas de los barcos infestados de ratas<sup>158</sup>.

O escritor, em nenhum momento, desqualifica ou relativiza o horror extremo dos *Gulags*, mas defende que a morte não era o principal objetivo do campo, era sim um subproduto tolerado com indiferença. Os campos de extermínio nazistas eram “buracos negros”, onde homens, mulheres e crianças eram tragados, perdendo suas vidas. Para Levi:

Ni siquiera en las páginas de Solzhenitsin, en las que bulle una indignación totalmente justificada, se percibe nada que pueda parecerse a Treblinka o a Chelmno, que no proporcionaban trabajo, que no eran campos de concentración, sino “agujeros negros” destinados a hombres, mujeres y niños culpables solo de ser judíos, “agujeros” en los que no se bajaba de los trenes más que para entrar en las cámaras de gas, de las que nadie salió vivo<sup>159</sup>

Ao mencionar outras diferenças, o escritor cita o trabalho realizado pelos Einsatzkommandos<sup>160</sup>, grupos especializados no extermínio da população civil. Nos *Gulags*, também não houve notícias de seleções, “procedimentos médicos”, onde se decidia quem iria para as câmaras de gás e quem seria destinado ao trabalho escravo. Segundo Primo Levi, as câmaras de gás eram uma invenção estritamente alemã, altamente funcional, tecnológica:

Las cámaras de gas no eran una imitación “asiática”, eran bien europeas. El gas estaba producido por ilustres fábricas químicas alemanas; a estas fábricas alemanas iban a parar los cabellos de las mujeres masacradas, a los bancos alemanes llegaba el oro de los diwntes extraídos a los cadáveres. Todo eso es específicamente alemán, y ningún alemán debería olvidarlo; igual que no debería olvidar que en Alemania, y únicamente en la Alemania nazi, se ha llevado a una muerte atroz incluso a niños y moribundos en nombre

---

<sup>158</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p. 516.

<sup>159</sup> Ibidem.p.516.

<sup>160</sup> Grupos de Intervenção em alemão, grupos paramilitares formados por Heinrich Himmler durante a Segunda Guerra Mundial, responsáveis diretos pela “Solução Final da Questão Judaica” nos territórios conquistados. Calcula-se que estes grupos tenham matado entre 1941 e 1945 mais de 1,3 milhões de pessoas, metralhadas ao ar livre, depois jogada em fossas.



de um radicalismo abstracto y feroz, sin parangón em épocas modernas<sup>161</sup>.

Primo Levi encerra seu artigo discutindo a polêmica sobre a atuação dos países aliados em relação à omissão aos milhares de prisioneiros dos *Lagers*. Cita, por exemplo, o fato de os Estados Unidos se negarem a bombardear as linhas férreas que levavam a Auschwitz, sendo que bombardearam as instalações industriais, salvando milhares de vidas. Menciona que a falta de auxílio tinha razões sórdidas, o temor de manter centenas de milhares de refugiados, sobreviventes. Para o escritor, a Alemanha deve encarar seu passado, se propor a pensar as condições que culminaram no campo de extermínio, servindo de lição para que isso não se repita.

Em sua intensa luta política contra o revisionismo histórico, Levi usa o termo “buraco negro” para designar que a “realidade histórica” estava sendo distorcida, negada e, portanto, esquecida. Seus textos publicados em revistas, jornais e em conferências em universidades e colégios, nos servem como pilares, uma estrutura ética e moral contra as distorções, o apagamento político de uma memória. Sua trajetória intelectual é marcada por uma narrativa responsável e ética, tentando estudar e entender os erros passados para que as próximas gerações não cometam os mesmos equívocos. A história, nessa acepção, se avigora como ensinamento, como engajamento político e perspectiva de transformações sociais.

Não obstante, é preciso salientar que, mesmo com sua intensa luta, a “missão de Primo Levi” não obteve completo êxito. Nosso passado recente demonstra que seus testemunhos, evidentemente, não foram suficientes para amenizar as diferentes formas de violência do homem contra minorias, contra os desfavorecidos. Ainda vemos a violência contra o diferente, o racismo, o xenofobismo, a homofobia, o antissemitismo. Os “Holocaustos” ainda sendo perpetuados, de maneiras diferentes, mas se alastrando em situações históricas distintas, no Camboja, Sudão, Ruanda, Iraque, no Afeganistão, provocando deportações, refugiados, genocídios, violência extrema.

Revisitar as obras de Primo Levi se torna um exercício pungente, caso tenhamos uma postura moral e ética frente aos desafios do cenário político atual, tempos sombrios que se perpetuam.

---

<sup>161</sup> ANISSIMOV, Myriam. Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste”) p. 517.

## 2.4 – Negacionismo, Ética e justiça: A falsificação da Escrita da História.

Atualmente, o Holocausto tem sido um tema bastante recorrente no meio intelectual e também objeto da cultura de massa. Inúmeras publicações, livros, filmes e séries televisionadas debatem assuntos referentes à Segunda Guerra Mundial como também ao Holocausto. Isto nos trás uma reflexão sobre a própria função da história, que, não sendo meramente uma enumeração de fatos, emerge, nesse sentido, como um campo complexo, algo mais que lembrar os acontecimentos, mas uma luta política envolvendo diferentes interesses, dentre os quais se situa a negação do Holocausto.

No campo historiográfico, o debate sobre o Holocausto, principalmente sua negação enquanto acontecimento “real”, explicita uma difícil relação entre história e verdade, sobre a cientificidade do conhecimento histórico, sobre a intrínseca relação entre razão e fatos.

Sobre essa questão, principalmente ao debater conceitos como “verdade”, “falso” e “ficcional”, recorremos ao historiador italiano Carlo Ginzburg, para quem:

Os historiadores (e, de outra maneira, também os poetas) têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo<sup>162</sup>.

Podemos situar a década de 1970 como momento histórico do surgimento de vários trabalhos historiográficos abordando a fragilidade epistemológica da história, sobretudo no que tange à dificuldade da elaboração de narrativas que se pautem em verdades científicas, a problematização do real e do fictício, da “verdade” e da “mentira”.

Em trabalhos historiográficos, é comum observarmos a identificação de “fatos” como verdade e a ficção como seu oposto. Entretanto, a ficção não necessariamente é incompatível com a verdade. Dentro dos debates em relação à narrativa historiográfica, ficção e verdade são concepções que não anulam o fato de sabermos “verdades” sobre o passado. Nas palavras de Hayden White:

[...] no começo do século XIX tornou-se convencional, pelo menos para os historiadores, identificar a verdade com o fato e considerar a

---

<sup>162</sup> GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 14.

ficção o oposto da verdade, portanto um obstáculo ao entendimento da realidade e não um meio de apreendê-la. A história passou a ser contraposta à ficção e sobretudo ao romance, como a representação do ‘real’ em contraste com a representação do ‘possível’ ou apenas ‘imaginável’. E assim nasceu o sonho de um discurso histórico que consiste tão somente nas afirmações factualmente exatas sobre o domínio de eventos que eram (ou foram) observáveis em princípio, cujo arranjo na ordem de sua ocorrência original lhes permitisse determinar com clareza o seu verdadeiro sentido ou significação<sup>163</sup>.

Dessa forma, podemos considerar que, mesmo os historiadores inclinados em analisar o caráter narrativo da história, não dispensam a concepção de que se trata de acontecimentos passados verdadeiros. Dentre esses historiadores, destacamos o nome de Hayden White, defensor do caráter ficcional da narrativa histórica, ao defender o fato de o texto historiográfico estar inserido nos limites intrínsecos da relação entre “fatos” e “eventos”. Em relação aos “eventos”, White afirma que este pode estar inserido nas relações entre espaço e tempo, ou seja, por “eventos”. O autor não se refere apenas a fenômenos lingüísticos, os eventos a que se refere possuem realidade, entendendo a história como a soma de eventos de um passado. Em relação aos “fatos”, discorre que são construídos, mas nem por isso deixam de ser verdadeiros. White diz:

Fui criticado por minha concordância com a afirmação de Barthes: 'Le fait n'a jamais qu'une existence linguistique' (o fato não tem nada além de uma existência lingüística). Isto foi tomado para sugerir que os eventos são somente fenômenos lingüísticos, que os eventos não possuem realidade e que, portanto, não existem em nunca existiram algo como “eventos históricos”. Um tal ponto de vista, se alguém já o teve, é manifestadamente absurdo. Por “história” (considerada como o objeto da pesquisa histórica), nós podemos somente entender a soma total de todos os eventos (incluindo a interconexão entre eles) que aconteceram no “passado”. Os eventos devem ser tomados como dados e, certamente, não são construídos pelo historiador. Diferente do que acontece com os “fatos”. Eles são construídos: nos documentos que atestam a ocorrência de eventos, por partes interessadas que fazem comentários sobre os eventos ou os documentos e por historiadores interessados em dar um relato verdadeiro do que realmente aconteceu no passado e distinguindo isto daquilo que somente parece ter acontecido. São os fatos que são instáveis, sujeito a revisão e a interpretação e até mesmo, com bons fundamentos, descartados como ilusões. (...) Assim (...) “fatos” – diferente de eventos – são entidades lingüísticas e por isto eu digo que, como formula o filósofo Arthur Danto, “fatos” são „eventos sob uma descrição. (...) A relação entre fatos e eventos está sempre aberta

---

<sup>163</sup> WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. in: Trópicos do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2001, p. 139.

a negociação e a reconceitualização não porque os eventos mudam com o tempo, mas porque nós mudamos nossa forma de conceitualizá-los<sup>164</sup>.

Hayden White, no seu artigo “Enredo da verdade na escrita da história”, retomando algumas considerações propostas em *Meta-História*, trata de modo específico sobre o problema epistemológico em relação à (i) representabilidade do Holocausto. Neste texto, o historiador destaca que existe uma relatividade em toda representação do fenômeno histórico em função da linguagem utilizada para descrever os eventos passados. O historiador reafirma sua crítica ao discurso pautado no realismo, campo pleiteado pela historiografia do século XIX, destacando que, no mundo contemporâneo, existem maneiras mais eficientes de representação das relações reais, uma mudança na historiografia, sendo o realismo insuficiente para representar um fenômeno tão complexo como o Holocausto. Hayden White afirma:

Os modos de representação modernistas podem oferecer possibilidades de representar a realidade de ambos, o Holocausto e a sua experiência, que nenhuma outra versão de realismo poderia fazer [...] Sugerir que nós iremos abrir mão do esforço de representar o holocausto realisticamente, mas sim que nossa noção daquilo que constitui a representação realista deve ser revisada pra levar em conta as experiências que são únicas ao nosso século e para quais modelos mais antigos de representação têm provado ser inadequados<sup>165</sup>.

Ao posicionar-se que as histórias narrativas (estórias) se aproximam das narrativas ficcionais, Hayden White ficou estigmatizado como um historiador “relativista”, e que este implicaria em última instância, o relativismo de temas complexos, como o Holocausto.

Carlo Ginzburg, historiador italiano, em um artigo publicado em 1992, intitulado “Unus testis-O extermínio dos judeus e o princípio de realidade”, onde o autor discute a questão do testemunho, tecendo críticas à representação do Holocausto na obra de Hayden White, além de evidenciar sua preocupação com a problemática do relativismo que a obra de White implicava. Devemos ressaltar que Ginzburg associa o relativismo histórico como um dos pressupostos para a negação do Holocausto. Em seu longo texto,

---

<sup>164</sup> WHITE apud MORAES Luís Edmundo de Souza. “O Negacionismo e o problema da legitimidade da *escrita sobre o Passado*”. In Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

<sup>165</sup> WHITE, Hayden. Enredo e verdade na escrita da história. In: MALERBA, Jurandir: *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, p.206 e 207.

o historiador italiano destaca que devemos estar atentos às evidências disponíveis, mesmo que estas se reduzam a um só testemunho.

Na concepção de Carlo Ginzburg, é imprescindível a ideia de documentos como sinônimo de “prova”, um referencial a partir do qual seria possível se chegar a uma verdade. O historiador, ao criticar White, menciona que devemos problematizar a identificação natural de narrativa histórica com narrativa ficcional, tendo em vista que, ao negar a possibilidade da “prova”, nega-se também a possibilidade de uma verdade histórica. Em seu artigo, Ginzburg menciona: “[...] qualquer documento, a despeito de seu caráter mais ou menos direto, sempre guarda uma relação altamente problemática com a realidade. Mas a realidade (“a coisa em si”) existe”<sup>166</sup>.

O artigo de Carlo Ginzburg contempla-nos com várias reflexões, por ora, importa-nos destacar como para o historiador italiano, as fontes e os testemunhos utilizados na composição das narrativas históricas nos permitem traçar indícios, buscar a “verdade” no relato. Defende de forma enfática que as formulações de Hayden White podem, em último caso, levar a um questionamento em relação ao Holocausto, principalmente quando o único critério para a produção da verdade esteja no conteúdo dos elementos internos da narrativa. Ginzburg propõe, nesse sentido, que a percepção da realidade dos fatos não esteja apenas “dentro” das narrativas, mas nos elementos “extra-textuais”, ou seja, para o historiador, as referências, a pesquisa contribuirá para uma argumentação, assumindo papel de “prova”. Nas palavras do autor:

A postura, hoje difundida, em relação às narrativas historiográficas me parece simplista porque examina, normalmente, só o produto final sem levar em conta as pesquisas (arquivísticas, filológicas, estatísticas etc.) que o tornaram possível [...] Deveríamos, pelo contrário, deslocar a atenção do produto literário final para as fases preparatórias, para investigar a interação recíproca, no interior do processo de pesquisa, dos dados empíricos com os vínculos narrativos<sup>167</sup>.

Mas, por quais motivos o Holocausto se torna um tema tão urgente? As narrativas testemunhais acerca do Holocausto são justificadas pela necessidade de narrar o horror, com o intuito de evitar que genocídios semelhantes aconteçam novamente. Zygmunt Bauman destaca:

---

<sup>166</sup> GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 229.

<sup>167</sup> GINZBURG, Carlo. Relações de força: história, retórica, prova. São Paulo: companhia das letras, 2002, p.114.

[...]podemos suspeitar que as condições que um dia deram origem ao Holocausto não foram radicalmente transformadas. Se havia algo em nossa ordem social que tornou possível o Holocausto em 1941, não podemos ter certeza de que foi eliminado desde então<sup>168</sup>.

Algumas dessas “condições” perpetuam, ainda hoje, a negação do Holocausto continua. O que nos chama a atenção é o fato dos “revisionistas” e “negadores” justificarem suas teorias a partir de um movimento de revisão da história, legítimo do ponto de vista acadêmico, se tratando de uma revisão como qualquer outro período da história. Devemos ressaltar que dentro da historiografia existe uma legítima prática da revisão histórica, basta nos lembrar das novas interpretações sobre o papel individual de Hitler no extermínio nazista ou a decisão de lançar a bomba atômica nas cidades japonesas. Ponto relevante é que os historiadores, em suas pesquisas, estão interessados não na existência dos fatos que, na maioria das vezes, estão bem documentados, mas com suas causas e consequências. Ou seja, a negação do Holocausto encontra dificuldades pelo fato do tema ser um dos mais documentados, estudados em toda a história.

Grande parte da literatura revisionista apresenta uma análise detalhada, pautada por uma metodologia, uma documentação plausível, ou seja, estão adequadas às exigências do meio científico. Aí reside um dos maiores problemas, pois não podemos nos enganar tão facilmente, uma vez que a diferença entre pesquisa racional e propaganda política reside em pequenos detalhes. Segundo Luis Milman:

O negacionismo, numa perspectiva estritamente historiográfica, não é uma interpretação alternativa, nem reacionária, nem mesmo nazistófila, do hitlerismo. Ele é uma construção ideológica de aparência histórica e, nessa condição, não suscita problemas ao nível de compreensão do Holocausto e das suas consequências. O desafio que os negacionistas nos apresentam é de outra natureza: na medida em que constroem uma versão fictícia da História e que essa versão produz efeitos políticos, os negacionistas obrigam-nos não somente a refutá-los, mas a fazermos uma reflexão sobre a relevância do papel da História e da memória para a educação humanista<sup>169</sup>.

---

<sup>168</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.p. 109.

<sup>169</sup> MILMAN, Luis. “Negacionismo: Gênese e Desenvolvimento do Genocídio Conceitual”. In: MILMAN, Luis e VIZENTINI, Paulo Fagundes (orgs.). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2000.p.115.

Ao tratar do tema do negacionismo, Luís Edmundo de Souza Morais no artigo “Negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o Passado”, nos indica que, ao colocarmos as afirmações dos negacionistas como trabalho historiográfico, de forma indireta, concedemos legitimação a esse tipo de escrita, além de cairmos na sua própria rede, isso propriamente por dois motivos. Segundo o historiador:

Por um lado, os negacionistas oferecem ao público receptor um pseudopassado ou seja, uma narrativa com afirmações falsas sobre um tempo passado: uma narrativa sobre o período do Terceiro Reich sem o programa de exclusão e extermínio de “indesejáveis”, sem o assassinato industrial perpetrado pelos nazistas e sem campos de extermínio. A isto eles denominam “interpretação”, feita, afirmam, a partir dos mesmos procedimentos reconhecidos como válidos no âmbito da disciplina “História”. Além deste, os intelectuais negacionistas nos oferecem um outro produto: uma imagem de si próprios como legítimos interlocutores no campo de investigações das ciências sociais que toma por objeto o nacional socialismo, o Terceiro Reich e suas práticas<sup>170</sup>.

Nesse mesmo artigo, o autor destaca que, ao se intitularem como historiadores, os negacionistas buscam dois tipos de legitimidade: a profissional associada à formação de historiador e a legitimação de que goza a historiografia na contribuição do conhecimento histórico sobre um tempo passado.

Partindo destes pressupostos, a escrita negacionista não pode ser considerada um texto historiográfico, por não compartilhar os procedimentos necessários para a construção do conhecimento históricos, pois o negacionismo se caracteriza por ser uma construção ideológica com propostas bem definidas, entre elas, a tentativa de afirmar a ausência da culpa da alemã, como também a negação do genocídio de milhões de pessoas.

Pierre Vidal-Naquet, em seu livro *Os Assassinos da Memória*, rechaça, de forma sistemática, o revisionismo e o negacionismo do Holocausto. O autor pontua que não há como argumentar com os “revisionistas”, por não haver um campo comum de debate, destacando que a produção revisionista não passa de “anatomia de uma mentira”. Nas palavras de Vidal-Naquet:

---

<sup>170</sup> MORAES Luís Edmundo de Souza. “O Negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o Passado”. In Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.p.

Um diálogo entre dois homens, mesmo adversários, supõe um terreno comum, um respeito comum, no caso, pela verdade. Com os “revisionistas”, esse campo não existe. Seria possível um astrofísico dialogar com um “pesquisador” que afirma ser a Lua feita de queijo Roquefort? Esses personagens situam-se nesse nível. E é claro, da mesma forma que não existe verdade absoluta, não existe mentira absoluta, embora os “revisionista” se esforcem corajosamente para alcançar esse ideal. Quero dizer que, quando se constata que os passageiros de um foguete ou de uma nave espacial deixaram algumas gramas de Roquefort na Lua, não é possível negar essa presença. Até hoje, a contribuição dos “revisionistas” a nossos conhecimentos situa-se no plano da correção de algumas sílabas de um texto longo, o que não justifica um diálogo, principalmente porque ampliaram desmesuradamente o registro da mentira<sup>171</sup>.

A partir do que foi explicitado, concluímos que devemos tomar cuidado com as armadilhas nas quais podemos cair quando não problematizamos argumentos, ideias que se revestem de escrita historiográfica, as que na verdade, são construções ideológicas no sentido de uma disputa pela memória do passado. Devemos nos atentar na distinção entre o “falso” e o “verdadeiro”, nas panfletagens políticas transfiguradas em “texto legítimo”. Ao recuperarmos a memória do Holocausto, contribuímos para inserir a discussão em um ambiente político, a luta contra o esquecimento. Nesse ponto, compartilhamos as concepções de Pierre Vida-Naquet, que descreve os negacionistas como “assassinos da memória”.

## 2.5 – Primo Levi e a dimensão moral do testemunho.

A leitura reflexiva da obra de Primo Levi, sua parte “testemunhal” e “ficcional”, nos faz pensar nas concepções teóricas e metodológicas do testemunho. Márcio Seligmann-Silva, no artigo “O Testemunho: entre a Ficção e o Real”, destaca que a palavra testemunho pode ter dois sentidos: *testis* e *superstes*. Interessa-nos, por ora, o sentido atribuído em *superstes*, aquele que passou por uma situação específica, o sobrevivente, que passou por uma provação e voltou para testemunhar, como no caso de Primo Levi. Por uma questão ética e moral, devemos acreditar, dar ouvidos aos sobreviventes. Seligmann-Silva discorre:

---

<sup>171</sup> VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os Assassinos da Memória*. Campinas, SP: Papirus, 1988.p.10 e11.



O sobrevivente, aquele que passou por um “evento” e viu a morte de perto, desperta uma modalidade de recepção nos seus leitores que mobiliza a empatia na mesma medida em que desarma a incredulidade. Tendemos a dar voz ao mártir, vale dizer, a responder a sua necessidade de testemunhar, de tentar dar forma ao inferno que ele conheceu – mesmo que o fantasma da mentira ronda as suas palavras<sup>172</sup>.

Seguindo as proposições de Fernando Kolleritz, no artigo *Testemunho, juízo político e história*<sup>173</sup>, devemos dar crédito às testemunhas, julgar que são capazes de dizer a verdade, por estarem comprometidas moralmente com suas narrativas, sustentando, dessa forma, uma percepção do real. Nesse sentido, o testemunho de Primo Levi, em relação aos horrores do Holocausto, deve ser creditado por sua dimensão moral, como indício de um engajamento político na história, para que, se aconteceu, não aconteça mais.

Preconizamos que toda a obra de Primo Levi seja lida, pensada e discutida, dentro da “Academia”, mas principalmente fora dela, recuperando-a, retransmitindo a terceiros. Acreditamos que a maior contribuição a ser dada por essa dissertação seja a reflexão sensível da obra de Primo Levi, salientando sua atualidade, em um mundo ainda repleto de “genocídios”. Outra questão fundamental é, segundo Gagnebin, repensar o conceito de testemunha, para que cada leitor de Primo Levi ou outros sobreviventes se tornem também testemunhas. Nas palavras de Gagnebin:

[...] uma ampliação do conceito de testemunha se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o historiador de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente<sup>174</sup>

---

<sup>172</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). O Testemunho: entre a Ficção e o Real. In *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Unicamp, 2003. p. 375 e 376.

<sup>173</sup> KOLLERITZ, Fernando. Testemunho, juízo político e história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº 48, v. 24, p. 73-100, 2004.

<sup>174</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. pág-57.

## Considerações Finais.

A partir do que foi explicitado, podemos perceber em um primeiro momento, a importância da ampliação das abordagens teórico-metodológicas na escrita da história, o que levou a um alargamento da noção de documento histórico, à interdisciplinaridade, possibilitando, dessa forma, o uso de crônicas, entrevistas e contos, a literatura como produto cultural e expressão de um tempo social. Assim sendo, os historiadores devem lidar com os materiais literários em busca de vestígios históricos.

Ao considerarmos essa perspectiva, podemos, a partir de uma leitura reflexiva do escritor italiano Primo Levi, seus contos e crônicas publicados principalmente no jornal “*La Stampa*”, de Turim, seus livros testemunhais *É isto um Homem?*, *A Trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*, traçar o perfil de um escritor que, após retornar de Auschwitz, tem a necessidade quase fisiológica de narrar, testemunhar.

Chama-nos a atenção a produção menos conhecida de Primo Levi, como a escrita de poemas, com forte conotação moral, lembrando seus dias no campo de extermínio, narrando por aqueles que não puderam voltar, dar seu testemunho. É quase desconhecido, pelo menos de um público não especializado, o fato de Levi ter uma vasta literatura de cunho ficcional, além de exercer seu trabalho como químico, por mais de trinta anos, na Empresa La Siva, onde foi um dos maiores especialistas em vernizes, no mundo. A química, para Levi, não era apenas seu sustento, mas influenciou seu estilo como escritor, ao privilegiar uma escrita clara, precisa, racional, descrever aos seus leitores com o máximo de nitidez possível. Outro fato importante é que a química é um tema recorrente tanto em sua produção narrativa, como em seu livro autobiográfico *A Tabela Periódica*.

Levi reivindicava o direito de escrever contos, poesias e crônicas, se sentia incomodado com o fato de ser um autor destinado ao testemunho dos campos de extermínio. Nesta dissertação, podemos levantar algumas constatações sobre a escrita ficcional de Primo Levi, principalmente uma análise de *Lillit- passado próximo*, onde o autor por meio de contos publicados entre 1975 e 1981 retoma a problematização já discutida em *É isto um Homem?*, narrando seu cotidiano em Auschwitz, também histórias de colegas prisioneiros, todos com forte conteúdo ético e moral. Temos como hipótese a opção de Primo Levi em publicar *Lilith*, em um momento histórico que se

caracterizava pelo aumento do anti-semitismo na Itália, bem como a grande aceitação das “teses revisionistas”. Desse modo, *Lilith* retoma a discussão sobre o Holocausto, um testemunho ético e moral, no sentido que, se aconteceu, poderá acontecer novamente.

Na segunda parte da dissertação, foi possível salientar um pouco mais da figura humana de Primo Levi. A partir da década de 1980, o escritor passou por diversas fases depressivas, o que ocasionou, em última instância, seu suicídio em 11 de abril de 1987. Tema ainda polêmico, seu suicídio levanta intensos debates, entre os que acreditam que o autor não conseguiu viver com as lembranças de Auschwitz e aqueles que preferem acreditar que tudo não passou de um acidente.

Ao analisarmos suas obras e os fatos de seu cotidiano, tivemos a oportunidade de perceber que vários fatores agrupados contribuíram para um grave depressão, levando-o ao suicídio. A doença de sua mãe, o fato de ficar enclausurado em casa, o receio de perder a memória, os recorrentes problemas na próstata, o medo de ficar inválido. No plano social, vimos que o autor tinha a percepção de ter testemunhado em vão, principalmente pelo forte antissemitismo, a constante negação do Holocausto veiculada em jornais e revistas, os genocídios que não paravam de se perpetuar.

Neste ponto, discorreremos sobre a intensa contribuição de Primo Levi, sua luta política contra a negação do Holocausto, de seu relativismo que, em última instância, contribui para seu esquecimento. Levi teve uma carreira intelectual intensa, suas narrativas nos indicam a atualidade de seu testemunho, destacando que o escritor o fazia não apenas em seu nome, mas no de todos aqueles que, por algum motivo, não puderam dar seu testemunho.

Acredito que a maior contribuição a ser dada por esta dissertação de mestrado seja para que a memória do Holocausto presente nas obras de Primo Levi, não caiam no esquecimento, que não sejam “revisadas” ou “negadas”, sim problematizadas e entendidas no contexto histórico atual. Desta forma, ensinamos ressaltar a importância da ampliação do conceito de testemunha por delegação, para que a memória do Holocausto, além de não cair no esquecimento, seja considerada uma marco ético e moral, que nos ajude a refletir sobre as situações de violência no mundo atual.

## Referências Bibliográficas.

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade”. *Caros Amigos*. São Paulo. n. 29, ago. 1999.

ANGIER, Carole. *The Double Bond: Primo Levi, a Biography*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002.

ANISSIMOV, Myriam. *Primo Levi ou la tragédie d’ un optimiste*. Madrid: Editorial Complutense, 2001. (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’un optimiste”).

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. (Trad.) In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2001.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. 5ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

AURETTA, Christopher Damien. Poesia e memória na obra de Primo Levi. Disponível em: [http://www.spq.pt/boletim/docs/BoletimSPQ\\_084\\_023\\_08.pdf](http://www.spq.pt/boletim/docs/BoletimSPQ_084_023_08.pdf). Acesso em : 09 mar. 2013. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAVESI, Anna. *A língua que salva: Babel e literatura em Primo Levi*. 2012. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/annabasevimestrado.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2013.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORGES, Jorge Luis. Funes o memorioso. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas I* (1923-1949). Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1999, p. 549-546.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Ano 1, Número 3, , junho, 2010.

BURKE, Peter. *Variedades da História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. *A vida ao Rés-do-chão*. Coleção - Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1980.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs). *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Relações de Força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

KOLLERITZ, Fernando. Testemunho, juízo político e história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº 48, v. 24, p. 73-100, 2004.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. *É isto um Homem?*. São Paulo: Editora Rocco, 1985.

\_\_\_\_\_. *A trégua*. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

- \_\_\_\_\_. *A tabela periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O último natal de guerra*. Trad. Maria do Rosário T. Aguiar. São Paulo: Berlendis & Vertecchia 2002.
- \_\_\_\_\_. *71 contos*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O dever de memória: entrevista com Anna Bravo e Federico Cereja*. Trad. de Esther Mucznik. Lisboa, Edições Cotovia, 2010.
- \_\_\_\_\_. Buco nero di Auschwitz. *La Stampa*, 22 jan. 1986. Disponível em [http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com\\_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,0969\\_01\\_1987\\_0018\\_0001\\_13299984/](http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,0969_01_1987_0018_0001_13299984/). Acesso em 20 de Junho de 2013
- \_\_\_\_\_. Chi vuole l'odio antisemita. *La Stampa*, 13 mar. 1979. Disponível em [http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com\\_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,1071\\_01\\_1979\\_0058\\_0003\\_15318942/](http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,1071_01_1979_0058_0003_15318942/). Acesso em 20 de Junho de 2013.
- \_\_\_\_\_. Um lager alle porte d' Itália. *La Stampa*, 19 jan. 1979. Disponível em [http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com\\_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,1069\\_01\\_1979\\_0016\\_0003\\_15291593/](http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/Itemid,3/action,detail/id,1069_01_1979_0016_0003_15291593/). Acesso em 20 de Junho de 2013.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1996.
- MILMAN, Luis. “Negacionismo: Gênese e Desenvolvimento do Genocídio Conceitual”. In: MILMAN, Luis e VIZENTINI, Paulo Fagundes (orgs.). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2000.
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, *Projeto História*. São Paulo: PUC, dezembro de 1993, n. 10, pp. 07-28.
- PACANO, Fábio Augusto. História, Memória e Identidade. *Dialogus*. Ribeirão Preto, SP., v.1, n.1, p. 41-50, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy e LEENHARDT, Jacques. Introdução. In:\_\_\_\_\_. *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP:Unicamp, 1998.
- \_\_\_\_\_. Crônica: a leitura sensível do tempo. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 7, p. 30, jul. 1997.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Vol. 05, nº 10, 1992.
- \_\_\_\_\_. Memória, Esquecimentos e Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV/ Edições Vértice, vol 3, 1989.
- PROUST, M. *Em Busca do Tempo Perdido*. 10ª Ed. 7 vol. São Paulo: Globo, 1992.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

- ROSSI, Paolo. *O passado, a memória e o esquecimento*. São Paulo, UNESP, 2010.
- SANTOS, Regma Maria. *Memórias de um Plumitivo: impressões cotidianas de Lycidio Paes*. Uberlândia, MG: ASPPECTUS/FUNAPE, 2005.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SEIXAS, Jacy Alves de. *Os campos (in) elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica*”. In: SEIXAS, Jacy A., BRESCIANI, M. Stella & BREPOHL, Marion. (org.) *Razão e paixão na política*. p.59-77
- \_\_\_\_\_. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. p.37-58.
- \_\_\_\_\_. “Halbwachs e a memória-reconstrução do passado”. *História*. São Paulo: Ed Unesp, 20, 2001, pp. 93-108.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A História como Trauma”. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- \_\_\_\_\_(Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- \_\_\_\_\_. A literatura do trauma. *CULT- Revista de Literatura Brasileira*: São Paulo, Ano II, n 23, pág, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Auschwitz: história e memória. Pro-Posição*, São Paulo, 2000b v.11 n.2.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- THOMSON, Ian. *Primo Levi: A Life*. London, Metropolitan Books. 2003.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os Assassinos da Memória*. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.
- VOIGT, André F. O Holocausto, entre o realismo e o relativismo historiográfico: uma introdução ao estudo do Holocausto. *Revista História e-História*, Campinas, online, 2009.[Disponível em:<http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=94>] . Acesso em 30 de Julho de 2013
- WEINRICH, Harald. *Lete - arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WHITE, Hayden. Enredo e verdade na escrita da história. In: MALERBA, Jurandir: *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, p.191-210.

\_\_\_\_\_. "O texto histórico como artefato literário". In: \_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001

ZUCCARELLO, Maria Franca. O Poliedro Primo Levi. Disponível em: [http://www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/mariafranca\\_zuccarello.pdf](http://www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/mariafranca_zuccarello.pdf). Acesso em : 13 de março de 2013.